

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO (FABICO)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO (PPGMUSPA)

**MUSEU HISTÓRICO
REGIONAL
DE PASSO FUNDO**

**ESPELHAR OU PENSAR
A CIDADE?**

PRISCILA CARLA BATISTEL PULGA

PORTO ALEGRE

MAIO DE 2021

PRISCILA CARLA BATISTEL PULGA

**MUSEU HISTÓRICO REGIONAL DE PASSO FUNDO:
espelhar ou pensar a cidade?**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Orientadora: Professora Dr^a. Letícia Julião

Porto Alegre

2021

PRISCILA CARLA BATISTEL PULGA

**MUSEU HISTÓRICO REGIONAL DE PASSO FUNDO:
espelhar ou pensar a cidade?**

**Dissertação no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, da
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul**

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS)

Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack (UFCG)

Prof.^a Dr.^a Letícia Julião (UFMG) – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Bertotto (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

À minha Orientadora, Professora Letícia, pela paciência, incentivo e conhecimento mediado.

Ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela acolhida e mediação do conhecimento.

Às Professoras Ana Carolina Gelmini de Faria, Marcia Regina Bertotto e Professor Eduardo Roberto Jordão Knack, pelas contribuições na banca de qualificação.

Ao meu filho, Diogo Paulo, pelas tantas vezes que ficou ao meu lado, durante a pesquisa e escrita. Aos meus pais, Ivar e Ivanete, minha irmã Paola e meu companheiro Anderson, que não mediram esforços para me auxiliar neste momento. Aos amigos e amigas verdadeiros(as) que sempre me incentivaram a seguir.

À Tania Aimi Oliveira, por me apresentar uma museologia fascinante e desafiadora.

À Patrícia Vivian e toda a equipe dos Museus Histórico Regional de Passo Fundo e de Artes Visuais Ruth Schneider, pelo apoio e rapidez na disponibilização das fontes.

À Thaianne de Almeida pela arte maravilhosa da capa do trabalho.

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes.

Mário Chagas

RESUMO

A presente dissertação de mestrado investiga o Museu Histórico Regional (MHR) de Passo Fundo, precisamente o papel que desempenha na construção e legitimação da imagem da cidade e, conseqüentemente, na formação do imaginário urbano. A pesquisa está centrada na análise de exposições apresentadas pelo MHR em 2004 e 2018, respectivamente, e busca confrontá-las com as imagens da cidade legitimadas pela obra historiográfica de Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Delma Rosendo Gehm. Por meio da análise das narrativas expositivas, utilizando as categorias propostas por Meneses de cidade artefato, campo de forças e representação social, investigou-se em que medida o Museu estabeleceu um diálogo com o discurso da historiografia da cidade, produzida por Oliveira e Gehm, seja reproduzindo-o, seja interpelando-o. A pesquisa é descritiva, exploratória de cunho qualitativo a partir de análise documental e bibliográfica, tendo se desenvolvido através do estudo de fontes textuais e visuais do arquivo do MHR, com foco em suas exposições. As obras historiográficas mencionadas acima constituem o contraponto, a partir do qual se examinaram as imagens e o imaginário urbano sustentados pelo MHR. Imagens e imaginário que por momentos convergem e por outros divergem com os apresentados pelo autor e autora analisados nesse estudo. O projeto vincula-se ao Programa de Pós-Graduação Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMUSPA/UFRGS), na linha de pesquisa Museus, Museologia e Coleções.

Palavras-chaves: Museu de cidade. Imagem urbana. Passo Fundo. Museu Histórico Regional.

ABSTRACT

This master's thesis investigates the Regional Historical Museum (MHR) of Passo Fundo, precisely the role it plays in the construction and legitimization of the city's image and, consequently, in the formation of the urban imagination. The research focuses on the analysis of exhibitions presented by the MHR in 2004 and 2018, respectively, and seeks to confront them with images of the city legitimized by the historiographic work of Francisco Antonino Xavier e Oliveira and Delma Rosendo Gehm. Through the analysis of the exhibition narratives, using the categories proposed by Meneses of artifact city, field of forces and social representation, it was investigated to what extent the Museum established a dialogue with the discourse of the historiography of the city, produced by Oliveira and Gehm, either reproducing it or questioning it. The research is descriptive, exploratory and qualitative, based on documentary and bibliographic analysis, having been developed through the study of textual and visual sources from the MHR archive, with a focus on their exhibitions. The historiographic works mentioned above constitute the counterpoint, from which the images and urban imagery supported by the MHR were examined. Images and imagery that sometimes converge and sometimes diverge from those presented by the author and author analyzed in this study. The project is linked to the Postgraduate Program in Museology and Heritage at the Federal University of Rio Grande do Sul (PPGMUSPA/UFRGS), in the Museums, Museology and Collections research line.

Keywords: City Museum. Urban image. Deep step. Regional Historical Museum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Intendência Municipal na década de 1910	18
Figura 2 - Prédio dos Museus Histórico Regional e de Artes Visuais Ruth Schneider, Teatro Municipal Múcio de Castro e Academia Passo-fundense de Letras.	21
Figura 3 - Prefeito de Passo Fundo Luciano Azevedo e Reitora da Universidade de Passo Fundo Bernadete Dalmolin abrindo as portas dos Museus em agosto de 2019, após um ano de interdição	22
Figura 4 - Assinatura do Decreto de criação do Museu Histórico- Cultural, pelo Prefeito Salton	23
Figura 5 - Prédio dos Museus na noite da inauguração	33
Figura 6 - Reitor da Universidade de Passo Fundo, Pe. Elydo Alcides Guareschi assinando o livro de presenças do MHR na inauguração	33
Figura 7 - Professora da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF Mariane Loch Sbeghen (à esquerda) e a Museóloga dos Museus Tania Aimi Oliveira (à direita) na inauguração.....	34
Figura 8 - Exposição “Guarani e Kaingang: nosso povo esquecido...” no ano de 2002 com fotografias do fotojornalista Tadeu Vilani.....	40
Figura 9 - Exposição “Êg Rá Nossas Marcas” em 2013.....	40
Figura 10 - Exposição “Memória e Patrimônio Imaterial: Cultura Afro em Passo Fundo”	41
Figura 11 - Exposição “Mulheres pioneiras no MHR” no ano de 1997	42
Figura 12 - Francisco Antonino Xavier e Oliveira na ocasião em que foi orador nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil, em 1922	54
Figura 13 - Logo “Passo Fundo Tchê! A cidade mais gaúcha do Rio Grande do Sul”- 1987	87
Figura 14 - Complexo Turístico da Roselândia- Primeiro Pórtico de entrada	88
Figura 15 - Complexo Turístico da Roselândia - Segundo Pórtico de entrada.....	88
Figura 16 - Monumento da Cuia na Praça Marechal Floriano	89
Figura 17 - Monumento do Teixeira.....	90
Figura 18 - Monumento ao Cavaleiro	91
Figura 19 - Largo da Literatura vendo o monumento Árvore das Letras	92
Figura 20 - Túneis da Literatura e monumentos das letras espalhados por diversos pontos da cidade	93

Figura 21- Visitantes na exposição “Mulheres Pioneiras” no ano de 1997	96
Figura 22 - Exposição de longa duração do MHR em 1996	97
Figura 23- Exposição de longa duração do MHR em 1996	97
Figura 24- Visitantes na Exposição “Vestígios Arqueológicos” em 2016.....	98
Figura 25- Visitantes na Exposição “Vestígios Arqueológicos” em 2016.....	99
Figura 26 - Convite da Exposição “Município, História(as) e Patrimônio(os)”	102
Figura 27 - Aspecto da sala expositiva de “Município, História(as) e Patrimônio(os)”	104
Figura 28 - Aspecto da sala expositiva de “Município, História(as) e Patrimônio(os)”	105
Figura 29- Aspecto da sala expositiva de “Município, História(as) e Patrimônio(os)”	107
Figura 30 - Trajeto da Excursão Histórico Cultural em Passo Fundo.....	109
Figura 31 - Vista da área central da cidade por volta de 1914	111
Figura 32- Rua do Comércio em 1915, atual Av. Brasil. Aspectos da iluminação ..	111
Figura 33- Vista da Avenida Brasil, na década de 1930 e Casa Gabriel Bastos	112
Figura 34- Lanterna ferroviária era usada para sinalizar as paradas dos trens na estação ferroviária.....	114
Figura 35- Prédios que atualmente abrigam o Teatro Múcio de Castro e os Museus Histórico Regional e de Artes Visuais Ruth Schneider.....	115
Figura 36 - Prédio que atualmente abriga a Academia Passo-fundense de Letras	116
Figura 37- Campainha de mesa, isolador de luz elétrica e lousa	117
Figura 38 - Igreja Nossa Senhora da Conceição	118
Figura 39 – Avenida Brasil em frente à Igreja Metodista	119
Figura 40- Hotel Internacional	119
Figura 41- Gare da Via Férrea.....	120
Figura 42- Máquina de calcular e rádio invictus	121
Figura 43- Cartaz de abertura da exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político”	123
Figura 44- Exibição vídeo Grupos sociais que contribuíram para o desenvolvimento de Passo Fundo na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político”	125
Figura 45 - Maquete do percurso do rio na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político”	125

- Figura 46-** Reprodução das entrevistas com a comunidade ribeirinha na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político” 126
- Figura 47-** Sala “Memórias são gotas do tempo” na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político” 127
- Figura 48-** Sala “Memórias são gotas do tempo” na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político” 127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro funcional do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider e Museu Histórico Regional em 1996	36
Quadro 2 - Quadro funcional do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider e Museu Histórico Regional em 2020	37
Quadro 3 - Sumário de I Annaes do Município de Passo Fundo.....	58
Quadro 4 - Ordem cronológica dos monumentos e executores	73
Quadro 5 - Subcategorias de análise	100
Quadro 6 - Documentos para análise.....	101
Quadro 7 - Display - legenda das figuras	104
Quadro 8 - Displays e legendas das figuras.....	105
Quadro 9 - Vitrine	107

LISTA DE SIGLAS

IPHAN	- Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
MAVRS	- Museu de Artes Visuais Ruth Schneider
MHC	- Museu Histórico Cultural
MHR	- Museu Histórico Regional
PF	- Passo Fundo
PMPF	- Prefeitura Municipal de Passo Fundo
SPHAN	- Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UPF	- Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1- INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 2 - PASSO FUNDO TEM MUSEU HISTÓRICO SIM!	17
2.1 UM MUSEU NO PALACETE DA MUNICIPALIDADE	18
2.2 NO PALACETE, UM MUSEU!	22
2.3 DE MHC PARA MHR: DESEMPILHANDO E TIRANDO A POEIRA DO ACERVO	31
2.3.1 Muito além de um novo nome, um novo conceito em museu	37
CAPÍTULO 3 - NAS LINHAS DO TEMPO, A ESCRITA DA HISTÓRIA PASSO- FUNDENSE	Erro! Indicador não definido.
3.1 A ESCRITA DA HISTÓRIA DE PASSO FUNDO: IMAGEM E IMAGINÁRIOS URBANOS.....	46
3.2 ANTONINO: “O PRIMEIRO EXPLORADOR DE TÃO VASTO CAMPO”	51
3.3 DELMA ROSENDO GEHM: PRIMEIRA MULHER QUE ESCREVEU SOBRE A HISTÓRIA DE PASSO FUNDO	67
3.4 EXUMANDO AS BRUMAS DO PASSADO: OLIVEIRA.....	57
3.5 EXUMANDO AS BRUMAS DO PASSADO: GEHM	69
3.6 DAS BRUMAS DO PASSADO PARA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM E IMAGINÁRIO DE PASSO- FUNDENSE.....	81
CAPÍTULO 4 - NARRATIVAS EXPOSITIVAS E HISTORIOGRAFIA DE PASSO FUNDO: ENCONTROS OU DESENCONTROS?	94
4.1 EM CARTAZ: AS EXPOSIÇÕES DO MHR!	95
4.2 EXPOSIÇÕES SELECIONADAS PARA ANÁLISE	99
4.2.1 Município, História(as) e Patrimônio(os)	102
4.2.2- “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico- cultural, econômico e político”	122
4.3 ESPELHAR OU PENSAR: AS EXPOSIÇÕES CONFRONTADAS COM A HISTORIOGRAFIA.....	129
CONCLUSÃO	143
REFERÊNCIAS	148
ANEXO 1 - EXPOSIÇÕES PROMOVIDAS PELO MUSEU MHR	154

CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO

Acredito que a presente dissertação tenha começado a ser escrita em setembro de 2010 quando iniciei meu estágio, não obrigatório, no Museu Histórico Regional (MHR) de Passo Fundo. Foi durante o período em que estagiei (2010-2012) e, posteriormente, atuei como funcionária da instituição (2012-2015) que surgiram algumas inquietações em relação à representatividade desse espaço para a comunidade.

Minha função primária era a organização e acondicionamento do acervo iconográfico da instituição que estava em caixas de papelão, sem qualquer cuidado de conservação e arranjo. Mas claro, que por ser estagiária de museu, com equipe reduzida, como a maioria dos museus brasileiros, atuaria em todas as frentes: na pesquisa, na montagem, na mediação de exposições, bem como na elaboração e mediação de atividades de educação para o Patrimônio, entre tantos outros afazeres. E foi muito importante desenvolver todas essas atividades. Aprendi muito.

E por ter aprendido muito nesse espaço, com vários colegas que por ele passaram me sentia desafiada a fazer algo por ele, de retribuir. Nunca compreendi o motivo de muitos munícipes não saberem da existência do MHR e não haver efetivo investimento nesse espaço. Ficava me perguntando quais falhas estavam sendo cometidas e como auxiliar na resolução desse problema.

O Museu Histórico Regional (MHR), criado em 1977, com a denominação de Museu Histórico Cultural (MHC), preserva e comunica vestígios acerca do processo de desenvolvimento do território que atualmente corresponde ao município de Passo Fundo. A mudança do nome do Museu ocorreu em 1996, a partir de um convênio entre a Universidade de Passo Fundo (UPF) e Prefeitura Municipal de Passo Fundo (PMPF).

Somando, aproximadamente, 12.500 peças, sendo 8 mil objetos e aproximadamente 4.500 imagens entre físicas e digitais, o acervo do MHR se destaca por apresentar peças que se referem ao processo de desenvolvimento da cidade de Passo Fundo. Atualmente, o acervo de objetos tridimensionais refere-se à vida política, econômica, social, cultural, histórica e antropológica da região (acervo arqueológico, etnográfico, histórico, dentre outros). Possui itens, em sua maioria, relativos ao período entre a segunda metade do século XIX e o início do século XXI,

representativos de aspectos da vida urbana e rural do município, com referência a usos e costumes, instituições, trabalho e meios de comunicação. Compõe também este acervo uma coleção arqueológica de artefatos cerâmicos e líticos (lascado e polido), formada nos anos 1970, através de escavações em várias regiões do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O acervo documental/ arquivístico é composto essencialmente por documentos de cunho pessoal, de pessoas jurídicas ou instituições relevantes para a história do município de Passo Fundo e da Região. São documentos como: carteiras de identificação, diplomas, nomeações, livros de casas comerciais, notas, recibos, recortes de jornais, catálogos, dentre outros. O acervo iconográfico é formado principalmente por fotografias, mapas, estampas, pinturas e desenhos. A maior coleção desta tipologia é a fotográfica, composta de imagens produzidas por diferentes processos técnicos como: albuminas, colódios, gelatinas, impressão digital, dentre outros. A instituição museal possui, ainda, o acervo didático composto por objetos que contam com dois ou mais exemplares no Museu (mesma marca, modelo e ano) e que, ao invés de se tornarem passíveis de descarte passam a ser utilizados para fins didáticos.

O Museu Histórico Regional já apresentou 156 exposições de curta duração e duas de longa duração, tendo como principal público, as turmas escolares. Além das exposições, o MHR oferece atividades de educação patrimonial, tanto em sua sede quanto em outros locais da cidade, com o Projeto Museu Móvel, no qual pequenas mostras são levadas até escolas, praças, shoppings, juntamente a atividades como jogos, oficinas acerca da importância da preservação do patrimônio histórico.

Além disso, desde 1996, quando houve a reformulação da instituição, o MHR participa de editais federais e estaduais que destinam recursos financeiros para o fomento das atividades de educação patrimonial, bem como para aquisição de materiais, mobiliários, equipamentos que contribuem para a conservação, acondicionamento e armazenamento do acervo. Dessa forma, os valores conquistados nos editais, pouco mais de R\$ 500.000,00, possibilitaram a modernização da estrutura física da instituição, bem como a utilização de materiais adequados para a salvaguarda de acervo, além de potencializar ações de educação patrimonial.

As inquietações aumentavam a cada edital conquistado. Como um museu que equipa sua sede, adquire material adequado para salvaguarda de acervo através de editais concorridos, nos âmbitos federal e estadual, recebe premiações por ações de

educação para o patrimônio, ainda encontra resistência de aceitação pela comunidade e instituições mantenedoras¹?

Desse modo, com a intenção de mostrar o trabalho do MHR, delineou-se esse estudo. A problemática de pesquisa busca, pela perspectiva de duas narrativas expositivas apresentadas pelo MHR, a primeira em 2004 e a segunda em 2018, compreender: Qual imagem e imaginário da cidade foram sendo legitimados pelas narrativas expositivas? Como a imagem da cidade contribuiu para a(s) construção(es) identitária(s) de Passo Fundo? Em que medida a narrativa do Museu converge ou diverge do discurso dos autores da primeira fase da historiografia da cidade?

A primeira fase da historiografia de Passo Fundo tem obras escritas, principalmente, por três autores: Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Jorge Cafruni e Delma Rosendo Gehm. Nesse estudo, se analisou a obra de Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Delma Rosendo Gehm, pois contemplam um período maior da história da cidade.

O objetivo foi analisar as divergências e/ou convergências entre as narrativas expositivas e a narrativa historiográfica produzida por Oliveira e Gehm, compreendendo quais as representações sociais da cidade são legitimadas por essas escritas da história local e o museu. Além disso, buscou-se compreender especificamente o processo de constituição do Museu Histórico Regional de Passo Fundo, e a construção de imagens e de um imaginário urbano operadas pela historiografia sobre a cidade e suas repercussões nas formulações identitárias locais, o que possibilitará confrontá-las com as narrativas expositivas, observando as articulações entre os discursos historiográfico e museal.

As lentes que nortearam o olhar nesta análise, tanto das obras historiográficas quanto das narrativas expositivas, referem-se a uma das dimensões da cidade, conforme proposto por Meneses (2003), a de cidade como representação social, entendendo que nesta se entrecruzam as outras duas dimensões, também assinaladas pelo autor quais sejam a cidade como um artefato, ou seja, pensada e produzida por sujeitos e como campo de forças, na qual atores sociais atuam de acordo com seus interesses.

¹ O Museu Histórico Regional de Passo Fundo é resultado de convênio firmado entre a Prefeitura Municipal e Universidade de Passo Fundo.

O MHR, ao longo de sua existência, apresentou mais de 150 exposições. Diante da impossibilidade de se estudar esse extenso conjunto de exposições, optou-se em concentrar a pesquisa em duas exposições: “Município, História(as) e Patrimônio(os)” apresentada no MHR em 2004 e “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político” de 2018. A seleção observou o fato de que ambas as exposições têm a ambição de abordar a história de Passo Fundo em um quadro temporal extenso, abrangendo diversas perspectivas e aspectos, sem recortes temáticos ou periodizações fixas. Essa característica das narrativas expositivas apresentava, a princípio, afinidades e potencial de diálogo com a escrita historiográfica dos autores analisados. Também foi considerada a disponibilidade das fontes documentais. A pesquisa se valeu do arquivo técnico-administrativo do MHR, que está organizado em pastas físicas e/ou digitais. No entanto, nem todas as exposições dispõem de registros arquivados suficientes que pudessem atender a pesquisa.

Ainda, a pandemia de COVID 19 colocou alguns empecilhos nessa trajetória de pesquisa, pois a impossibilidade de estar fisicamente no Museu, acabou atrasando o cronograma de estudo. Entretanto, foi acertado o envio das fontes de forma on-line, o que tornou possível prosseguir na investigação e concluir a dissertação.

A dissertação está estruturada em três capítulos de desenvolvimento. No primeiro capítulo é abordada a inauguração do Museu Histórico Cultural (MHC) de Passo Fundo no ano de 1977 e como ocorreu a alteração do nome de MHC para Museu Histórico Regional (MHR) e as mudanças administrativas e conceituais implicadas nesse processo.

O segundo capítulo compreende uma análise da historiografia da cidade, nas obras de Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Delma Rosendo Gehm. Foram analisadas como as imagens e imaginário urbanos, legitimados pelas obras dos dois escritores, embasaram a construção de uma trama de monumentos urbanos, que serviu ao poder público municipal para reiterar determinado imaginário da cidade.

No último capítulo, analisaram-se as duas exposições do MHR, observando-se quais imagens de Passo Fundo elas repercutem. O capítulo orientou-se em torno das seguintes questões: em que medida as imagens museais dialogam ou interpelam as imagens da cidade legitimadas pela historiografia oficial de Passo Fundo e em que medida corroboram o imaginário urbano alimentado por essas imagens.

A dissertação pretende contribuir para se compreender a função social do MHR, suas relações com a comunidade de Passo Fundo, oferecendo subsídios

coerentes acerca da importância de sua existência. Nenhum Museu a menos! Boa leitura!

CAPÍTULO 2 - PASSO FUNDO TEM MUSEU HISTÓRICO SIM!



Fonte: Acervo digital MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade
Passo Fundo.

O Museu Histórico Regional é inaugurado em 1977, nas comemorações do aniversário de Passo Fundo, tendo como sede uma das salas do antigo prédio da Prefeitura. Mas qual o contexto que a instituição foi pensada? Quais pretensões se tinha ao inaugurar o Museu Histórico- Cultural de Passo Fundo?

2.1 UM MUSEU NO PALACETE DA MUNICIPALIDADE

O ano de 1976 se apresentava como um marco para a cidade de Passo Fundo. Após sessenta e seis anos, a sede do Poder Público Municipal mudaria de endereço novamente, pois deixaria o 'palacete', como era chamado o prédio que abrigou a Intendência e, posteriormente, a Prefeitura. A construção do prédio da Intendência Municipal iniciou no ano de 1909, tendo sido finalizada em 1911 em terreno junto à Avenida do Comércio (atual Avenida Brasil), importante ponto de passagem de Tropeiros. Coube ao imigrante italiano Luiz Ricci, assentador de tijolos, como eram chamados os profissionais da construção civil da época, erguer o novo prédio de Passo Fundo (FRANDOLOSO; WICKERT, 2011).

Figura 1 - Intendência Municipal na década de 1910



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

A necessidade de uma nova edificação para abrigar o comando administrativo do município, assinala um contexto de afirmação de Passo Fundo como polo regional, já na década de 1910. Assim, o próprio poder, a altivez e o desenvolvimento da cidade estarão representados na arquitetura da edificação. O projeto do prédio foi desenvolvido em Porto Alegre e adotou como estilo arquitetônico o *Art Nouveau* que se caracteriza por apresentar formas orgânicas de flores, folhagens com linhas delicadas e assimétricas (CHAMPIGNEULLE, 1976). Percebe-se que no entalhamento da porta interna do edifício, importada da Bélgica no ano de 1912, há entalhes de cachos de uvas e folhas de parreiras, características do movimento. Tal movimento artístico ocorria no continente Europeu nos primeiros anos da segunda década do século XX, assim, vale pontuar a atualidade da proposta de decoração e arquitetura do prédio da Intendência de Passo Fundo.

Representando, portanto, um marco para a cidade, a nova Intendência Municipal foi inaugurada em 25 de Julho de 1911, sendo apontado no relatório municipal deste ano que 11 lâmpadas iluminavam a rua, defronte ao novo “Palacete Prefeitural” e grande foguetório fora realizado para celebrar o feito. Portanto, até a década de 1930 a edificação sedia a Intendência Municipal de Passo Fundo, a qual, após a mudança de nomenclatura, passa-se a chamar de Prefeitura. A sede do Executivo permaneceu neste prédio até 1976, quando da inauguração do novo Centro Administrativo, conforme citado.

Assim, o espaço que era ocupado pela Prefeitura foi sendo utilizado conjuntamente pela Secretaria Municipal de Indústria, Comércio, Turismo, Cultura e Desporto; Diretoria de Assistência Social; Subprefeitura, Junta de Serviço Militar; Posto de distribuição de Material escolar do Ministério de Educação e Cultura e, em uma das salas do andar superior foi inaugurado, em 06 de agosto de 1977, como parte das atividades de comemoração do aniversário do Município, o Museu Histórico-Cultural de Passo Fundo, também chamado de MHC. Importante ressaltar que a preservação do prédio da antiga prefeitura não era consenso dentre os membros da administração pública. O Prefeito da época, Edu Vila de Azambuja, apoiava a derrubada da edificação para a venda do terreno para a iniciativa privada. Não conseguimos mapear fontes que indicassem o que fez o poder executivo mudar de ideia com relação à venda do terreno.

No ano de 1984, o prédio passou a fazer parte do Projeto Pró-Memória gaúcha (RBS-Bamerindus), sendo tombado pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, em

1990, conforme Lei nº 2.608. Em 16 de junho de 2008, por meio da Lei nº 12.993/2008, passou a integrar o conjunto do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

(Publicada no DOE nº 113 de 16 de junho de 2008)

Declara integrante do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado o Prédio do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, localizado no Município de Passo Fundo.

A GOVERNADORA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - Fica declarado integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul, nos termos e para os fins dos arts. 221, 222 e 223 da Constituição do Estado, o Prédio do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, Localizado no Município de Passo Fundo.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data em vigor na data de sua publicação. (RIO GRANDE DO SUL, 2008)

Em 1995, depois de um período sem utilização, a Prefeitura Municipal de Passo Fundo (PMPF) desenvolveu um projeto de refuncionalização, com a finalidade de adaptar o espaço para sediar os museus Histórico Regional e de Artes Visuais Ruth Schneider, de autoria do Arq. César Tanure Romano, tendo sido executadas instalações do conjunto de sanitários, demolições e serviços de pinturas e instalações elétricas, bem como, manutenção geral do prédio (troca parcial de pisos, forros, cobertura e esquadrias) (FRANDOLOSO; WICKERT, 2011).

Desse modo, além do seu próprio reconhecimento como patrimônio, a edificação passava a abrigar duas instituições responsáveis pela salvaguarda e comunicação de outros tantos patrimônios, ou seja, duas instituições que serão responsáveis por cuidar e mediar com a comunidade as memórias que os objetos, as obras, enfim, os acervos dos Museus Histórico Regional e de Artes Visuais Ruth Schneider representam.

Importante ressaltar que a edificação integra o Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto, com os prédios da Academia Passo-fundense de Letras, do Teatro Municipal Múcio de Castro e a Biblioteca Pública Municipal (Figura 2). Criado pela Lei nº 4.097 de 24 de dezembro de 2003, o espaço homenageia a Artista e Professora Roseli Doleski Pretto que foi fundamental para a reorganização e alteração de nome do

Museu Histórico- Cultural para Museu Histórico Regional, no ano de 1996, conforme será visto adiante.

Figura 2 - Prédio dos Museus Histórico Regional e de Artes Visuais Ruth Schneider, Teatro Municipal Múcio de Castro e Academia Passo-fundense de Letras.



Fonte: disponível em <https://www.facebook.com/mhrupf/photos/a.300614853628295/602898350066609/?type=3&theater>. Acesso em: 19 nov. 2019.

No entorno do conjunto arquitetônico histórico observa-se o predomínio de edificações de dois pavimentos, construídas na mesma época, mas com suas fachadas alteradas, sendo a maioria delas com destinação comercial.

Resistindo ao tempo, funcionando como uma janela para o passado, a edificação do MHR precisou de cuidados. Então, em 01 de agosto de 2019, a instituição reabriu as portas após 2 anos de interdição devido a obras da parte elétrica. Neste período de interdição da sede, a instituição atuou em espaço cedido no Campus I da Universidade de Passo Fundo (UPF). Para a reabertura, o MHR apresentou duas exposições de curta duração, “Casamento: tradição e simbologia em Passo Fundo e região”, com a maioria do acervo emprestado e “A Música que toca”. A exposição de longa duração, intitulada “Bonecas do Festival de Folclore”, apresenta as bonecas deixadas como lembrança pelos participantes do Festival de Folclore de Passo Fundo, o qual acontece a cada dois anos na cidade e recebe grupos folclóricos de diferentes estados brasileiros, bem como de diversos países para apresentações de danças tradicionais. Ao final do festival, os participantes deixam para a organização do evento um casal de bonecos vestidos com as roupas típicas de seus estados ou países como uma forma de agradecimento pela acolhida e difusão de sua cultura.

Figura 3 - Prefeito de Passo Fundo Luciano Azevedo e Reitora da Universidade de Passo Fundo Bernadete Dalmolin abrindo as portas dos Museus em agosto de 2019, após um ano de interdição



Nota: As autoridades são recepcionadas por Tania Aimi Oliveira, Museóloga e Encarregada Administrativa dos Museus na época. Fonte: disponível em <http://jeacontece.com.br/?p=601424>.

Acesso em: 05 de outubro de 2020.

Mas como será que começou a história do Museu Histórico Regional?

2.2 NO PALACETE, UM MUSEU!

A história do MHR iniciou cinco anos após a Declaração elaborada na Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), ter enfatizado que os museus de cidade

[...] deverão insistir de modo particular no desenvolvimento urbano e nos problemas que ele coloca, tanto em suas exposições quanto em seus trabalhos de pesquisa; b) Os museus deverão organizar exposições especiais ilustrando os problemas do desenvolvimento urbano contemporâneo; c) Com a ajuda dos grandes museus, deverão ser organizadas. (ICOM, 1972, p. 115/116).

Dentre outras recomendações que foram decisivas para a Museologia, a declaração da Mesa Redonda de Santiago do Chile se dedica à discussão de criação de museus que tratam da temática local e regional, sendo que a principal função dessas instituições deveria ser a mediação dos problemas urbanos, a fim de instrumentalizar a comunidade para uma consciência crítica em relação à sua realidade.

Sabe-se que os pressupostos e recomendações do encontro em Santiago do Chile obtiveram ressonância efetiva no campo museal a partir dos anos de 1980,

impulsionados pelo movimento da Nova Museologia. Quando o Museu Histórico-Cultural (MHC) foi inaugurado, em 06 de agosto de 1977, tinha um programa museológico que pode ser chamado de tradicional, ou seja, distante do redirecionamento conceitual proposto em 1972 do museu local como espaço de problematização das questões urbanas, que se abre para a comunidade local, para diferentes grupos sociais.

Figura 4 - Assinatura do Decreto de criação do Museu Histórico- Cultural, pelo Prefeito Salton



Fonte: Jornal "O Nacional", da cidade de Passo Fundo, do dia 09 de agosto de 1977.

Criado pelo Decreto nº 52/ 1977 da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, o Museu tinha como objetivos:

Art. 2º - São objetivos do MUSEU HISTÓRICO-CULTURAL DE PASSO FUNDO a preservação de nosso acervo histórico cultural, aceitando, inclusive, peças de particulares, de sorte a permitir as gerações presentes e futuras a pesquisa, o conhecimento e a visualização de nosso passado. (PASSO FUNDO, [1977], p.1).

Embora estivesse explícito nos objetivos da instituição, o MHC não se dedicou, durante longo período, à pesquisa do acervo, nem a outras ações importantes a qualquer instituição museológica. É o que pode ser observado no relato, de 1993, publicado em espaço destinado aos leitores, no Jornal *O Nacional*, em que Hugo Lisbôa relata o descaso com a instituição museal e solicita providências.

No atual Museu, estão representados alguns documentos, fotos e objetos da cidade. Infelizmente a maioria em condições precárias. Estão espalhados por balcões e prateleiras sem a menor organização ou cuidado com a sua preservação...Não há catálogo, guia ou qualquer outra informação ao eventual visitante. (LISBÔA apud SBEGHEN, 2001, p. 72).

Ainda observando os objetivos do MHC, percebe-se a preocupação de “[...] permitir as gerações presentes e futuras a pesquisa, o conhecimento e a visualização de nosso passado” (PASSO FUNDO, [1977], p.1). Preocupações como quem se é, para onde vai, como é o espaço em que se vive permeiam a mentalidade humana ao longo dos milênios. Vive-se sempre em busca do próprio conhecimento, de formação da identidade enquanto indivíduos e enquanto grupo, coletividade, ou seja, se está sempre em busca da memória coletiva a qual, segundo Pesavento:

[...] corresponde ao modo como, institucional e culturalmente, uma comunidade passa a evocar, construir e transmitir seu passado. Para tanto, os dispositivos do Estado, da educação, da cultura e da mídia são postos a serviço deste esforço não apenas de evocar e socializar as lembranças, mas também de selecionar e fixar o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido (PESAVENTO, 2005, p.13-14).

Assim, compreender-se que, dentre outras instituições culturais, o Museu Histórico-Cultural constitui-se em importante agência que contribuiu para a construção da identidade passo-fundense. Para se traçar melhor o processo de constituição do MHR é preciso delinear, nas nuances da História, como os museus foram se constituindo em espaços importantes para a difusão de identidades.

Diversos foram os artifícios utilizados, ao longo da História da humanidade, em busca de respostas às inquietações ora mencionadas. Tais artifícios, na maioria das vezes, foram geridos por representantes de grupos hegemônicos, com a finalidade de difundir símbolos que legitimassem identidades coletivas, promovessem um sentimento de pertencimento e de coesão social.

Nesse sentido, os símbolos materializariam os aspectos que seriam importantes fixar no imaginário social de determinada localidade. Esses símbolos, tais como monumentos, iconografias, objetos seriam os responsáveis por mediar o diálogo entre o passado e o presente, entre o que deve e como deve ser lembrado, entre o visível e o invisível. Muitos desses artefatos que vão sendo utilizados para delinear os laços de pertencimento e, conseqüentemente, laços identitários, faziam parte de coleções.

Mas, afinal, o que se entende por coleção? Acerca deste conceito, Pomian afirma que é um “[...] conjunto de objetos fora do circuito das atividades econômicas, submetido a uma proteção especial, disposto em local fechado e exposto ao olhar.” (POMIAN, 1984, p. 53). Mas o autor avança para além dessa definição descritiva para compreender o que é um objeto de coleção. Afirma que os objetos de coleção – que denomina de semióforos - realizam a comunicação entre o visível e o invisível, pois representam o que está para além do que se vê. Existe representatividade no objeto, que não é atributo natural dele próprio. No caso do passado, indícios do tempo pretérito aos quais atribuem-se significados no tempo presente (MENESES, 1994). Além disso de representar o que está distante no tempo, os objetos podem representar dimensões do presente que estão fora do alcance do olhar, a exemplo de culturas de povos distantes, devoções etc. Assim, as coleções são visualizadas, expostas ao olhar, e por consequência passam uma mensagem, disseminam significados. Para cumprir sua função, de estabelecer uma relação entre o mundo visível e invisível, precisam ser vistas por alguém.

O acervo do Museu começou a ser coletado pouco mais de um mês antes da inauguração da instituição, conforme notícia veiculada no Jornal O Nacional, na coluna ‘Fatos e Boatos’, de João Vieda, em 19 julho de 1977:

Sai na primeira semana de agosto próximo- dentro das comemorações da data magna do Município - a inauguração do Museu Municipal. Mas desde agora a Prefeitura está apelando às pessoas que possuam peças antigas, de valor histórico ou artístico, para que façam doações ao museu, contribuindo dessa forma em favor dessa iniciativa de expressiva finalidade cultural. Cada peça doada receberá uma plaqueta com o nome do doador, além de outros dados explicativos. O Museu Municipal ficará instalado na parte alta do antigo prédio da Prefeitura. (VIEDA, 1977,p.10)

Em primeira página, no dia 20 de julho de 1977, tem-se a seguinte publicação:

Para a constituição do Museu Histórico há muito que a Prefeitura Municipal vem aceitando doações de peças antigas, como moedas, documentos, móveis, objetos de uso pessoal, livros, utensílios diversos, que podem ser encaminhados para o Conselho Municipal de Turismo ou para a Secretaria Municipal de Educação e Cultura. (O NACIONAL, 20 de jul. 1977,p. 1)

Em 31 de agosto, publicou-se um levantamento acerca das doações que já haviam sido feitas ao MHC.

A Secretaria Municipal da Educação e Cultura, mantenedora do Museu Municipal, informou a O Nacional que estão crescendo as doações à instituição. Neste mês de agosto, o Museu recebeu as seguintes doações: da Sra. Helena Salton, primeira dama do município, uma escrivaninha para máquina de escrever, flâmulas, moedas e uma original fotografia mostrando a primeira patrula de Passo Fundo.

De Eneida Rosa, o museu recebeu uma coleção de moedas e, do 3º 1º RCM, uma espada e uma lança. A Sra. Norah Bohr enviou materiais antropológicos. Também doaram suas coleções de moedas as seguintes pessoas: Deise Terezinha Formigheri, Elemar Berbigier, Rui Carlos Rosele Jr. e Elaine Berbigier.

A família Vuan doou porcelanas chinesas e a Sra. Zulmira Antunes passou à guarda do Museu Municipal, uma joia alemã do século passado, dois estribos de ferro, moedas e um cesto indígena. (O NACIONAL, 31 de ago. de 1977, p.5).

Sbeghen (2001), com base em folder da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, descreve a composição do acervo do MHC:

Na sessão de arqueologia possui 182 peças, entre as quais uma urna funerária dos índios caingangues e tapes de 1600 anos, cestarias, pontas de projéteis utilizados pelos silvícolas que habitaram a região.

Em relação a numismática, expõe 360 moedas e cédulas, mais 95 peças de antiguidades, inclusive uma coleção de máquinas de escrever e um piano de procedência inglesa.

Há também a exposição intitulada “Fatos e fotos da nossa história”, com 252 fotos de momentos históricos, como o início do povoamento da cidade de Passo Fundo (SBEGHEN, 2001, p.73).

Assim o acervo tomava forma. Por não se ter um planejamento prévio da instituição, ou seja, alguma organização ou diretrizes a seguir, relativas à coleta, acondicionamento e armazenamento de acervo, bem como uma proposta expositiva, pode-se afirmar que o que se pretendia era abrir a instituição museal, não importando critérios ou procedimentos técnicos, uma vez que todo o acervo doado era aceito, ainda que fugisse da temática do museu: a história de Passo Fundo.

Em uma análise das edições dos anos de 1976 e 1977 do Jornal O Nacional, um dos principais veículos de comunicação impressa de Passo Fundo, verifica-se que não existiu nenhum movimento para a criação do Museu Histórico- Cultural de Passo Fundo, exceto no mês anterior à sua inauguração. Em 1976, não aparecem, nas matérias do jornal, referências, nem mesmo a temas correlatos a museus, como “patrimônio”, “museus”, “coleções”. Já no ano de 1977, observam-se três menções ao tema museus, mas nada relacionado ao MHC. Fica evidente, portanto, que não se pensou, planejou a instalação do museu na cidade.

Entretanto, no ano anterior à inauguração do Museu Histórico-Cultural, os estudantes Carmem C. Scortegagna, Eva B. Gradaschi, Fausta Castro Loeser, Ivone T. Giacomini Ribas, Juçara Maria Weber, Kátia Diligenti, Liciane Toazza Duda, Maria Paula Bergamin, Marizélia Centenaro, Marília Gazola, Maria de Lourdes Isaias, Nilza Ana de Toni, Odete B. De Castro, Rosane Scortegagna Ferraz, Terezinha de Quadros Cendron, Vaine Tereza Zanatta, Virgínia N. F. da Silva, Zolair Scatolin, Lilian Kraide de Andrade e Omir T. B. Bohrer, em seu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Desenho e Plástica vinculado ao Instituto de Artes da Universidade de Passo Fundo, realizaram um estudo acerca das percepções de representantes da comunidade passo-fundense e região sobre a inauguração de um museu no município de Passo Fundo (Figura 5). Atualmente, o estudo encontra-se disponível para pesquisa no acervo do Museu Histórico Regional.

Na Introdução do trabalho, nas páginas 03 e 04, os acadêmicos ponderam acerca da busca incessante da humanidade por suas origens. Em séculos, milênios de História, sempre se busca algo que materialize a origem, a existência. Essa busca trava batalhas entre passado e presente e, de acordo com o texto introdutório do referido trabalho, “[...] e dessa busca incessante e contínuo trabalho de uma plêiade de estudiosos, nos mais diversos ramos das Ciências Físicas e Humanas, surge um acervo riquíssimo de “verdades científicas e históricas” que constituem a nossa Herança Histórica.”(SCORTEGAGNA, et al.1976,p.03). Ainda na introdução, no penúltimo parágrafo, os autores tratam especificamente de museus históricos assinalando que a organização e criação desses,

[...] representa o reconhecimento de toda a sociedade atual aos que marcaram a sua passagem pela vida, através de realizações, heroísmos, desprendimentos, justiça, pioneirismo, no comando de grandes empreendimentos ou até mesmo só pela bondade e retidão com que conduziram a sua vida e acabaram por ajudar a construir uma comunidade e uma pátria por extensão (SCORTEGAGNA, et al.1976, p. 04).

Percebe-se que se trata de um modelo de museu que fixa seus pilares numa história, na qual o culto a heróis, a ‘grandes homens’ como únicos responsáveis por determinados fatos é característica. Importante destacar também, da introdução, que na visão dos autores

Passo Fundo secular histórico, vibrante e progressista, é cidade que também tem sua história escrita a ferro e fogo no decorrer do tempo pelo pioneirismo

daqueles homens que em 1857 aqui chegaram e se fixaram e pelo entusiasmo, esforço e trabalho contínuo daqueles que sucessivamente assumiram a responsabilidade de dinamiza-la, protege-la através do ciclo misterioso dos tempos.

São pessoas e personagens, fatos, atos, entusiasmos, ação e realizações que se entrelaçaram, entrechocaram, se completaram, se burilaram, e se maturaram para a formação de História de Passo Fundo. (SCORTEGAGNA, et al.1976, p. 04).

É perceptível, na visão dos autores, que a ideia de Passo Fundo como cidade secular e progressista era, de fato, uma projeção que buscava no passado justificativas de expectativas do presente.

O estudo segue com a apresentação do Objetivo Geral, mencionando que a pesquisa se respalda no “[...] Decreto- Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, que criou o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional [...]” (SCORTEGAGNA, et al.1976, p.05). Ainda, assinalam que ‘Dentro da premissa de que os Museus Históricos desempenhem um papel educativo de alto valor, é preciso oportunizar ao público a grande soma de elementos que os museus contêm [...]” (SCORTEGAGNA, et al.1976, p.05). Finalizam dizendo que “[...] a criação do Museu Histórico de Passo Fundo deverá promover a polarização de todo o acervo histórico dos fatos dos homens que vivenciaram e atuaram nos momentos importantes e decisivos da vida desta Comuna.” (SCORTEGAGNA, et al.1976, p.05).

O questionário foi aplicado “[...] em torno de 65% da população existente segundo o senso de 1970” (SCORTEGAGNA, et al.1976, p.101). Tal questionário

[...] foi feito com a colaboração de todas as alunas do 4º ano de Licenciatura em Desenho e Plástica.

Por ser um assunto bastante profundo, houve muita discussão antes de formularmos o questionário completo.

Seguimos o seguinte critério:

- Foi elaborado uma série de perguntas para cada componente.
- Destas perguntas foram selecionadas as mais consideradas para atingir o objetivo específico.
- As perguntas foram colocadas em ordem lógica e formuladas objetivamente e algumas subjetivas. (SCORTEGAGNA, et al.1976, p.06)

Anterior às perguntas, no questionário físico, havia um texto que explicava, para quem fosse preencher, qual era a finalidade de um museu, qual seria o objetivo do museu histórico de Passo Fundo. Em uma dessas explicações, o texto afirmava, por exemplo, que “o museu não pode ser um ‘bazar’, mas deverá ser uma organização dirigida num determinado sentido e com um determinado objetivo superior, não um amontoado de quinquilharia sem valor histórico” (SCORTEGAGNA, et al. 1976, p.09).

Percebe-se aqui que havia uma preocupação para que o espaço não fosse apenas um depósito de objetos. Além disso, uma segunda preocupação era com o “[...] pouquíssimo interesse do público[...]” (SCORTEGAGNA, et al.1976,p. 10) evidenciado pelos autores, que avaliavam a dificuldade da tarefa de trazê-lo para o museu.

As perguntas, conforme mencionado anteriormente, mesclavam a formatação objetiva e dissertativa, questionando os entrevistados acerca de diferentes aspectos em relação ao ‘novo’ museu, quais sejam:

- Questão 1: Qual a sua opinião sobre a criação de um Museu Histórico nesta cidade?
- Questão 2: Dentro da história do município de Passo Fundo o museu deveria ser de nível: Municipal ou Regional?
- Questão 3: A futura localização do Museu Histórico no interior da Praça Tamandaré é válida?
- Questão 4: Conhece pessoas que possam narrar a história da região?
- Questão 5: Conhece pessoas que possuam objetos que possam figurar no Museu?
- Questão 6: Na sua opinião, a comunidade colaborará na montagem do museu?
- Questão 7: Nos domingos e feriados deve permanecer aberto?
- Questão 8: Qual seria o melhor horário para a visita pública?
- Questão 9: Você acha que o museu deveria ter uma sala para exposição de trabalhos de arte da região ou mesmo estadual?
- Questão 10: A pessoa que visitar a sala de exposições, voltará para visitar se as exposições forem periódicas?
- Questão 11: As vantagens que o museu traria ao povo. (SCORTEGAGNA, et al.1976, p.12-13)

O questionário apresentado acima, em sua primeira questão, mostra um aspecto recorrente aos demais entrevistados: a menção ao Museu de Carazinho como uma espécie de competição intermunicipal. Essa questão aparece no ano seguinte, em 1977, na edição do Jornal O Nacional dos dias 06 e 07 de agosto, quando o colunista Argeu Santarém da coluna “O Foca” menciona as doações em prol do museu, acrescentando uma denúncia

Prossegue a coleta de peças históricas válidas para compor o Museu que o Município está montando para ser inaugurado no sábado próximo. Lamentavelmente isso está sendo muito tarde pois muita coisa importante já está bem guardadinha no Museu de Carazinho (SANTARÉM, 1977, p.10).

Carazinho é cidade vizinha a Passo Fundo, tendo aproximadamente 50 km de distância entre os municípios. O museu da cidade foi criado por iniciativa de Olívio Otto, no ano de 1957, após a morte de seu filho. Otto passou a colecionar, com os restos do avião no qual seu filho se acidentou, e demais pertences dele, objetos representativos da história política, social, cultural e de ciências naturais da localidade e região. Em 1972, a coleção, já com cerca de 6 mil peças, passou à institucionalização, sob responsabilidade da Prefeitura de Carazinho com a denominação de Museu Regional do Planalto. Em 1978, teve a denominação alterada para Museu Municipal Pedro Vargas, numa homenagem ao fundador da cidade. Em 1991, Olívio Otto faleceu e teve seu trabalho ainda mais reconhecido quando, em 1995, por meio de um decreto municipal o museu passou a chamar-se Museu Regional Olívio Otto.

Essa comparação entre os Museus de Passo Fundo e Carazinho existe até os dias de hoje. O fato é que são duas instituições diferentes em seus modelos, mas importantes para a região.

Retornando ao Trabalho de Conclusão de Curso de 1976, os estudantes pontuam na conclusão de que o museu, de acordo com a pesquisa realizada, é uma necessidade e tem ampla aceitação da comunidade. Que haveria pessoas que poderiam contribuir narrando a história de Passo Fundo e região, bem como doando objetos. Enfim, que “[...] a implantação do museu histórico é uma necessidade e trará grandes benefícios e conhecimento à região.” (SCORTEGAGNA, et al. 1976, p.102). No entanto, não se encontram informações nas fontes consultadas que permitam mapear se, efetivamente esse estudo produziu algum impacto na administração pública municipal, contribuindo para a iniciativa de abertura do MHC em 1977. É possível que o estudo tenha pautado o projeto do museu para a gestão municipal. Vale lembrar que a cultura não constava no horizonte de atuação do prefeito, que em seu primeiro discurso se comprometeu a “[...] promover o desenvolvimento de Passo Fundo em todos os sentidos- econômico, financeiro, social, desportivo, assistencial, educacional e outros.” (SALTON apud SBEGHEN, 2001, p. 102).

Nos anos que se seguiram, o acervo do MHC “[...] encontrava-se ‘empilhado’ numa sala do prédio” (CANNELES, 2006, p.1), segundo Lurdes Canneles, Secretária Municipal de Turismo, Cultura e Desporto na Gestão Municipal que articulou a reorganização do museu, em texto escrito por ela no ano de 2006, em comemoração aos 10 anos dos museus.

Analisando três livros de visitantes dos anos de 1990/1992/1993 do Museu Histórico-Cultural que conseguiu-se arrolar, verificaram-se visitas de turistas, de munícipes, mas um número expressivo de estudantes, em visitas escolares, acompanhados por seus Professores e Professoras.

2.3 DE MHC PARA MHR: DESEMPILHANDO E TIRANDO A POEIRA DO ACERVO

Os movimentos que iniciaram no ano de 1994 representaram mudanças substanciais para a instituição. A possibilidade da doação de inúmeras obras de arte pela artista Ruth Schneider à Fundação Universidade de Passo Fundo fez com que a instituição buscasse apoio da Prefeitura Municipal para que o projeto tivesse êxito. Desse modo, entram em cena as articuladoras: Roseli Doleski Pretto, Tania M.K. Rösing, Ruth Schneider e Lurdes Canelles.

Não se sabe ao certo quando a artista Ruth Schneider propôs a doação de seus quadros a Roseli Doleski Pretto, também artista e professora do Instituto de Artes da UPF. O fato é que assim que se articulou tal proposição, a Professora Roseli Doleski Pretto, imediatamente contactou Tania M.K. Rösing, que na época era Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade de Passo Fundo. Na primeira oportunidade, Rösing informou a Lurdes Canelles, Secretária Municipal de Turismo, Cultura e Desporto, acerca da doação, bem como da urgência exigida por Ruth Schneider para a resposta, do aceite ou não. Canneles respondeu a Tania Rösing que aceitasse a doação, que pensariam em um local para abrigar o museu (TOMASINI, 2019).

O sonho de Roseli Doleski Pretto estava prestes a se realizar. Tania M.K. Rösing, transcreveu em seu texto, no ano de 2006, mencionado na íntegra em Tomasini (2016), que Roseli Doleski Pretto dizia

[...] Falta um museu em Passo Fundo. É preciso que os alunos do curso de Artes Plásticas de nossa universidade sejam aproveitados como monitores, divulgando a pintura, a escultura, a produção dos artistas gaúchos nascidos

ou não no Rio Grande do Sul... Não temos obras? Eu conseguirei uma obra com cada um dos meus amigos para que façam parte do acervo desse museu... Surgiu uma oportunidade para iniciarmos o museu: a Ruth Schneider, artista plástica nascida em Passo Fundo, mas residente em Porto Alegre há muitos anos, tem se destacado na pintura usando como tema de sua obra o Cassino da Maroca, a maior casa noturna existente aqui entre os anos 40 e 50...Ela quer doar o acervo pessoal, desde que denominemos o museu com seu nome... Não há prédio disponível? Vamos falar com a secretária Lurdes Canelles que, sem dúvida convencerá o prefeito Osvaldo Gomes. Vamos também à Câmara de Vereadores para propor a ideia. Se a gente não aproveitar essa oferta... Quem vai organizar o museu? Eu mesma. Durante as férias de janeiro e fevereiro, não vou viajar e posso aproveitar meu tempo para isso... Não há verba para a hospedagem da Ruth Schneider? Ela pode parar em minha casa, pode ter suas refeições junto com minha família, não há problema, pois o Pretto (marido de Roseli Pretto) topa tudo que faço (RÓSING apud TOMASINI, 2019, p.).

O desejo de se ter um museu de artes somado à doação de um acervo e a inexistência de um espaço físico para abrigar as obras se fundiu com a necessidade de reorganização do MHC. Era necessário desempilhar e tirar a poeira do acervo, que estavam apenas colocados em prateleiras e vitrines, sem qualquer coerência que conferisse uma narrativa à exposição. E assim,

O que se pode observar, portanto, é que a proposta de criação de um museu de arte na cidade é vista pela prefeitura local como uma possibilidade de resolver alguns problemas importantes para a administração da época, somando forças ao movimento feito pela Universidade. Por um lado, a proposta apontava um caminho para qualificar a conservação e exposição do acervo material relacionado à história local e regional, que se encontrava em condições precárias. Por outro, dava destinação a um prédio histórico que fazia parte de um conjunto tombado, cuja manutenção e conservação estavam sob a responsabilidade do Município, e que já não servia mais às necessidades operacionais e administrativas das secretarias que abrigava. Assim, a proposta de criação de um museu de arte iria se fundir, sob um mesmo projeto, à proposta de qualificação de um museu histórico já existente. A associação dessas duas propostas, que, já se pode supor, resultou mais de uma oportunidade política do que uma intenção original, vai exigir de seus autores a construção de uma argumentação a partir da identificação de pontos comuns, notadamente, baseados nos discursos pedagógico e de valorização da história local e regional (TOMASINI, 2019, p.77).

Desse modo, “graças ao trabalho incansável da saudosa amiga professora, Roseli Doleski Pretto, e sua equipe, que se dedicaram, diuturnamente, na tarefa imprescindível de restaurar, catalogar, tomba e organizar o acervo [...]”(CANELLES apud TOMASINI, 2019, p. 75), na noite do dia 18 de maio de 1996 abriam as portas para a comunidade passo-fundense o Museu Histórico Regional, resultado da reorganização do MHC, agora com nova denominação e o Museu de Artes Visuais

Ruth Schneider (Figuras 5, 6 e 7), localizados no andar térreo e superior, respectivamente, do prédio da antiga Prefeitura.

Figura 5- Prédio dos Museus na noite da inauguração



Fonte: Autor desconhecido; 1996, Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Figura 6- Reitor da Universidade de Passo Fundo, Pe. Elydo Alcides Guareschi assinando o livro de presenças do MHR na inauguração



Fonte: Autor desconhecido; 1996, Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Figura 7 - Professora da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF Mariane Loch Sbeghen (à esquerda) e a Museóloga dos Museus Tania Aimi Oliveira (à direita) na inauguração



Fonte: Autor desconhecido; 1996, Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Percebe-se que o MHR foi uma espécie de moeda de troca, nas tratativas entre a Universidade e a Prefeitura. Desse modo, a partir de 1996 estabeleceu-se um convênio entre as partes, ficando acordado que:

CLÁUSULA SEGUNDA - Ao MUNICÍPIO caberá, privativamente:

I- a destinação do espaço físico, junto ao Museu Regional de Passo Fundo, localizado no prédio da antiga Prefeitura Municipal, na forma de concessão de uso, para utilização da Universidade de Passo Fundo, na instalação do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider;

II- a manutenção do prédio e do espaço físico destinado aos museus referidos no inciso I da presente cláusula, incluindo-se a infraestrutura necessária;

III- a assunção dos encargos de água e de energia elétrica dispendidos no local;

IV- o repasse à Fundação conveniada, do valor de R\$ 2.300,00 por mês, a contar de 15 de maio de 1996, para a manutenção do Museu, reajustado anualmente, pelo índice oficial de apuração da inflação nacional.

CLÁUSULA TERCEIRA- A FUNDAÇÃO caberá, exclusivamente:

I- a Coordenação e administração dos Museus, com a supervisão do Conselho Curador;

II- a disposição de pessoal especializado na catalogação, no cadastramento e, no assessoramento técnico do acervo, nos serviços de expediente, de atendimento à portaria, de monitoramento à visitação pública e de guarda interna do recinto do Museu, e

III- a destinação de equipamento(s) de computação, na forma de cessão de uso, com a cessão de pessoal especializado para a respectiva operação.(PASSO FUNDO, 1996, p.1)

Atualmente, o museu não possui Plano Museológico, Estatuto, Regimento ou qualquer outro dispositivo legal que organize seu funcionamento, bem como qualquer documento que o vincule à Secretaria de Desporto e Cultura de Passo Fundo ou à Fundação Universidade de Passo Fundo. Ou seja, a instituição inexistente no organograma oficial da FUPF e da PMPF.

No ano de 2007 foi assinado um aditivo ao convênio em que “[...] as partes, já qualificadas, resolvem aditar o convênio referendado pela lei nº 3.122 de junho de 1996, excluindo o item “IV” da Cláusula Segunda”² (PASSO FUNDO,2007, p.1) ou seja, pelo documento não era mais necessário que a PMPF repassasse valor para a manutenção das atividades no MHR.

O convênio assinado entre a FUPF e PMPF em 1996 tinha validade de 20 anos, assim, em 2016, foi renovado o acordo entre as instituições. Nos anos seguintes foi sendo renovado anualmente até 2019, e até o momento não houve a renovação.

Os museus, MAVRS e MHR, foram pensados, a partir de 1996, como espaços interdisciplinares e que servissem como laboratórios de aprendizagem para os acadêmicos dos Cursos de Graduação de Artes e História da Universidade de Passo Fundo. A primeira Coordenadora dos Museus foi a Professora Roseli Doleski Pretto que pensava esse espaço como um produtor e mediador de conhecimento (TOMASINI, 2019).

O Conselho Curador, determinado pela cláusula 4^a do convênio entre PMPF e FUPF, reuniu-se apenas uma vez, conforme Ata 01/97 – que não foi assinada. De acordo com o Convênio, seria composto pelo secretário municipal de Turismo, Cultura e desporto, pelo Diretor da divisão de Cultura da SETUR, por representante da FUPF e por representante da Universidade de Passo Fundo. O mesmo Conselho vale tanto para o MHR quanto MAVRS, o que é uma dificuldade, tendo em vista o caráter diverso dos dois museus. Além do Conselho Curador, o MHR possui, juntamente com o MAVRS, a Associação de Amigos dos Museus que foi declarada de utilidade pública pelo decreto municipal 99/00 de 17 de outubro de 2000 e tem como finalidade apoiar as atividades afins dos museus (art.2º). Foi criada, segundo a Ata de 05 de maio de

² Primeiro aditivo ao Convênio Firmado entre o município de Passo Fundo e a Fundação Universidade de Passo Fundo, referendado pela Lei nº 3122 de 27 de junho de 1996.

1999, para atender a demandas de captação de recursos dos museus, que não tinham condições financeiras de trazer palestrantes de fora, ou confeccionar convites para as exposições, para a publicação do jornal Pensa Fundo. Atualmente, está desativada, sendo que a última ata de reunião encontrada data de 2010.

Contudo, a não existência de instâncias representativas, com funções deliberativas e de fiscalização assinalam uma grande perda para o museu, uma vez que poderiam auxiliar nas tratativas de busca de melhorias para a instituição. Os Museus têm sofrido processos de precarização, a exemplo de seu quadro de pessoal. Observa-se, no Quadro 1, a organização do quadro funcional na abertura do MAVRS e MHR, em 1996:

Quadro 1 - Quadro funcional do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider e Museu Histórico Regional em 1996

MUSEU DE ARTES VISUAIS RUTH SCHNEIDER		MUSEU HISTÓRICO REGIONAL	
04	Estagiários do Curso de Artes	04	Estagiários do Curso de História
01	Professor Orientador do Curso de Artes	01	Professor Orientador do Curso de História
01 Coordenadora dos Museus 01 Museóloga 03 Auxiliares de Museu			

Fonte: a autora (2021).

Nas gestões posteriores, de Maria Cezária Brito Ramos (2002-2010) e Tania Aimi Oliveira (2010-2019), o Museu manteve-se fiel aos propósitos pensados em 1996, mas não conseguiu conservar minimamente seu quadro de pessoal, nas gestões que se seguiram. Atualmente, em 2021, o quadro funcional dos Museus está assim configurado (Quadro 2):

Quadro 2 - Quadro funcional do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider e Museu Histórico Regional em 2020

MUSEU DE ARTES VISUAIS RUTH SCHNEIDER		MUSEU HISTÓRICO REGIONAL	
04	Estagiários do Curso de Artes APENAS 2 ESTAGIÁRIAS ESTÃO CONTRATADAS.	04	Estagiários do Curso de História- APENAS 2 ESTAGIÁRIOS ESTÃO CONTRATADOS.
01	Professor Orientador do Curso de Artes	01	Professor Orientador do Curso de História- VAGA NÃO PREENCHIDA
01 Encarregada Administrativa dos Museus- VAGA NÃO PREENCHIDA 01 Museóloga- VAGA NÃO PREENCHIDA 03 Auxiliares de Museu- APENAS 1 AUXILIAR DE MUSEUS QUE RESPONDE, ATUALMENTE, TAMBÉM PELAS FUNÇÕES DE ENCARREGADA ADMINISTRATIVA 01 Estagiária do Curso de Jornalismo- VAGA NÃO PREENCHIDA			

Fonte: a autora (2021).

Em 2021, percebe-se um declínio no que tange ao quadro funcional. As vagas permanecem existindo no quadro da instituição, mas não são efetivamente ocupadas. Importante salientar que a pandemia de COVID-19 afetou o fluxo de trabalho de diversos setores, e no MHR não foi diferente, o que deve ser levado em consideração para o não preenchimento de algumas vagas. Mas, é preciso pontuar que a vaga de Encarregado Administrativo dos Museus está aberta desde agosto de 2019, ou seja, anterior ao período de pandemia. Desse modo, quem vem respondendo pelas atribuições de coordenar é a única funcionária contratada como Auxiliar de Museu da instituição. Esse fato somado com a questão da não renovação do convênio entre FUPF e PMPF demonstra que as instituições museológicas parecem estar em segundo plano para os seus gestores. É possível que o potencial cultural e educativo dos museus não seja reconhecido pelos seus mantenedores.

2.3.1 Muito além de um novo nome, um novo conceito em museu

Não foi apenas o nome do museu que mudou de Histórico-Cultural para Histórico Regional. Houve uma mudança de conceito, de direcionamento de trabalho, pois

[...] realmente, não se pode conceituar um museu como um mero depositário de objetos, entende? Como um suporte, uma vitrine. O museu

tem que ser um órgão dinâmico, inserido no contexto da comunidade e integrado ao seu entorno, fazendo essa ponte entre a comunidade e as linguagens que estão aí, a história que está presente e havendo um questionamento. Entende? E levando o estudante a se dar conta que é quem constrói a sua história, história somos nós mesmos. O museu é apenas a vitrine que mostra não só a história regional como a história das artes. Então, o papel do museu, exatamente, é fazer essa consciência crítica dos construtores da nossa história, como a Jornada (de Literatura) traz os que constroem o pensamento literário, os que contribuem para esse pensamento crescer dentro do processo (PRETTO apud TOMASINI, 2019, p. 78).

Nas palavras da Professora Roseli Doleski Pretto, primeira Coordenadora do MHR, o museu precisa ser vivo, integrar a comunidade em suas ações e colocar os sujeitos como protagonistas do processo de mediação do conhecimento. Na perspectiva de Roseli Doleski Pretto, o Museu Histórico Regional se apresenta em convergência com o pensamento de Meneses, que afirma que um museu de cidade deve " [...]ser uma referência inestimável para conhecer a cidade, entendê-la (no seu passado e no seu presente), fruí-la, discuti-la, pensar seu futuro, enfim, amá-la e preocupar-se com ele e agir em consequência" (MENESES, 2003, p. 257).

Luciana Scanapieco Queiroz (2013), em sua dissertação de Mestrado, intitulada "UM MUSEU DE CIDADE: imaginário, debate museológico e o caso de Juiz de Fora", invocando Johnson³ afirma que o *boom* de museus de cidade ocorreu nos primeiros anos do século XX, uma vez que o crescimento da urbanização, proporcionado pelo desenvolvimento industrial, fez com que as pessoas, com o medo da perda referencial do passado, buscassem preservar, guardar fragmentos que representassem o processo de desenvolvimento pela qual a sua cidade está passando.

Assim, museus eram estabelecidos e recebiam coleções de indivíduos de certa proeminência na cena local, que viam no museu uma forma de perpetuar a ordem vigente e seu status. Doavam não só seus pertences como quantias em dinheiro para auxiliar nas atividades da instituição. A cidade, portanto, era interpretada de acordo com a coleção, a visão e valores de tais beneméritos, bem como as inclinações de aspecto político que regiam as medidas tomadas (QUEIROZ, 2013, p. 54).

Entretanto, deve-se atentar para o fato de que o museu não é um campo neutro, uma vez que é gerido e trabalhado por sujeitos. Ele segue a carga subjetiva de cada

³ JOHNSON, Nichola. Discovering the City. IN: Museum International, UNESCO, 1995. p.187.

um dos atores deste processo “[...] dentro de um determinado contexto e sem esquecer que quem dá voz aos documentos e objetos sejam eles papéis ou peças tridimensionais é o museólogo ou o historiador (no caso da escrita da História)” (RAMOS, 2013, p. 17).

Nesse sentido, Natalia Maia Sousa (2011), em sua dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, trabalha acerca das representações de Fortaleza no Museu do Ceará e afirma que

[...] as exposições não são encaradas como territórios ingênuos, pois pressupõem uma postura teórica assentadas em concepções de sociedade, cultura, tempo, espaço, história, memória, dentre outras. Isto não significa que a visão adotada pelos museus adquira *status* de verdade absoluta, pois, obviamente, os objetos neles expostos são passíveis de várias interpretações. Assim, cada visitante se apropria de forma diferente do que lhe é mostrado nessas exposições e ressignifica seus sentidos (SOUSA, 2011, p. 9).

O que é mostrado a cada visitante nas exposições toma forma materialmente, por meio dos objetos expostos que, a partir deste momento atingem “[...] uma dimensão contingente e perecível, como objetos materiais, e uma dimensão abstrata e transcendente, como representação de ideias e valores sociais” (GONÇALVES, 2003, p. 22), ou seja, como representação simbólica os objetos apresentarão a ambiguidade, do visível e invisível.

Representação simbólica que também estará presente na trama urbana, pois

As configurações espaciais da cidade refletem as sucessivas materializações do poder, de modos de ser e estar no mundo, formando um panorama carregado de tensões e disputas, de memória e esquecimento. (CHAGAS; STORINO, 2014, p. 75).

Dessa forma, o museu de cidade deve possibilitar que os grupos silenciados, por diversos fatores e agentes, estejam dentro do museu. Nessa direção, Sousa afirma que

Da mesma forma, mais recentemente no Brasil, a Política Nacional de Museus (2003, p. 03) menciona que o seu papel, como “instituições de memória”, deve se pautar por um “Projeto de Nação mais inclusivo”, valorizando os “diferentes processos identitários”, tais como a relação entre os diferentes grupos sociais e étnicos. Assim, as propostas de políticas patrimoniais e das políticas museológicas devem – de acordo com as políticas vigentes – se ancorar no direito à diversidade histórica e no respeito às diferenças (SOUSA, 2011, p.13).

Do ano de reabertura do museu até o ano de 2020 foram realizadas 10 exposições que trataram especificamente da temática indígena ou acerca dos grupos indígenas que habitavam o território de Passo Fundo, são elas: “Cultura Indígena” em 1999, “Há quinhentos anos eles já estavam aqui” em 2000, “Mostra índio Kaingang – Aspectos gerais da sua cultura” em 2001, “Guarani e Kaingang: nosso povo esquecido...” em 2002 (Figura 8), “O Nativo: estética e inclusão social” em 2003, após reapresentada em 2005 e 2007 com o nome “Nativo: artesanato e inclusão social”, “Êg Rá Nossas Marcas” em 2013 (Figura 9), “Sagrado: a arte e o artesanato indígena, um culto à natureza” em 2015.

Figura 8- Exposição “Guarani e Kaingang: nosso povo esquecido...” no ano de 2002 com fotografias do fotógrafo Tadeu Vilani



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

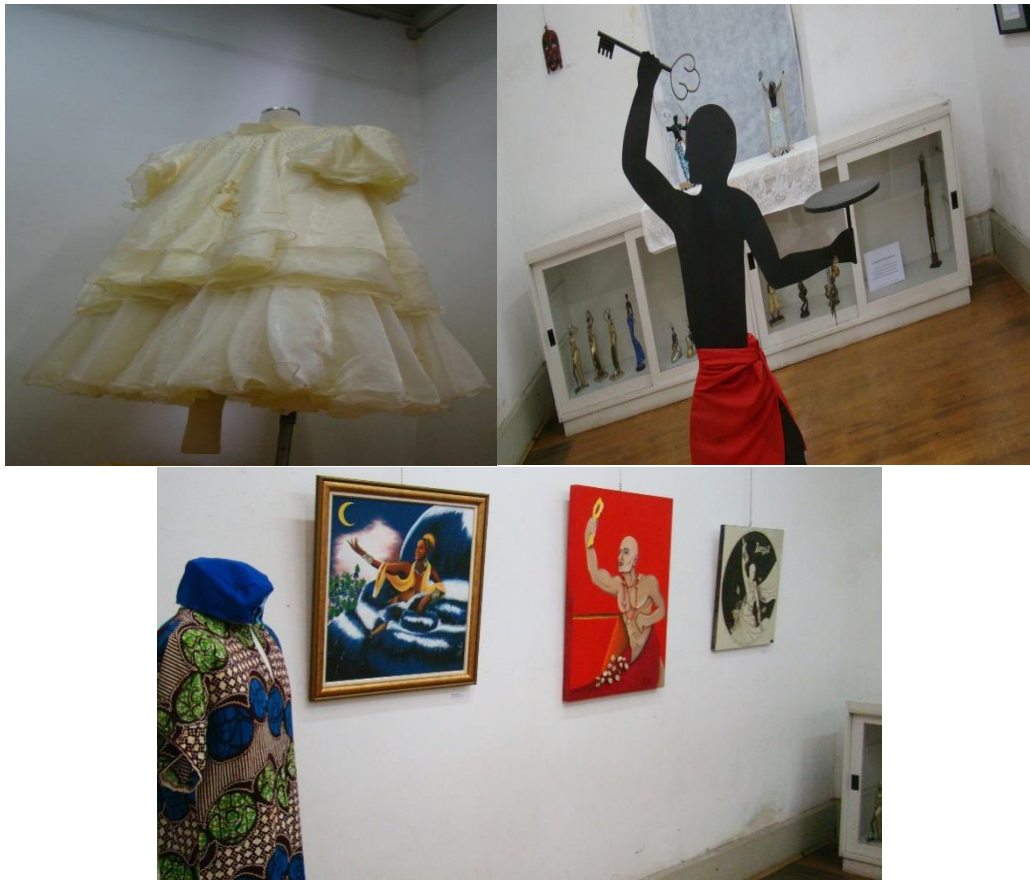
Figura 9- Exposição “Êg Rá Nossas Marcas” em 2013



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Em relação à cultura afro-brasileira houve apenas uma exposição que trabalhou diretamente a temática, cujo título era “Memória e Patrimônio Imaterial: Cultura Afro em Passo Fundo” no ano de 2013 (Figura 10). Assinala-se que três outras exposições trataram da representatividade afro em Passo Fundo indiretamente, quais sejam: “100 anos de Samba e outros Carnavais”, “Centenário do Clube Visconde do Rio Branco” de dezembro de 2016 a março de 2017 e “O legado de Djanira Ribeiro” de novembro de 2019 a março de 2020.

Figura 10 - Exposição “Memória e Patrimônio Imaterial: Cultura Afro em Passo Fundo”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Duas exposições do MHR, “Mulheres Pioneiras no MHR”, em 1997 (Figura 11), e “Visões do feminino: uma história sobre a saúde da mulher em Passo Fundo”, em 2018, buscaram conferir protagonismo às mulheres, indo na contramão da imagem convencional que as reduz ao papel de esposas, mães e donas de casa.

Figura 11- Exposição “Mulheres pioneiras no MHR” no ano de 1997



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Percebe-se que a instituição busca dar voz a coletividades silenciadas. Claro, que no que tange à comunidade afrodescendente, a apresentação de mostras específicas é tardia, relacionando com a reabertura do museu, mas não se pode ignorar que, em exposições que abarcavam outros temas, se discutia transversalmente a referida problemática, como se pode observar nos documentos referentes as exposições.

Assim, a instituição museal na/da cidade esteve atenta aos diferentes sujeitos que atuam nas mudanças no espaço urbano, uma vez que a cidade é dinâmica, pois “[...] quanto mais a cidade se transforma mais o museu tem o que preservar. Neste processo mutatório, de constante reconstrução de seu território, a cidade se devora para regenerar-se” (RANGEL, 2011, p.306).

O autor Ulpiano Bezerra de Menezes, em seu texto “O museu de cidade e a consciência de cidade”, discorre sobre como os museus de cidades podem trabalhar a cidade. Parece uma afirmação redundante, entretanto será uma discussão pertinente, ao passo que

[...] o museu de cidade, deve, pois, dar conta da cidade- o que não quer dizer, é óbvio, esgotar esse objeto de atenção, mas enfrenta-lo na sua complexidade, considerando o passado, o presente e abrindo-se para o futuro (MENESES, 2003, p. 260).

Helena Cunha de Uzeda (2016), em seu artigo “Os museus de cidades e o processo de interpretação da memória dos centros urbanos”, afirma que “[...] as cidades em seu processo de desenvolvimento caoticamente atraente assumem função de laboratório cultural, onde são gestadas e testadas respostas para as múltiplas demandas da atualidade” (UZEDA, 2016, p.63). Assim a instituição museal se coloca como mediador e difusor das práticas que ocorrem na cidade, como laboratório. Dessa forma, as identidades não são estanques, se reformulam, conjugando acréscimos e descartes em camadas de significação (UZEDA, 2016) e os museus de cidade auxiliam nesses acréscimos e descartes legitimando narrativas que incluem e excluem, que dão voz e silenciam sujeitos.

Se as identidades não são estanques, são as representações que conduzem a elaboração do imaginário que, ao passo que se torna legítimo para um grupo social, auxilia na formação identitária do mesmo, pois a identidade

[...] há que ter em conta a recepção ou o endosso do seu público consumidor. Como todo processo de construção imaginária, a identidade se apoia em dados da realidade que se compõem e interpenetram com elementos do inconsciente coletivo e com os outros “inventados”, num processo de deliberada ficção criadora. O resultado, contudo, é sempre uma abstração que se expressa como se viu, em imagens, discursos, práticas, sensibilidades e valores (PESAVENTO, 1999, p. 24).

Portanto, assume o Museu Histórico Regional um papel de fundamental importância, inerente às instituições museológicas que operam com o “objeto cidade”: o de significar e representar elementos para as formulações identitárias passo-fundenses, visto que a identidade de Passo Fundo é algo que está sempre em construção; a cidade parece estar sempre em busca de sua(s) identidade(s). Battistela e Baccin nos provocam com uma reflexão: “...afinal, qual é a identidade de Passo Fundo? Uma cidade pós-moderna, com múltiplas identidades? (cf. Hall, 2005). Ou uma cidade em crise de identidade?” (BATTISTELA; BACCIN, 2016, p. 200). A reflexão dos autores vai ao encontro do que Stuart Hall chama de múltiplas identidades do sujeito pós-moderno, pois

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2006, p. 13).

Entretanto, as identidades não vão sendo moldadas apenas com o que foi e é apresentado pelo MHR. A escrita da história de Passo Fundo tem como referência três principais escritores, os primeiros que se debruçaram nesta tarefa (DIEHL,1998). Os estudos de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, tido como o Pai da História de Passo Fundo (DIEHL,1998), Jorge Cafruni e Delma Rosendo Gehm fomentaram e auxiliaram na construção da história e identidade hegemônica de Passo Fundo, pois compilaram informações e dados acerca do município. Mas, em que medida as narrativas expositivas convergem ou divergem com a escrita da história produzida por Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Delma Rosendo Gehm, tomados para análise neste estudo? No próximo capítulo serão realizados apontamentos acerca da historiografia apresentada por Oliveira e Gehm, bem como de que forma a escrita da história dos autores está representada nos monumentos da cidade.

CAPÍTULO 3 - NAS LINHAS DO TEMPO, A ESCRITA DA HISTÓRIA PASSO-FUNDENSE



Fonte: Acervo digital MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

3.1 A ESCRITA DA HISTÓRIA DE PASSO FUNDO: IMAGEM E IMAGINÁRIOS URBANOS

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata.
Calvino

Há pelo menos duas maneiras de nós abordarmos uma cidade. Existe a cidade superficial, racionalista, aquela onde triunfa a linha reta, onde o caminho que nós tomamos para chegar a uma determinada finalidade é o caminho da rotina, da repetição, do mesmo. Existe uma outra abordagem da mesma cidade, que é aquela da cidade subterrânea, da cidade da memória...

Olgária Matos

O capítulo compreenderá uma análise das imagens e do imaginário urbano de Passo Fundo, legitimados pela primeira fase da historiografia da cidade. Serão analisadas como as imagens urbanas embasaram a construção de uma trama de monumentos urbanos, foram utilizadas pelo poder público municipal para apresentar a cidade de Passo Fundo e serviram para alimentar o imaginário da cidade.

As imagens difundidas, discursos proferidos, práticas, valores, entre outros, são representações, ou seja “[...] presentificações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento” (PESAVENTO, 2006, p.49), permitindo assim, que os sujeitos elaborem suas ideias acerca do real, direcionando seus olhares, suas percepções de acordo com as significações ligadas às representações.

Segundo Ferrara, “[...] imagem e imaginário correspondem à capacidade cognitiva do homem de produzir informação em todas as suas relações sociais; nos dois casos, produzem-se informações, mas de modo diverso” (FERRARA,1997, p.194). A autora argumenta que “[...] as imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadores do seu conhecimento” (FERRARA,1997, p.193), ou seja, os signos são solidamente construídos, visuais, icônicos e carregam apenas um significado. Já o imaginário é polisensorial, é “[...] o processo que acumula imagens e é estimulado ou desencadeado por um elemento, construído ou não, porém claramente identificado com o meio e o cotidiano urbanos” (FERRARA,1997, p.195),

[...] o imaginário corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação do significado, atribuir significados a significados; suas produções não são únicas, mas se acumulam e passam a significar mais por um processo associativo onde um significado dá origem a um segundo ou terceiro e, assim, sucessivamente. Pelo imaginário, a imagem urbana- locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados- passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos em relação à imagem básica que lhes deu origem. (FERRARA, 1997, p.193).

Entretanto, para se utilizar tais categorias de análise urbana se fazem necessárias algumas observações, uma vez que, como já citado, imagem e imaginário produzem, de modos diversos, informações. Tal diferenciação está ancorada na análise da sintaxe da imagem e do imaginário. A sintaxe da imagem urbana é o que se vê, enxerga, é o visual (cores, formas...) e pode ser observada a partir das seguintes categorizações): edificada escultórica, emblemática, renovada, referencial, estática, segura, apelativa (FERRARA, 1997).

Nesse sentido, ao contrapor-se imagem e imaginário, percebe-se que a sintaxe do segundo ocorre de outra forma, uma vez que é desencadeado ou estimulado por meio das imagens urbanas. Assim sendo, o imaginário consiste na identificação de tais estímulos, no qual “[...] o ver não é constatar, mas produzir/criar a informação urbana e, com ela, a própria experiência. Esse ver é um pensar, refletir.” (FERRARA, 1997, p. 196).

A imagem e o imaginário de uma cidade não são construções fixas, e nem são exclusividade de um único período. O imaginário vai se apropriando dos signos e os ressignificando, pois

Recuperar a cidade do passado implica, de uma certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano. Todo traço do passado pode ser datado através do conhecimento científico ou classificado segundo um estilo preciso, mas o resgate ao passado implica em ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que esta cidade abrigou em um outro tempo. Ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história (PESAVENTO, 2005, p. 11).

A escrita da história de Passo Fundo não é recente, assim como não foi e nem é tarefa de um(a) autor(a) apenas. Pontuam-se, inicialmente, as obras dos dois principais autores e da autora que embasam a escrita da História Passo-fundense:

Francisco Antonino Xavier e Oliveira (1876-1959), com sua obra “Annais de Passo Fundo”, de 1903, Jorge Cafruni (1913-1970), autor de “Passo Fundo das Missões”, de 1966 e Delma Rosendo Gehm (1917-2008), autora de “Passo Fundo através do Tempo”, tendo o primeiro volume sido publicado em 1978 e, segundo e terceiro em 1982 e 1983, respectivamente. Essa primeira fase da historiografia da cidade passou por um processo de transição a partir da utilização de novos métodos de pesquisa histórica. Importante ressaltar que Ney Possap D’Avila era uma das poucas referências que se tinha além de Oliveira, Cafruni e Gehm. D’Avila foi professor da UPF e seus estudos tinham como base critérios metodológicos, mas que em alguns momentos convergia com as temáticas de Oliveira⁴.

Entretanto, tomam-se para análise neste estudo as obras “Annais de Passo Fundo” e “Passo Fundo através do Tempo”, de Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Delma Rosendo Gehm, respectivamente. Embora a obra de Cafruni seja referência dessa primeira fase de escritores, antes da introdução de novas temáticas de análise na produção do conhecimento histórico, optou-se por não utilizá-la nesta pesquisa, pois considera-se que a mesma se dedica a período específico da história do município, uma vez que narra a história dos jesuítas espanhóis que avançaram sobre o atual estado do Rio Grande do Sul, fundando diversas reduções na primeira metade dos anos 1600, quando Portugal (e como consequência, o Brasil) pertencia à União Ibérica. O espaço central abordado pela obra é a Redução de Santa Teresa, atualmente Passo Fundo.

Além disso, Oliveira será o primeiro a escrever sobre a história passo-fundense, tendo obras publicadas entre 1908 e 1959. Gehm terá dois dos volumes de sua obra publicados na década de 1980, fato esse que permite dizer que, no terceiro volume de sua obra, há um direcionamento a novos temas, como a abordagem do papel da mulher na sociedade, dos silenciados e excluídos, uma vez que a autora citará mulheres que desempenhavam a função de professoras na cidade, bem como cita os indígenas como primeiros ocupantes do território (GEHM, 1982). Somado a isso, a obra de Gehm faz referência a Oliveira, assim podem-se perceber permanências e/ou rupturas nas ideias que os autores querem passar em suas obras.

⁴ Ney D’Avila irá difundir um imaginário de “terra de passagem” para Passo Fundo, fato contestado por outros estudos, devido ao fato da cidade ser constituída a partir da fundação de uma fazenda pastoril.

Como mencionado anteriormente, foram vários os(as) estudiosos(as) que se dedicaram e dedicam a pesquisar a história do município, mas pode-se assinalar que na década de 1980 ocorreu “[...] uma profunda mudança nas formas de produção do conhecimento histórico, especialmente na formulação teórica dos temas e na metodologia adotada nas reconstituições” (DIEHL, 1998, p.16). Desse modo, houve uma reestruturação nos centros acadêmicos e, conseqüentemente, na formação dos profissionais, pesquisadores que passaram a tomar novas temáticas por análise, como a “loucura, corpo, doença, as pequenas instituições [...]” (GERTZ, 1987, p.07), entre outras. Além disso, como a Universidade de Passo Fundo⁵, criada em 1968, possuía em sua grade de cursos a Graduação em História, desde 1970, se teve um significativo aumento de profissionais debruçados nesses novos campos de análise, ou seja, seguindo novos métodos, observando novas perspectivas, de modo que a

[...] história social passou a predominar sobre a história política e econômica[...] em vez das grandes análises que partem das grandes teorias, procura-se “reconstruir histórias de vida”, abre-se espaço para a “história dos vencidos (GERTZ, 1987, p. 7-8).

O olhar deste trabalho em relação às obras acerca da historiografia de Passo Fundo, “Annaes de Passo Fundo” de Francisco Antonino Xavier e Oliveira e “Passo Fundo através do tempo” de Delma Rosendo Gehm, terá as lentes que Ulpiano Bezerra de Menezes aponta acerca das dimensões de observação da cidade, quais sejam: cidade como artefato, como campo de forças e como representação social. Dessas três perspectivas, será privilegiado, como opção para observação da problemática de estudo, a dimensão específica da representação social, sem, no entanto, preterir as demais. Considera-se que, as duas primeiras dimensões – artefato e campo de forças - estão inteiramente conectadas com a de representação social, sendo impossível estudá-la sem abordar as duas outras perspectivas. Afinal,

[...] a cidade é coisa feita, fabricada, o mais complexo artefato humano jamais produzido. Artefato, genericamente, é todo segmento da natureza física socialmente apropriado, isto é, ao qual se impôs, segundo padrões sociais, forma, função, sentido (conjunta ou isoladamente ou em diversas combinações) (MENESES, 2003, p. 262).

⁵ A Universidade de Passo Fundo (UPF) é resultado da união da Sociedade Pró- Universitária, criada em 1950, e do Consórcio Universitário Católico, fundado em 1956. A integração ocorreu efetivamente em 1968, quando se assinou o Decreto e se instituiu a Fundação Universidade de Passo Fundo (FUPF), mantenedora da UPF. (GUARESCHI, 2001).

Tal artefato vai sendo produzido, tomando forma a partir de forças, ou seja,

[...] não se gerou em uma atmosfera abstrata. Foi produzido no interior de relações que os homens estabeleceram uns com os outros. Assim, a segunda dimensão é a do campo de forças, imagem tomada de empréstimo à Física, para denotar espaço discernível de tensão, conflitos, interesses, energias em confronto constante, de natureza territorial, econômica, social, ideológica, cultural [...] (MENESES, 2003, p.262).

Desse modo, para que ocorram as legitimações das coletividades que disputam o espaço, se fazem necessárias representações de tais grupos, uma vez que

A cidade não é apenas artefato socialmente produzido e reproduzido nesse campo de forças, como numa máquina. As práticas que dão forma e função ao espaço, para instituí-lo, então, como artefato, também lhe dão sentido, significações, direção. Práticas e representações são as duas faces inextricáveis da vida social. De fato, a intervenção concreta no universo empírico- o agir humano- não se faz às cegas, mecanicamente, por instinto, mas é simultaneamente induzido, conformado, tornado inteligível, desejável ou legítimo etc., por representações seja no nível individual, coletivo ou social (MENESES, 2003, p. 263).

Portanto, ao iniciar a análise, colocam-se as lentes com as proposições de Meneses (2003) para que se possa mapear as dimensões da cidade apontadas nas obras. Afinal,

[...] consideramos os livros um símbolo - intermediário entre o sinal (narrativa histórica) e o signo (visão de mundo do grupo social, incutida na narrativa), que estabelece uma relação com o imaginário social (ainda que sendo das elites) -, visto que, com suas narrativas, impõem uma imagem e criam uma legitimidade, originada do poder de antepassados, seja étnico, seja político, econômico ou institucional: “Heróis chefes/guerreiros, estabelecem modelos e o imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva” (BACZKO, 1986, p.309-310). Essas produções, que passam a existir como sistema simbólico, instrumento de conhecimento e comunicação, exercem um poder estruturante (influenciam os indivíduos nas formas de conceber a sociedade atual e nela agir, reconhecendo grupos e desconsiderando outros) porque são estruturadas (por meio da narrativa estrutura-se uma concepção de história que seleciona fatos, sujeitos e ações históricas, privilegiando algum(s) grupo(s) e negligenciando outro(s) de forma a estabelecer um poder de definição de mundo social no imaginário coletivo, apresentando-se, assim, como poder simbólico. Nesse sentido, “poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem que dá sentido imediato ao mundo” (BOURDIEU, 1989, p.9). Através dos sinais (narrativa histórica portadora de signos), os autores buscam uma integração social e contribuem para a reprodução de dada ordem social, legitimando a ordem estabelecida e as distinções. Os agentes da produção simbólica, motivados pelos seus interesses pessoais e do grupo do qual fazem parte, direcionam seu olhar a uma interpretação de mundo social, colocando, dessa forma, o capital, ao qual devem sua posição, no topo dos princípios de hierarquização. (MACHADO, 2000, p. 24).

O interesse deste trabalho não é desmerecer as obras aqui analisadas, muito pelo contrário. Elas são tratadas com total respeito e com o entendimento de que são a referência acerca da História de Passo Fundo. Entretanto, procura-se analisar as mesmas com criticidade, com argumentos embasados na historiografia de nosso tempo.

3.2 ANTONINO: “O PRIMEIRO EXPLORADOR DE TÃO VASTO CAMPO”

Notando, pesaroso que a história de minha terra natal jazia ainda à espera de quem a exumasse das brumas do passado, concebi o temerário projeto de a escrever nas horas que me sobravam da luta pela vida...Primeiro explorador de tão vasto campo, não me era possível, por esta circunstância, produzir uma obra completa e sem erros, porque a história de um povo não é assunto que se possa elucidar à primeira investida. Sem o concurso de outros obreiros e as ponderações judiciosas da crítica sensata que é, especialmente, quem profere veredictum definitivo sobre a matéria (OLIVEIRA, 1990a, p.1).

As obras de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, analisadas por esse estudo, de acordo com introdução escrita pelo grupo de trabalho, foram reeditadas por não estar completas à disposição de pesquisadores e leitores. Dessa forma, um grupo de professores de Geografia, História e Língua Portuguesa se debruçaram na compilação das obras de Oliveira, sendo que as obras que estavam esgotadas ou não se possuía exemplar, foi-lhes possibilitado acesso ao acervo de Marina Xavier e Oliveira Annes.

A reedição foi feita em três volumes: “Annaes do Município de Passo Fundo- Aspectos Geográficos”; “Annaes do Município de Passo Fundo- Aspectos Históricos” e “Annaes do Município de Passo Fundo- Aspectos Culturais”. Em cada volume, estão reunidos os textos de Oliveira de acordo com a temática proposta para cada compêndio de textos.

Francisco Antonino Xavier e Oliveira nasceu em Passo Fundo no dia 05 de setembro de 1876, tendo falecido em sua terra natal no dia 10 de julho de 1959. Ainda menino, trabalhava na casa de comércio de seu tio, na qual desempenhava as funções de vigiar as mercadorias expostas, atender em domicílio e dar de beber às bestas dos fregueses. Com o passar do tempo, passou a exercer a atividade de caixeiro (balconista), e por ser de confiança, além de saber ler, escrever e contar, mesmo com

a frequência irregular à escola devido ao trabalho na venda, iniciou na atividade de tropeiro (D'ÁVILA⁶, 1993).

No ano de 1888, Oliveira deixou a Vila de Lagoa Vermelha, onde residia com a mãe e os irmãos, para morar na casa da madrinha Ana Joaquina Xavier e Oliveira, em Passo Fundo. Trabalhando como caixeiro na Casa Comercial do Major Lucas José D'Araújo, esposo de Ana Joaquina, voltou a frequentar as aulas no Colégio Luso-Brasileiro com o Professor Eduardo de Britto (D'ÁVILA, 1993). Foi na venda do Major Lucas que teve seus primeiros contatos com a política, pois ali aconteciam conversas acaloradas sobre o assunto, uma vez que os frequentadores do local atuavam em cargos políticos ou que tinham relação com o governo de Passo Fundo (GEHM, 1983).

No final da década de 1890, Oliveira ingressou na advocacia tendo atuado em Porto Alegre e Passo Fundo, quando exerceu, também, a função de Procurador do Município. Além de ter sido nomeado Prefeito Municipal no período de 01 de novembro de 1945 a 19 de fevereiro de 1946. Ainda, ocupou os cargos de Promotor Público da Comarca, Escrivão de órfãos, Secretário da Intendência Municipal, Juiz Distrital, Encarregado na representação de Passo Fundo na Exposição Estadual de Porto Alegre e na Exposição Nacional do Rio de Janeiro. Somado a isso elaborou os regulamentos da Intendência, o Código de Posturas e a Lei Orgânica do Município, além do Mapa Geográfico de Passo Fundo (D'ÁVILA⁷, 1993, p. 68).

Percebe-se que Oliveira dispunha de boas relações e, principalmente, competência para atuar em cargos representativos e importantes para o desenvolvimento de Passo Fundo. Importante ressaltar que a partir da fundação do Partido Republicano no município, da qual Oliveira participou ativamente, se construirá uma hegemonia do referido partido, no que tange à governança passo-fundense. Os Republicanos comandaram a cidade por vários anos seguidos, fato que se deve levar em conta ao analisar o currículo de Oliveira, verificando os altos cargos que exerceu. Mas é notório que ele gozava de grande prestígio entre os munícipes,

⁶ “O Historiador Passo-Fundense Antonino Xavier” foi a dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina por Ney Eduardo Possap D'Avila. O autor se debruçou na obra de Oliveira tendo como norte “tornar mais bem conhecida a História de Passo Fundo e, por extensão, do Planalto Médio do Rio Grande do Sul tomando por ponto de partida a maneira como foi recolhida e interpretada por Francisco Antonino Xavier e Oliveira (1876-1957).” (d'Avila, 1993, p. 7).

fato comprovado pela representatividade que exercia com relação a determinados grupos, sendo que “[...] em diversas ocasiões representou os empresários do Município e da região” (D’ÁVILA, 1993, p. 68).

Além das funções já mencionadas, Oliveira atuou como jornalista escrevendo em diversos periódicos de Passo Fundo e região. Muitos dos artigos publicados em tais periódicos posteriormente deram origem as suas obras. Outra atividade importante, a qual se dedicou, foi a de Professor, tendo ministrado aulas de Educação Cívica, Português e Escrituração Mercantil. Desse modo, foi se destacando “[...] como um dos líderes intelectuais da comunidade, Antonino participou, criou e dirigiu entidades culturais, filantrópicas, sociais, políticas e gremistas [...]” (D’ÁVILA, 1993, p. 71). Entre as entidades que tiveram sua participação, podem ser citados o Clube Literário Recreativo Passo-Fundense, Grêmio Dramático, Clube Pinheiro Machado, Liga Protetora dos Pobres atual Hospital de Clínicas de Passo Fundo, Loja Maçônica Concórdia do Sul, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Comitê da Aliança Liberal, Comitê Popular Pró-Getúlio Vargas, Comitê Passo-Fundense Pró-Liberdade de Consciência, Comitê Central Pró-Liberdade de Consciência em Porto Alegre, Grêmio Passo-Fundense de Letras, Sociedade Theosófica de Benares na Índia, Societá Margharita di Saboya (atual Clube Caixerai de Passo Fundo), CTG Lalau Miranda, Sociedade Pró- Universidade de Passo Fundo que deu origem, na década de 1960, à Universidade de Passo Fundo.

Afora essas participações destacadas, Antonino Xavier era com frequência o orador principal, em atos cívicos, comícios partidários, festas sociais, encontros culturais, congressos empresariais ou cerimônias fúnebres (D’ÁVILA, 1993, p. 71-72).

Figura 12- Francisco Antonino Xavier e Oliveira na ocasião em que foi orador nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil, em 1922



Fonte: Photo Ávila; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

As obras publicadas por Oliveira narram fatos presenciados por ele, na maioria das vezes, lhe dando a posição de “homem memória” (D’ÁVILA, 1993). Além disso, sua

[...] íntima ligação com os personagens e acontecimentos locais, e a sua integração e de sua parentela ao grupo dominante permitiram-lhe reunir um cabedal de informações e de tradição oral que abrangem mais de um século de história local e regional[...] A História que relata é, muitas vezes, a história presenciada, ou a lembrança dos íntimos, a versão de parte significativa do grupo dominante local (D’ÁVILA, 1993, p. 75).

Importante pontuar que História e Memória se nutrem. Ambas necessitam uma da outra. Entretanto,

A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é a operação ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz [...]. A História não deve ser o duplo

científico da memória, o historiador não pode abandonar sua função crítica, a memória precisa ser tratada como objeto da História. (MENESES, 1992, p. 22-23).

Ainda sobre a diferenciação entre História e Memória, Nora assinala que a memória está em constante evolução,

[...] aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações [...]. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [...] demanda análise e discurso crítico [...]. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 3).

Dessa forma, a obra de Oliveira se constitui em uma obra memória permeada e embasada, muitas vezes, em suas memórias particulares, deixando em segundo plano o arcabouço teórico e metodológico da pesquisa histórica.

Assim, é preciso atentar-se a sua obra com olhar crítico, tendo como norte que representa a versão de um dos grupos que contribuíram para o desenvolvimento de Passo Fundo. Halbwachs (1990) pontua que, no seio de um grupo, as lembranças consagradas são as da maioria dos componentes do mesmo, sendo resultado das experiências de vida de cada um. Desse modo, ao escrever sobre a construção do imaginário da capital do Planalto durante as comemorações do Centenário de Passo Fundo, Knack assinala que

A formação de um grupo que pode ser considerado como agente, ou guardião da memória da cidade legitimou suas experiências e percepções como pertencentes a toda a coletividade. Assim foram selecionados os heróis, como o patriarca da cidade, o "pai da história", que não apenas embasou a narrativa histórica da cidade, como se tornou um personagem central, e foram deixados de lado os sujeitos que não combinavam com essa visão legitimada, como indígenas, caboclos, escravos e operários (KNACK, 2016, p. 372).

Muitos grupos e, conseqüentemente, sujeitos, não são mencionados ou apresentados a partir de uma visão muito particular do autor, sem escrutínio da metodologia e de apoio de fontes. Entretanto, conforme já mencionado, as publicações são fruto de um período em que os métodos de pesquisa histórica não atentavam para uma história social, mas sim para uma vertente de história política ou ainda para a alteração de "história- narração para história- problema" (MENESES, 1992, p.23). Esse fato não diminui a importância da obra de Oliveira, pois por meio dela é possível estudar vários aspectos da constituição de Passo Fundo, mas é

indispensável que ela seja olhada com as lentes da criticidade, percebendo os silenciados presentes nela. Conforme o próprio Oliveira pontuava,

Como é de compreender para quem a vista projete ao dilatado espaço de tempo a que tive de descer para a pesquisa nominal e cronológica do aludido fator, não se pode admitir que trabalho desta natureza se apresente, desde logo, em feição definitiva. Pretende-lo seria não levar em conta a dificuldade imensa que o filão a explorar oferece, principalmente quando, como acontece, desaparecidos são já todos aqueles sobre os quais o inquérito há de recair, daí resultando que o pesquisador terá de fazer a mineração histórica adstrita ao processo indireto, recorrendo a um grande número de informações e cotejando-as para, assim, poder chegar a conclusões que, salvo exceções raras, serão sempre, no ponto de vista cronológico, meras aproximações (OLIVEIRA, 1990a, p. 10).

As obras escritas por Oliveira são as seguintes:

Anaes do Município de Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul, Livraria Globo, Porto Alegre, 1908. (Escrito em 1903).
O Município de Passo Fundo na Exposição Nacional de 1908, Tipografia a Vapor de Carlos Echenique, Porto Alegre, 1908.
Relatório da Propaganda Agrícola, Livraria Minerva, Passo Fundo, 1917.
Por uma Grande Obra, Livraria Minerva, Passo Fundo, 1920.
Pelo Passado, Oficinas de Livraria ABC, 1922.
Terra dos Pinheirais, Livraria Nacional, Passo Fundo, 1927.
Cartas Gaúchas, Livraria Nacional, Passo Fundo, 1929.
Mapa Geográfico do Município de Passo Fundo, Imprensa Paraense, Curitiba, 1929.
Seara Velha, Tipografia Independência, Passo Fundo, 1931.
A Margem de um Problema Ferroviário, Livraria Nacional, Passo Fundo, 1932.
Oração ao Mate, Livraria Nacional, Passo Fundo, 1935.
Apostilas Geográficas, Livraria Nacional, Passo Fundo, 1935.
Passo Fundo na Revolução de 1835, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Porto Alegre, 1944.
Passo Fundo Físico em 1934, Livraria Nacional, Passo Fundo, 1940.
Passo Fundo Econômico em 1934, Tipografia Ipiranga, Passo Fundo, 1940.
No Decênio Farroupilha (IV Congresso de História e Geografia Sul- Rio-Grandense, 1945). Publicado nos Anais do Congresso, volume 2, 1945.
O Município de Passo Fundo através do Tempo. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. (Escrito em 1937).
Passo Fundo na Viação Nacional, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. (Escrito em 1938).
O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Porto Alegre, 1957. (Escrito em 1939).
Rememorações do Nosso Passado, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. (Escrito em 1949).
 Obs.: Há ainda dez obras inéditas do autor que enfocam temas diversos. (OLIVEIRA, 1990, p.27-28).

Oliveira “[...] durante mais de meio século, como historiador, memorialista e publicista, pesquisou e divulgou a história da sua terra e da sua gente.” (D’ÁVILA, 1993, p. 73), tendo sido nessa “[...] condição de historiador que Francisco Antonino

Xavier e Oliveira alcançou o renome que o consagrou “Pai da História de Passo Fundo” (D’ÁVILA, 1993, p. 73).

3.3 EXUMANDO AS BRUMAS DO PASSADO: OLIVEIRA

Francisco Antonino Xavier e Oliveira, considerado “Pai da História de Passo Fundo”, teve uma extensa produção bibliográfica. Nesse sentido, na década de 1980, a Universidade de Passo Fundo executou o “Projeto Resgate da Obra de Francisco Antonino Xavier e Oliveira”, no qual reuniu as obras do referido autor em três volumes. Os elementos comuns aos três volumes são a configuração inicial: Apresentação, Introdução, Agradecimentos, Prefácio, Dados Biográficos de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Considerações Metodológicas, Bibliografia e Representações Gráficas Elucidativas- Vias de Penetração, 1637-1888 meio- norte RS, Esquema do sistema orográfico do Rio Grande do Sul, Área inicial do Município de Passo Fundo- 1857, Área territorial do Município de Passo Fundo em 1857 e divisão municipal em 1990, Município de Passo Fundo- 1990, Mappa Geographico do Município de Passo Fundo-1929 e Quadro da evolução distrital do Município de Passo Fundo (RS) 1957-1990. Após, cada volume segue com textos específicos que contemplam diferentes aspectos de Passo Fundo, ficando organizados como mencionados acima: volume I Annaes do Município de Passo Fundo- Aspectos Geográficos, volume II Annaes do Município de Passo Fundo- Aspectos Históricos e volume III Annaes do Município de Passo Fundo- Aspectos Culturais.

A obra resultado de tal projeto é a que se toma para estudo. A análise deste estudo, conforme mencionado, seguindo as lentes propostas por Meneses (2003), busca pontuar quem e como construiu a cidade, quais eram os pontos/ sujeitos que atuavam no campo de forças, bem como qual a representação social que o autor vai nos mostrar a partir de sua obra. A leitura seguirá a ordem da organização da obra por volumes para que possamos mapear eventuais permanências e rupturas apontadas por Antonino no processo histórico.

O volume I “Annaes do Município de Passo Fundo- Aspectos Geográficos” tem o seguinte sumário:

Quadro 3 - Sumário de I Annaes do Município de Passo Fundo

OBRA DO AUTOR - TÍTULOS GEOGRÁFICOS
O Município de Passo Fundo na Exposição Nacional de 1908
Relatório da Propaganda Agrícola
A Margem de um Problema Ferroviário
Passo Fundo Físico em 1934
Passo Fundo Econômico em 1934
Apostilas Geográficas
Passo Fundo na Viação Nacional

Fonte: a autora, com base na obra citada, 2021

Nesse volume, os textos buscam desenhar os limites fronteiriços de Passo Fundo, bem como apontar as atividades econômicas que movimentavam o município. Percorrendo o texto, Oliveira pontua que “Foram seus primitivos habitantes os índios guaranis, seguindo-se os coroados, da raça tupi, em poder dos quais se achava o território, quando em 1827, começou o povoamento pela raça branca” (OLIVEIRA,1990a, p. 63). Entretanto, mesmo com o reconhecimento de serem apresentados como os primeiros habitantes do território Passo-fundense, cabe a eles um lugar minimizado, uma vez que são tratados como seres não civilizados, conforme observamos no trecho que segue: “[...] no começo do povoamento do atual território passo-fundense pela gente brasileira civilizada, de que descende grande parte da população de hoje [...]” (OLIVEIRA,1990a, p. 267). Além disso, os indígenas também são caracterizados de forma pejorativa, como sendo os responsáveis por ações conflituosas ocorridas nesse espaço, como o autor assinala,

[...] a despeito das graves perturbações que o assaltaram nesse período, promovidas pelos índios coroados que, de tempos em tempos, dando pasto [lugar] ao seu intenso ódio à raça branca, acometiam traiçoeiramente, os moradores e viajantes, fazendo horríveis carnificinas em represália das quais as autoridades e mesmo os particulares organizavam escoltas numerosas e iam batê-los nas brenhas, exterminando, às vezes, tribos inteiras. Afinal esses índios, já muito reduzidos em número, submeteram-se ao governo provincial, sendo aldeados em Nonoai e na ex-colônia Caseiros, do Mato Português. (OLIVEIRA,1990a, p. 63-64).

Desse modo, Oliveira vai possibilitando a construção de um imaginário, no qual apresenta o indígena como responsável por ações de violência e sempre vencido pelos de “raça branca”, ou seja, um inimigo que deveria ser vencido pela população

que se enxergava como civilizada, pois, de acordo com Oliveira, os “[...] índios Coroados, bravios e que não perdiam ensejo de assaltar e matar gente civilizada[...] os selvícolas, tendo-os pressentido, inopinadamente os atacaram, trucidando-os”. (OLIVEIRA,1990a, p. 285).

Nesse sentido, a cidade vai sendo construída pelo homem branco civilizado, que trava um embate contra a população indígena, pois segundo o discurso vigente devia ser controlada e combatida. Assim, tem-se a representação de um indígena feroz, agressivo, maldoso e do homem branco responsável pela “salvação” do território. Mas, o que se deixa de pontuar é que os grupos indígenas estavam se defendendo, muitas vezes das invasões que os brancos, tido como civilizados, faziam aos locais de morada temporária de tais grupos. Além disso, muitos ataques arquitetados pelo homem branco civilizado, dizimavam a população indígena.

É esse imaginário que vai sendo fomentado por um longo período, tornando-se sujeitos invisibilizados no processo de desenvolvimento do território que atualmente abriga o município de Passo Fundo. Entretanto, o estereótipo de agressividade não é atribuído aos indígenas que são aldeados⁸, pois vivem “[...] conservando uma grande parte de seus primitivos costumes, acham-se em contato com a civilização e não cometem atentados contra esta” (idem, ibidem). Ainda pode-se assinalar que

A intendência municipal tem por várias vezes feito distribuir entre eles ferramentas e sementes para o trabalho agrícola e mesmo procuram aldear em um só ponto, a fim de prover a sua instrução intelectual e profissional, para o que obteve do governo do Estado uma grande zona de excelentes terras entre a confluência dos rios do Peixe (Piraçucê) e Ligeiro (Apuaê). A medida, porém, foi improfícua, em vista das grandes divergências que reinam entre os diferentes grupos (OLIVEIRA, 1990a, p.79).

Importante destacar que, segundo o trecho citado, o poder municipal auxilia a população indígena, claro que na forma que entende ser correta: organizando os aldeamentos. Assim, se fortalece a ideia de que se ajuda e reconhece tal grupo, porém a maneira como isso ocorre não leva em consideração os hábitos e costumes dos indígenas.

Nesse duelo entre a população indígena X homem branco civilizado, diversas etnias compõem esse segundo grupo. Lembrando que Oliveira se referirá à etnia como raça em todos os seus escritos. Desse modo, em trecho do livro que trata da

⁸ De acordo com Oliveira, os principais aldeamentos estavam localizados “[...]no Campo do Meio, no Ligeiro (em Tapejara), em Erechim e em Votoro (São Valentin). (idem, ibidem).

“População, Raças, Índole, Costumes, Instrução e Religião” (OLIVEIRA, 1990a, p.78)
o autor pontua que

Quanto às raças, pode-se fazer a distribuição pelo modo seguinte: branca 80%, americana (ameríndia) 1%, preta 4%, mistas 15%. Quanto à procedência: elemento nacional 85%, estrangeiro 15%. Neste último, as nacionalidades predominantes são as alemã e italiana. As outras contam diminuto número de representantes (idem, p.78). (OLIVEIRA, 1990a, p.78)

Nesse primeiro volume, o imigrante não será muito mencionado, ou seja, caracterizado pelo autor. Já no segundo volume, conforme poderá ser visto adiante, terá papel fundamental no desenvolvimento de Passo Fundo.

Oliveira assinalará, se referindo aos indígenas que “[...] excluía esta insignificante parcela do seu todo, a população do município é digna cultora das tradições cavalheirescas do Rio Grande do Sul” (OLIVEIRA, 1990a, p.79). Desse modo, percebe-se novamente, que não se enxerga nos Povos Indígenas participação no processo de constituição e desenvolvimento do que atualmente é Passo Fundo.

Desse modo, o texto segue pontuando que o homem branco civilizado foi construindo essa cidade a base de muita luta (confronto) e colocando esses sujeitos como protagonistas de uma história nacional também, pois “[...] nos grandes acontecimentos da história nacional, o município tem sempre dado mostras do grande patriotismo de seus filhos” (OLIVEIRA, 1990a, p.65). E segue assinalando que “[...] o seu valor, comprovado nas épicas lutas da história nacional, o seu civismo nunca desmentido em todas as grandes questões sociais e política que têm agitado o Rio Grande do Sul, ou a Pátria brasileira” (ibidem, p.80).

Nas páginas seguintes do primeiro volume tem-se a descrição de aspectos físicos, geográficos, além de listagem de produtos produzidos e expostos pelos municípios em exposições. Além disso, um compilado de artigos revela os bastidores da construção da estrada de ferro em Passo Fundo. Nesses textos, os dados são mais técnicos, descritivos de como as ações foram ocorrendo, desse modo, esse trabalho não se deterá neles por compreender que os dados descrevem questões que não contemplam seu foco de estudo.

Nesse sentido, o primeiro volume da obra de Francisco Antonino Xavier e Oliveira faz referência ao homem branco civilizado (sem detalhar quem é esse) como construtor do território, tendo o processo de desenvolvimento sido construído na base de confrontos armados, na maioria contra os Povos Indígenas que habitavam a região.

Aliás, os índios são reconhecidos, nesse volume, como os primeiros habitantes da região, mas retratados como hostis, perigosos, inimigos que deveriam sempre ser combatidos. Assim, tem-se como representação social neste primeiro volume, o homem branco civilizado como aquele que estabelece domínio do território, civiliza o local que era ocupado por selvícolas perigosos, sendo necessário muito confronto direto para a proteção desse local.

No segundo volume, “Annaes do Município de Passo Fundo - Aspectos Históricos”, o autor faz apontamentos importantes que ajudam a delinear as dimensões propostas por Meneses (2003), lentes que norteiam essa análise. Oliveira inicia o texto apontando que “[...] foram os Jesuítas os primeiros civilizadores da região Missioneira do Estado do Rio Grande do Sul, na qual está situado o município de Passo Fundo [...] arrancando das trevas do barbarismo os indígenas e convertendo o território em Província⁹ da Companhia de Jesus.” (OLIVEIRA, 1990b, p.61). Ainda assinala que os Jesuítas eram

Homens dotados de vasto saber e inquebrantável tenacidade de caráter, oriunda, sem dúvida, do intenso fervor religioso que os dominava, não tardou que seus ingentes e abnegados esforços, vencendo as imensas dificuldades de tamanha empresa, transformassem o bárbaro país (entenda-se território missioneiro) em um centro de adiantada civilização e importantíssima atividade econômica, fazendo-lhe sorrir a esperança de vir a representar proeminente papel na evolução do Novo Mundo (idem, ibidem).

Assim, os Jesuítas vão sendo apresentados como grupo preponderante, denominado no volume I como “homem branco civilizado”, sendo tais sujeitos responsáveis pela condução dos indígenas rumo à civilidade em detrimento da barbárie à qual, no entendimento do autor, viviam. Portanto, tem-se os Jesuítas “[...] Políticos argutos [...]” e indivíduos “sagazes” (OLIVEIRA, 1990b, p.62) como construtores do desenvolvimento do território em embate, inicialmente, contra os Povos Indígenas da região.

No decorrer do texto, Antonino se refere aos Jesuítas como sábios, gênios argutos, civilizadores e aos indígenas como aborígenes, selvícolas ferozes, bravios, traiçoeiros, terríveis, selvagens (OLIVEIRA, 1990b). Assim, os adjetivos que foram

⁹ “O estabelecimento da Província jesuítica do Paraguai data de 1607, mas as missões somente começaram a ser instaladas a partir de 1609. A área ocupada pelas missões junto aos Guaranis, expandiu-se, inicialmente rumo ao Guairá (no Paraná), Itatim (no Mato Grosso) e Tape (no Rio Grande do Sul).” (OLIVEIRA, 1990, p.61b).

atribuídos a cada grupo vão percorrendo o tempo e permeando o imaginário historiográfico e conseqüentemente o imaginário dos munícipes. E nesse campo de forças, tem-se uma oposição de representações entre Jesuítas e Indígenas, na qual os primeiros, os vencedores, são associados aos salvadores, e os segundos, os indígenas vencidos, identificados com a crueldade e o perigo.

Importante ressaltar que o autor diferencia os grupos étnicos indígenas, referindo-se aos mesmos como “raça”. De acordo com Oliveira, o território que compreende a região onde atualmente está localizado o município de Passo Fundo “[...] era então habitado pelos guaranis¹⁰, indígenas que, formando diferentes nações ou tribos, dominavam grande parte do continente americano, tendo como representantes nesta região os charruas, os tapes, os minuanos¹¹ e outros” (idem, p.67).

Outro grupo social que será mencionado por Antonino serão os negros que aparecerão na obra sempre referenciados como escravos. Na verdade, será assinalado o processo de abolição da escravatura em Passo Fundo e

“[...] o nome dos benfeitores da humanidade, dignos das bênçãos da Pátria, da gratidão social e da veneração de todos [...] pessoas beneméritas que concorrerem para a emancipação, libertando espontaneamente seus escravos, sem ônus algum, ou mediante prazo razoável.” (idem, p.147).

Nesse sentido, o município será caracterizado pelas iniciativas de abolição próprias, sendo essas antecessoras à Lei Áurea que finda com escravidão. Assim,

Tal foi o êxito de tantos esforços dos intemeratos abolicionistas que no dia 28 de setembro [1884] a Câmara reunida em sessão solene, proclamava a liberdade de 300 cativos e em seguida realizava-se na Matriz da vila um *Te-deum*, em ação de graças por esse acontecimento, que também foi assinalado com entusiásticos festejos populares. (OLIVEIRA, 1990b, p.148)

¹⁰ A chegada dos Guaranis no “Brasil meridional data, aproximadamente, de três mil anos. Sua conquista sobre os grupos étnicos que aqui habitavam foi sendo feita ao longo dos anos, completando-se com a miscigenação, a adoção da língua e dos costumes[...]” (OLIVEIRA, 1990b, p.67).

¹¹ Segundo os organizadores da compilação de textos de Antonino, o autor se equivocou ao mencionar que Charruas e Minuanos ocupavam a região de Passo Fundo. “Os Charruas habitavam a área compreendida entre o litoral Atlântico, o Rio da Prata e o interior da atual República do Uruguai, sendo do mesmo tronco étnico dos Minuanos[...]” (idem, ibidem).

Ainda no dia seguinte ao ato, será encaminhado um telegrama ao Presidente da Província, no qual os abolicionistas informam sobre o fato e pontuam que “[...] Vai desaparecer a mancha negra” (idem, ibidem). Tais abolicionistas são homens pertencentes à elite passo-fundense, sendo que no decorrer do texto, Oliveira, além de apresentá-los, publica a fotografia de cada um.

Entretanto, o autor não faz referência sobre como o grupo liberto se organizou, como fixou moradia na cidade, em quais atividades econômicas ingressou, enfim como passou a viver após deixar de ser escravizado. Novamente coloca o homem branco como o protagonista desse processo, sendo o responsável

[...] por uma jornada que viria enobrecer o civismo da terra, que colocava acima do interesse particular o sentimento de humanidade e o desejo de concorrer para que a Pátria pudesse nivelar seus filhos, aperfeiçoando suas instituições pela igualdade deles, decerto que a bandeira, assim desfraldada, sacudida por uma propaganda tenaz pelos batalhadores que as sustentavam, não poderia deixar de constituir alicerce o mais sólido para um resultado condigno do patriotismo que nela se patenteava tão exuberantemente. (OLIVEIRA, 1990b, p.384).

O sentimento de patriotismo é várias vezes referenciado pelo autor, pontuando que Passo Fundo sempre esteve nas batalhas em prol da Pátria, lutando ao lado dela (OLIVEIRA, 1990b). Ainda, menciona que os passo-fundenses “[...] celebravam suas façanhas ou fortaleciam a fé patriótica do teu povo, evocando os heróis e as lutas da Pátria.” (idem, p.184) Percebe-se, portanto, que esse imaginário patriota vai sendo delineado, ao passo que se tem a participação de Passo Fundo em diversas campanhas bélicas. Entretanto, na Guerra Farroupilha que se instalou no Rio Grande do Sul e Santa Catarina de 1835-1845, Passo Fundo terá fundamental importância nas ações investidas contra o governo imperial. Assim, Oliveira por várias vezes irá reverenciar Bento Gonçalves, David Canabarro, Felipe Portinho com adjetivos como “[...] legendário, bravo e intrépido, respectivamente.” (OLIVEIRA, 1990b, p.76). Ainda, mencionara que “como eloquente demonstração da nobreza de sentimentos dos farrapos, citavam-se dois casos” (idem, ibidem) fazendo referência a um piquete que foi encaminhado ao encontro de Portinho que vinha de Cruz Alta, quando foram surpreendidos pelas tropas imperiais. O grupo farroupilha perseguiu a tropa inimiga, tendo-a alcançado e a feito prisioneira. Mas, logo após não apenas colocaram os prisioneiros em liberdade, como solicitaram, por meio de contribuição espontânea da população, cavalos para seguirem, pois

Em tais circunstâncias, aqueles homens extraordinários, em vez de à força se apropriarem dos cavalos pertencentes aos moradores, pediam-nos a estes, em tom de súplica, acrescentando que não empregariam a força, porque não queriam que, mais tarde, se dissesse que os republicanos tinham feito a revolução com o fim de roubarem (OLIVEIRA, 1990b, p.77).

Desse modo vai se construindo o imaginário de veneração aos líderes farroupilhas, sentimento que irá alimentar o Gauchismo¹², cujas bases serão delineadas pelo grupo de Paixão Côrtes, encontrando em Passo Fundo um terreno fértil para o seu fomento.

Nas bases do gauchismo estão inseridos alguns usos e costumes que pertencem as nacionalidades que imigraram para o Rio Grande do Sul. Aliás, Passo Fundo irá receber os primeiros imigrantes alemães na década de 1830, seguidos de austríacos, portugueses, italianos, espanhóis, paraguaios e uruguaios. Os imigrantes serão mencionados como trabalhadores que muito contribuíram para o desenvolvimento desse território, trazendo a civilização para ele (OLIVEIRA, 1990b). Atuando em diversas atividades, os imigrantes também figuram como grupos que se encaixam no que convencionou-se chamar de homem branco civilizado.

Portanto, no segundo volume de sua obra, Oliveira desenha um quadro não muito diferente do primeiro volume: a cidade é construída pelo homem branco civilizado que pertence a uma elite intelectual e financeira que luta para libertá-la da barbárie dos povos indígenas. A cidade é construída a partir de conflitos bélicos, fomentando assim o imaginário patriótico, de luta pela cidade e pela pátria. Tem-se assim, a representação de que o indígena que não foi catequizado, aldeado é inimigo a ser derrotado. O negro só foi liberto da escravidão porque o homem branco civilizado empreendeu esforços para que isso ocorresse, sendo em seguida silenciado, esquecido. Além disso, os líderes do movimento farroupilha são apresentados como heróis, fato importante que vai possibilitar a grande adesão ao movimento do gauchismo, a partir da década de 1940, quando é estruturado.

No volume III “Annaes do Município de Passo Fundo - Aspectos Culturais” tem-se contato com a produção de poesias de Antonino, além de alguns textos que

¹² “O Movimento Tradicionalista Gaúcho, com seu aperfeiçoamento de mais de século, articula-se através de uma ideologia necessariamente unificadora. Exploradores e explorados defendem os mesmos princípios na compreensão do mundo.” (GOLIN, 1998, p.8).

“O Tradicionalismo é apenas um elemento na superestrutura. Porém, está correlacionado com todos os outros organismos de sustentação da classe dominante. Há a inter-relação com outros instrumentos, em atividades conjuntas, com poderes e influencias recíprocas. (GOLIN, 1998, p.9).

apresentam lendas da cultura local, bem como artigos sobre alguns militares e políticos de Passo Fundo. Interessante analisar as poesias, uma vez que tratam de temas diversos, especialmente a política nacional e local. Assim, o autor pontua que o Rio Grande do Sul, de forma patriótica, oferece líderes para o governo central, como percebe-se, a seguir, referindo-se à candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República em 1929.

Por esta candidatura
Estua o Brasil invicto,
Erguendo a mui grande altura
a terra do Plebiscito!

Salve, Rio Grande amado!
Hás de vencer este pleito,
Porque na voz do passado,
fala ao Brasil teu direito! (OLIVEIRA, 1990c, p. 123).

Seguindo com a homenagem à Aliança Liberal¹³, Antonino, assinala que

Com este Rio Grande forte
E, lá nos pagos do Norte,
A Paraíba feliz, realizou tão nobre Aliança
Que a gente sente que avança
Só em ouvir o que ela diz! (idem, p. 131).

Nessas estrofes, o autor vai apresentando a ideia de que o candidato do Rio Grande do Sul a Presidente, Getúlio Vargas, se coloca como o “salvador” fomentando o imaginário de povo que não foge à luta pela sua pátria.

Terá orgulho o mais santo
De todo este nosso encanto
Pela causa liberal,
Que, ora, tão firme avança,
Fortalecendo a esperança
Do seu sucesso final. (idem, p. 139).

¹³ “Coligação oposicionista de âmbito nacional formada no início de agosto de 1929 por iniciativa de líderes políticos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul com o objetivo de apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa respectivamente à presidência e vice-presidência da República nas eleições de 1º de março de 1930. Após sua derrota nas eleições, muitos de seus integrantes aderiram à tese da insurreição armada, vitoriosa afinal com a Revolução de outubro de 1930.” Aliança Liberal, acesso em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/ALIAN%20LIBERAL.pdf>.

Além do imaginário patriótico, Oliveira escreve sobre o progresso da cidade, preferindo um lugar de

[...]
 vida simples, sem luxo,
 que se leva nas coxilhas,
 onde é monarca o gaúcho.

É lá que a gente campeira,
 Sem vícios, sem novidades,
 Moureja alegre e tranquila
 Na maior das liberdades. (idem, p. 109).

Ainda nesse volume, Antonino reservará uma parte a militares, ao juiz da Comarca, comerciantes e ao Padre Vigário exaltando “seus feitos” e apresentando sua biografia.

Nas lendas mencionadas pelo autor, a referência ao indígena é sempre pejorativa e inferiorizada. Os negros em nenhum momento são lembrados.

Portanto, neste volume tem-se a seguinte projeção, levando em consideração as dimensões de análise propostas por Meneses (2003): o patriotismo é novamente mostrado, no qual o homem branco, pertencente à elite intelectual e financeira se coloca à disposição pelo bem da Pátria, fomentando assim o imaginário de que o “gaúcho” é a esperança da nação. Esse fato está ligado aos processos identitários que irão ser formulados em Passo Fundo, posteriormente.

Desse modo, a obra de Oliveira apresenta como construtores da cidade: Jesuítas, Imigrantes, Políticos locais e nacionais, Militares, Padres, Juízes. Assim, compreende-se melhor como esses grupos figuram como os promotores do desenvolvimento de Passo Fundo, em detrimento dos Povos Indígenas e Povo Negro que foram silenciados na narrativa. Somado a isso, percebe-se também que, quando o embate é entre grupos identificados dentre os construtores da cidade, o autor busca legitimar e caracterizar como sujeitos de boa índole os que “representam” os interesses do município ou estado, como no caso da Guerra Farroupilha.

No campo de forças, a disputa figura, na maioria das vezes, entre Povos Indígenas X Jesuítas, Imigrantes X Povos Indígenas, no qual os nativos sempre são os vencidos, pois precisam ser eliminados, visto que representam perigo a sociedade, segundo o autor. Além disso, no campo ideológico, o autor coloca republicanos X federalistas em constante disputa pelo poder político e, conseqüentemente, simbólico. Essa disputa se desdobra em monumentos edificadas na cidade, em homenagem a

líderes do Partido Federalista e Republicano General Antônio Ferreira Prestes Guimarães e Coronel Gervásio Lucas Annes, respectivamente.

Somado a isso, tem-se o Rio Grande do Sul/ Brasil X inimigos externos, no qual o autor pontua que o Passo-fundense, seja de nascimento ou de adoção, tem “[...] o seu valor comprovado nas épicas lutas da história nacional, o seu civismo nunca desmentido em todas as grandes questões sociais e política que têm agitado o Rio Grande do Sul, ou a Pátria brasileira.” (OLIVEIRA, 1990a, p.80). Desse modo, se sustenta um imaginário aguerrido e patriótico, da “gente de Passo Fundo” como essencial para combater os inimigos da Pátria. Nesse sentido, Oliveira organiza diversas páginas, em seus três volumes, para homenagear os líderes de diversos conflitos com participação de passo-fundenses. Tais homenagens são por meio de fotografias e pequenas biografias dos líderes que combateram no confronto. Por óbvio que na maioria dos homenageados temos os de ideologia Republicana, uma vez que Oliveira era membro do Partido Republicano, fortalecendo o embate simbólico que mencionamos acima, entre Partido Republicano e Federalista.

Portanto, a representação social que se tem é que indígenas e negros não contribuíram com o desenvolvimento da cidade. Assim, o imaginário vai sendo delineado para que não se atente para a importância de tais grupos sociais. Além disso, se tem a representação de um povo que sempre se dispõe ao confronto armado, principalmente no que se refere ao auxílio à Pátria. Ainda, a obra elege personagens que figuravam na Política, no meio militar, legitimando-os como representantes de toda a coletividade de Passo Fundo. De fato, a obra de Oliveira é importante para compreender-se como o imaginário acerca de Passo Fundo foi sendo constituído, configurando em uma referência que orientou intervenções na própria trama urbana.

3.4 DELMA ROSENDO GEHM: PRIMEIRA MULHER QUE ESCREVEU SOBRE A HISTÓRIA DE PASSO FUNDO

Delma Rosendo Gehm nasceu em 07 de outubro de 1917, na cidade de Passo Fundo e faleceu em 29 de maio de 2008, na mesma cidade. A Professora Delma, que iniciou seus estudos no “[...] Curso Complementar, na Escola Complementar de Passo Fundo - 1933” (MACHADO, 2000, p.11) após frequentou o “[...] Curso de Português, Latim e Grego na Faculdade de Filosofia da URGs - 1949 - 1951; Curso de Extensão em Sociologia e Técnica em Pesquisa Histórica na URGs - s/d 24”. (MACHADO, 2000,

11) dedicou a sua vida a educação e a pesquisa da História de sua cidade. Atuou como Professora nas Escolas Escola Protásio Alves, no Colégio Estadual Nicolau Araújo Vergueiro, atual EENAV, e no Instituto Educacional (IE) e como Secretária Municipal da Educação, na gestão do Prefeito Mário Menegaz fez história ao ser a primeira mulher a ocupar o referido cargo.

Além disso, foi membro da Academia Passo-fundense de Letras, quando também foi a primeira Presidente mulher na gestão 1972-1973, e do Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo, no qual atuou incansavelmente na reorganização da instituição com Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Antônio Carlos Machado, contando assim com grande prestígio dentre os demais acadêmicos e intelectuais, bem como outros sujeitos pertencentes à elite política e econômica da cidade, conforme pode-se verificar na citação extraída do prefácio do 2º volume, no qual cita que Delma Rosendo Gehm é “[...] Passo-fundense de família tradicional, nasceu a autora bem no coração da cidade que sempre amou e viu crescer. Não bastasse a sua natural vocação para a pesquisa histórica, ela alia a tudo o que faz muita garra e muito amor” (HESPANHA apud GEHM, 1978, p.3). Ainda presidiu a Sociedade das Senhoras dos Caixeiros Viajantes, a Sociedade de Amparo à Maternidade (SAMI) e a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

A autora publicou diversos artigos nos jornais locais O Nacional e Diário da Manhã que versavam sobre assuntos diversos. Um dos artigos de Gehm, publicado na edição de O Nacional dos dias 06 e 07 de agosto de 1977, nos chama a atenção por tratar do tema “Museu”: sua origem, tipos, finalidades, conteúdo. Ao que parece, o texto tinha o objetivo de servir como um manual para os passo-fundenses, explicando o que era e para que servia uma instituição museal. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica da autora, pois discorre sobre o tema sem mencionar sobre a inauguração de um museu em Passo Fundo, tão pouco se posiciona acerca de tal inauguração. Gehm pontua que,

Dentre as suas finalidades, o Museu, embora varie de acordo com a sua natureza, representa coleção de dados, objetos, documentos diversos, selecionados, classificados, a fim de que possa servir de base de estudos, ampliando o conhecimento da realidade sócio- histórico-cultural e econômica, através dos tempos, concorrendo para maior concretização dos fatos, pela observação e pela experiência, dando mais intensidade e melhor orientação, permitindo conhecimentos, hábitos, gostos, educação estética, etc. A função primordial do Museu é científica, educativa e cultural. A sua finalidade é dar ao estudioso pertinaz, ao pesquisador incansável, ao jovem licenciado, conhecimentos teóricos e práticos que os habilitem a seguir sua vocação (GEHM, 1977, 9.11).

É possível perceber que Gehm utiliza referências bibliográficas, nas quais os(as) autores(as) que pensam o museu como um espaço de produção e difusão do conhecimento, bem como lugar de salvaguarda e comunicação de documentos vários, não apenas o escrito.

A Professora Delma Rosendo Gehm, além dos artigos semanais publicados nos jornais locais, publicou as seguintes obras:

Cronologia do Ensino em Passo Fundo, iniciou suas publicações em série em 05 de abril de 1976 e finalizou com a publicação de 25 de setembro de 1976.

Passo Fundo através do Tempo, publicado em três volumes nos anos de 1978, 1982 e 1983, respectivamente.

Gehm, além de colaborar com a escrita da história de Passo Fundo teve importante participação em diferentes setores da sociedade passo-fundense. Entretanto, nenhum estudo foi realizado, especificamente, sobre sua obra, o que se faz pertinente, haja vista as contribuições da autora, uma vez que a mesma é sempre referência quando o assunto é a história do município.

3.5 EXUMANDO AS BRUMAS DO PASSADO: GEHM

Na primeira fase de autores acerca da historiografia de Passo Fundo, a obra da Professora Delma Rosendo Gehm tem importância reconhecida, uma vez que apresenta relatos detalhados de fatos que possuem relação com o desenvolvimento do município, seja nas esferas política, cultural e social, permitindo compreender como os mesmos influenciavam nas relações pessoais, bem como na configuração urbana.

A sua obra “Passo Fundo através do Tempo” foi editada em três volumes: 1º volume “Passo Fundo através do Tempo- Histórico e Administrativo”; 2º volume “Passo Fundo através do Tempo- Fatos, Usos, Costumes e Valores”; e 3º volume “Passo Fundo através do Tempo- Enfoques Gerais”. Configura-se referência obrigatória por tratar com detalhes o processo de desenvolvimento do município. O primeiro e o segundo volumes foram publicados com auxílio da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, sendo que o terceiro recebeu auxílio da Academia Passo-Fundense de Letras.

No primeiro volume, percebe-se no texto da autora que a história de Passo Fundo se inicia a partir da chegada dos Jesuítas, ou seja, fica evidente que a cidade é construída pelo homem branco, pelo imigrante, identificados como civilizados que

vêm de fora para beneficiar e salvar os selvagens – indígenas- que aqui estão. Sua visão converge com a de Oliveira, pois trata o indígena como “coisa”, acessório do espaço, como algo maléfico que condenava o desenvolvimento das relações, sendo que em vários momentos cita a “...sanha diabólica de índios que infestavam a região’ (GEHM, 1978, p.19). Aliás, termos como hostis, aborígenes, selvícolas, bugres, selvagens, ferozes, perigosos são utilizados para referenciar os grupos indígenas que habitavam a região que mais tarde viria a constituir o município de Passo Fundo. Os indígenas eram sempre os responsáveis pelos massacres que aconteciam, ou seja, eram sempre responsáveis pelo início do combate, não explicitando que muitas vezes apenas reagem em defesa do grupo após ataque dos brancos. Somado a isso temos o fato de a autora se referir aos brancos civilizadores sempre como os “vencedores” no conflito armado contra os índios.

Delma Rosendo Gehm pontua que Passo Fundo foi ponto estratégico na rota das Missões Jesuíticas e que os Missionários, os chamados Jesuítas, vieram para catequisar e iniciar os indígenas ao trabalho (GEHM,1978) além de que “trouxeram a civilização e as luzes do cristianismo as tribos selvagens” (GEHM,1978, p.10). A partir da derrocada das Missões Jesuíticas, vamos ter o aparecimento do bandeirante, que adentrará o interior do Brasil em busca de riquezas bem como de indígenas para escravizar. Entretanto, no primeiro volume, a autora fala de modo geral deste grupo social, sendo que no segundo pormenoriza e detalha características, bem como ações do referido grupo, como será visto mais adiante.

Seguindo a lógica de ocupação do território, a autora estabelece que, após a incursão dos bandeirantes no interior do Brasil, mais especificamente no território que hoje se conhece por Passo Fundo, foram os imigrantes estrangeiros que passaram a fixar morada neste local. Primeiramente cita que “Assentada estava nas plagas do Planalto a origem germânica, cujos frutos enriqueceram o patrimônio sócio-econômico passo- fundense.”(GEHM, 1978, p.19), tendo chegado o primeiro imigrante alemão em 1834 na cidade e fundado uma casa de comércio na Rua das Tropas, atual Avenida Brasil, principal avenida do município. Sabe-se, devido a outros estudos, que imigrantes de diversas procedências chegam posteriormente a Passo Fundo, a exemplo dos italianos. Entretanto, a autora nesse primeiro volume não menciona a presença desses na cidade, evidenciando apenas, como já mencionado, a imigração de origem germânica como propulsora do desenvolvimento da região.

Outra presença que merece destaque é a do negro que é retratado neste primeiro volume como escravo, ou seja, como mercadoria. Resultado de uma concepção historiográfica que, por muito tempo, tentou anular a presença do sujeito negro na construção cultural e identitária do país, o livro de Gehm não poderia ser diferente, afinal ela é ‘fruto’ dessa sociedade que via no negro um objeto, uma mercadoria. Aliás, a autora pontua que homens honrados permitiram a abolição da escravidão por piedade (GEHM, 1978), ou seja, novamente a benevolência do homem branco civilizado que escravizou por 300 anos, mas agora tem piedade. Outro fator bem importante que permeia o imaginário Passo-fundense é que “[...] Passo Fundo foi o pioneiro da campanha redentora que somente 17 anos após culminaria com a Lei Áurea de 13 de maio de 1888.” (GEHM, 1978, p.26).

Nesse volume percebe-se que há sempre tensão entre determinados grupos, quais sejam: indígenas X “branco civilizado” (Jesuítas, bandeirantes, imigrantes), bem como divisões que tomam por norte concepções político-partidárias, casos bem latentes no Rio Grande do Sul, aos quais a autora pontua como forças contrárias em constante choque: Republicanos X Federalistas. Importante salientar que será a disputa entre Republicanos e Federalistas que pautará a política da cidade por um bom tempo, como se vê nos próximos volumes da obra de Gehm.

Portanto, o primeiro volume de “Passo Fundo através do Tempo” traz um município construído pelo homem branco civilizado, sendo que esse foi responsável pela “salvação” dos indígenas que se converteram ao Cristianismo, por meio da catequese ministrada pelos Jesuítas. Além disso, o homem branco civilizado vai libertar os negros da escravidão em Passo Fundo, muito antes de ocorrer, na capital do Império, a publicação da Lei Áurea. Por óbvio, serão os homens da elite, por piedade, os realizadores de tamanha benevolência. Assim, percebe-se em todo o texto o campo de forças, do qual Meneses (2003) aborda, quando se refere em dimensões para analisarmos as cidades. Está intrínseco a cada palavra, a cada frase a tensão do enredo dos grupos sociais que permeiam as páginas. Tensão essa de proteção do território, na maioria das vezes ocultada, pois os indígenas são sempre mostrados como os causadores do conflito e, nunca como se estivessem apenas se protegendo dos invasores.

Somado a isso temos as divergências entre as diferentes tribos indígenas, que não eram poucas e acabavam por auxiliar no enfraquecimento e consequente perdas de territórios. Além das disputas político-partidárias, centradas no combate entre

Republicanos X Federalistas que alimentará o imaginário passo-fundense acerca da participação de seu povo em revoluções e combates. Se terá um imaginário fundado na ampla participação tanto do território de Passo Fundo, servindo como ponto estratégico de passagem de tropas durante conflitos bélicos, quanto na participação de indivíduos atuando como soldados e até mesmo como Líderes desses movimentos e “...portando-se todos com brilhantismo e cobrindo de glória o nome de Passo Fundo” (GEHM, 1978, p.24). Nesse sentido, a disputa irá ultrapassar os campos de batalhas do real e passará para o simbólico, alimentando o imaginário de “cidade patriótica”, de “povo que não foge à luta”. Afinal, não são raros os monumentos erguidos para representar os feitos de Republicanos e Federalistas pelo espaço municipal ou de ruas que tem seus nomes indígenas alterados por nomes de personalidades (GEHM, 1978).

O segundo volume da obra “Passo Fundo através do tempo” apresenta um aprofundamento de determinadas questões apresentadas em seu volume inicial. Este estudo seguirá a mesma metodologia de leitura e análise utilizada anteriormente. O volume inicia com o Prefácio de Benedito Hespanha, membro da Academia Passo-Fundense de Letras no qual o autor trabalha com o detalhamento da metodologia utilizada por Gehm, bem como a importância de se pesquisar a história e de se reconhecer como sujeito histórico. Além disso, Hespanha vai assinalar o compromisso que Gehm tem para com a história local ao afirmar que

Este segundo (2º) volume da história de Passo Fundo vem, mais uma vez, comprovar que Delma Rosendo Gehm é uma pessoa altamente comprometida com a sua terra e com a sua gente. É uma historiadora que procura, na dimensão da finitude humana, ser fiel e honesta aos fatos que descreve (HESPANHA apud GEHM, 1982, p. 3).

A análise historiográfica inicia com Gehm apontando que “Os Bandeirantes ou Paulistas foram os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul, notadamente na região serrana, dando origem aos municípios tradicionais de Vacaria, Cruz Alta, Lagoa Vermelha, Palmeira e Passo Fundo” (GEHM, 1982, p.01). Nesse sentido, se faz necessária uma distinção importante acerca de dois grupos sociais que passarão a tomar forma e disputar cenário na representação social a partir da vinda dos bandeirantes para os territórios sulinos: birivas e crioulos. Os primeiros eram os paulistas que fixavam residência na serra gaúcha, já o segundo eram os que nasciam no território. Os sujeitos desses grupos figurarão na política, ademais, a partir da década de 1860, os crioulos entram na hierarquia militar.

Nesse segundo volume a cidade é construída pelo sujeito branco, de elite que ocupa cargos políticos. Sujeitos que desenvolvem o imaginário progressista na medida em que vão abrindo estradas, construindo a estrada de ferro e instalando postes de energia elétrica no espaço urbano do município. Aliás o território se projeta nessa concepção de local desenvolvido, bem como de “Terra de Passagem”, devido a tal desenvolvimento, pois “O conceito de Passo Fundo já corria longe, haja vista como pensavam os Tropeiros da época, ao aproximar-se desta zona. Vamos pousar em Passo Fundo, onde teremos garantias individuais, hospedagem gaitas, bailes, erva boa para o chimarrão e cachaça de Nonoai.” (GEHM,1982, p. 180).

A autora pontua a fundação de associações beneficentes, “feitas para caridade” (GEHM,1982, p.40) obviamente partindo de uma elite. Entretanto, o que chama atenção é a menção a Sociedade Visconde do Rio Branco que conforme cita “Essa sociedade de homens de cor, foi fundada em 23 de abril de 1916, tendo seus estatutos assinados por uma comissão constituída pelos Srs. Domingos de Almeida, Salomé de Almeida e João Bernardo.” (GEHM, 1982, p. 40). Além da Sociedade Visconde do Rio Branco, outras associações culturais atuaram na cidade, como, por exemplo, o Clube Amor à Instrução e Clube Recreativo e Literário Passo-Fundense. A autora assinala que tais associações contribuíram para a difusão ou, no mínimo, para justificativa de construção de diversos monumentos na cidade, os quais aumentaram a partir dos anos de 1900. Conforme mencionado por Gehm, segue a seguir o Quadro 4 com a ordem cronológica dos monumentos construídos em solo passo-fundense, bem como as instituições/ pessoas que solicitaram/viabilizaram a construção deles:

Quadro 4 - Ordem cronológica dos monumentos e executores

ORDEM	MONUMENTO	ANO	SOLICITANTE
1º	Batalha do Pulador	1900	Thomas Canfield
2º	Busto Gervásio Lucas Annes	10/04/1921	Clube Pinheiro Machado
3º	Obelisco Primeiro Centenário da Independência	07/09/1922	Não mencionado no livro
4º	Obelisco ao Centenário de Passo Fundo- Praça defronte a antiga Prefeitura Municipal	1957	Não mencionado no livro
5º	Obelisco ao Centenário de Passo Fundo- Pátio da atual Prefeitura Municipal	1957	Não mencionado no livro
6º	Busto de Joaquim Fagundes dos Reis	07/08/1957	Instituto Histórico de Passo Fundo
7º	Busto Getúlio Vargas	1962	Campanha idealizada e organizada pelo PTB
8º	Esfíge e Placa Professor Ernesto Tochetto	1963	Não mencionado no livro
9º	Monumento à Mãe	1964	Movimento Senhoras

			Rotarianas – Ada de Castro
10º	Busto Prestes Guimarães	1964	Instituto Histórico e Prefeitura Municipal de Passo Fundo
11º	Busto Nicolau de Araújo Vergueiro	1964	Instituto Histórico de Passo Fundo
12º	Busto Ana Luiza Ferrão Teixeira	1964	Instituto Histórico e Prefeitura Municipal de Passo Fundo
13º	Francisco Antonino Xavier e Oliveira	1964	Instituto Histórico e Prefeitura Municipal de Passo Fundo
14º	Obelisco a Melvin Jones	1966	Lyon Clube
15º	Obelisco Decênio Revolução de 1964	1974	Não mencionado no livro
16º	Placa Centenário da Imigração alemã	1974	Não mencionado no livro
17º	Placa Centenário da Imigração Italiana	1975	Não mencionado no livro

Fonte: a autora com base em Gehm (1982).

Analisando as informações do Quadro 4 verifica-se que a maioria são homens, brancos, pertencentes a uma elite econômica e/ou intelectual, sendo homenageados. Aliás, tem-se, inclusive, um estrangeiro que recebe um monumento em sua homenagem na cidade de Passo Fundo. Ainda, pontuamos que os monumentos que se referem ao centenário da Independência do Brasil, bem como ao Centenário de emancipação de Passo Fundo e o decênio da Revolução¹⁴ de 1964 fazem parte de um conjunto maior de símbolos que foram amplamente difundidos nos períodos anteriores de suas comemorações com o intuito de alimentar e fortalecer o imaginário em torno das duas datas magnas.

Existem, ainda, dois monumentos que se referem às mulheres, um lembrando as mães e outro que homenageia uma Professora que atuou na cidade. Mas todos, sem dúvida, seguem a linha da representação dos vencedores em detrimento dos vencidos, das grandes personalidades em detrimento dos sujeitos ocultos, dos grupos mais favorecidos em detrimento dos grupos menos favorecidos. Nesse sentido podemos assinalar que a autora não cita como monumento o Chafariz da Mãe Preta ou como Gehm pontua em sua obra “O CHAFARIZ DOS ESCRAVOS DO ARROIO LAVAPÉS”, prosseguindo “ É interessante observar que o referido ponto se tornou em

¹⁴ Utiliza-se o termo Revolução, pois é o termo utilizado pela autora em sua obra, objeto de nossa análise. Reforçamos que não compartilhamos da mesma compreensão da autora, afinal não consideramos o Golpe Civil Militar de 1964 uma revolução.

ponto de reunião de escravos, que iam buscar água para a residência dos seus senhores. O chafariz público era de frequência obrigatória, como abastecedor de água da vila” (GEHM, 1982). Talvez pela compreensão de que o monumento seja apenas a edificação construída com a finalidade de homenagear e o chafariz tenha outra funcionalidade, a de abastecer a vila/cidade de água, entretanto a própria autora menciona a função lendária ou seja atribuída ao imaginário que envolve o chafariz

O velho Chafariz, que foi ponto turístico, acreditando-se que aquele que de sua água bebesse não mais sairia desta terra, foi afogado pela modernização, estando transformado numa torneira, em cujo local os vândalos praticam toda a sorte de desrespeito. Velho, lendário e saudoso Chafariz, voltamos ao passado para te saudar (idem, p.11).

Importante salientar que o chafariz, em determinadas administrações municipais, fora mais ou menos cuidado, entretanto sempre esteve edificado no mesmo lugar, embora suas dimensões fossem a cada reforma sendo diminuídas, sendo sempre referência à lembrança ao povo negro. Talvez seja esse motivo do esquecimento do chafariz, à lembrança ao negro. Mas, surge então um antagonismo no imaginário passo-fundense: não teria sido a cidade uma das primeiras a libertar seus cativos? Muito antes da publicação da Lei Áurea? Por que silenciar um símbolo, no espaço urbano, que representa justamente o povo negro? Pontua-se aqui o campo de forças, de um lado um grupo que busca legitimar seu poder e sua importância na cidade criando laços a fatos magnos demarcando o território com símbolos (monumentos) para ampla difusão de tal imaginário. De outro lado, os segmentos minorizados querem seu espaço, tentando adentrar a cidade e fazer-se ver e ouvir.

Pode-se evidenciar essa tensão na obra de Gehm, na medida em que há sessões em seu volume II que se intitulam: “Valores nossos” (GEHM, 1982, p.193) e “Valores nossos de outras terras” (idem, p.136). Na primeira sessão a autora elenca diversas personalidades naturais de Passo Fundo que desenvolvem atividades na medicina, empresários, políticos, ou seja, sujeitos que fazem parte de uma elite econômica/intelectual com a finalidade de prestar reverências aos mesmos, sendo que alguns deles são os que tem monumentos construídos pela cidade. Na segunda sessão, trata-se do mesmo conteúdo da primeira, apenas com a diferença de que os homenageados não nasceram no município.

Ainda, importante ressaltar que Gehm mencionará que Manoel José das Neves, o Cabo Neves é o fundador de Passo Fundo, ficando com Joaquim Fagundes dos Reis, o título de emancipador. Acirra, portanto, os ânimos, afinal a discussão em torno do mito fundador da cidade vem de muitos anos. De um lado, os que defendem o Cabo Neves; de outro, os que defendem Fagundes dos Reis. O fato é que nenhum dos dois é filho deste território, um é de Curitiba e outro Paulista, respectivamente, mas alimentam o imaginário de muitos historiadores em discussões acaloradas acerca de quem é merecedor do título de Fundador de Passo Fundo.

Outro ponto é que a autora afirma que Passo Fundo é “intitulada com justiça Capital do Planalto, pelo seu progresso e Capital da Liberdade pelo espírito altivo de seu povo” (GEHM, 1982, p.174), fomentando assim imaginário que, como verificado na revisão de literatura deste estudo, acompanha a cidade por muito tempo, o imaginário progressista. Além disso, já se mencionou e pontuou-se que é muito forte a representação social do lutador, do conquistador, do vencedor de batalhas, comprovado aqui pela difusão do título da Capital da Liberdade pela autora.

Desse modo, o segundo volume, a exemplo do primeiro, desenha uma cidade, construída por uma elite econômica/ intelectual/ política atribuindo aos sujeitos pertencentes a essa elite o progresso, o desenvolvimento, a liberdade da cidade conquistada após muita luta. É essa elite responsável também pelas obras beneméritas de liberdade aos escravos, muito antes que essa fosse Lei e imperasse no Brasil. Os indígenas são caracterizados como ferozes, violentos, mas sempre vencidos pelos brancos civilizados. Há, portanto, sempre tensões que pairam na história da cidade, sejam por grupos distintos, os quais sejam indígenas X Jesuítas; indígenas X bandeirantes; birivas X crioulos; republicanos X federalistas. Entretanto, podemos perceber na leitura deste volume, uma tensão intrínseca entre antigo X moderno. São exemplos o chafariz dos escravos já mencionado, que foi sendo engolido pela modernidade (GEHM, 1982), além da construção dos monumentos que respondem a uma necessidade do presente, da modernidade, de estimular e simbolizar o imaginário que deve ser compartilhado.

O volume III inicia com Prefácio de Ricardo José Astolfo, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, no qual após tecer elogios a Delma Rosendo Gehm e comentar acerca da importância de sua obra, sendo que ela reside no fato de evidenciar

[...] os embates dos primeiros colonizadores paulistas contra os aguerridos indígenas, filhos autóctones, donos do chão coberto de florestas intocadas e de coxilhas verdes. E a dura luta dos primeiros habitantes de índole europeia para a tomada de posse e sua fixação definitiva nos campos de cima da serra [...] (ASTOLFO apud GEHM, 1983, p.5).

Além de enfatizar que a cidade seguiria “[...] em direção firme aos ideais maiores de prosperidade, justiça e bem-estar social” (GEHM, 1983, p.5), Astolfo indica concepções importantes acerca de grupos sociais de Passo Fundo. Verifica-se que reconhece os indígenas como locais, mas exalta a conquista dos territórios desses pelos imigrantes. Ao citar a palavra índole, Astolfo denota aos imigrantes europeus um conjunto de características a serem seguidos, uma vez que, segundo o dicionário on-line Léxico¹⁵, índole significa “[...] caráter ou essência [...]”. Ainda, de acordo com o Léxico, a palavra pode ser caracterizada como “aglomerado ou conjunto de atributos e particularidades de uma pessoa, que existem e lhe pertencem desde o seu nascimento [...]”. Dessa forma, era o modelo a ser seguido, a ser atingido.

Seguindo adiante, a autora vai evidenciar a tensão entre etnias indígenas, as quais cita os confrontos entre os Guaranis e os

[...] índios Coroados, selvícolas ferozes de raça Tupi, vindos dos sertões paranaenses e que ocuparam toda a região florestal do Rio Grande do Sul, tornando-se grande obstáculo ao ingresso da civilização na mesma, devido ao intenso ódio que votavam a raça branca. (GEHM, 1983, p.24).

Desse modo, estando os Guaranis com os Jesuítas, os confrontos eram certos. Aliás, pontua a autora que diversas tentativas foram feitas para o aldeamento junto de Guaranis e Tupis, entretanto, não tiveram êxito (GEHM, 1978).

Neste volume, Gehm, segue caracterizando os indígenas como selvícolas, aborígenes, catecúmenos, hostis, ferozes. Entretanto, reconhece a participação dos Tupis e Guaranis na construção da história, pontuando que saúda os mesmos “[...] porque também foram atores nesse imenso palco brasileiro, do qual participamos.” (GEHM, 1983, p.27). Na medida em que reverencia os indígenas, também presta sua homenagem ao Jesuítas assinalando “[...] que foram os primeiros brancos que se imolaram pela civilização deste território missioneiro” (GEHM, 1983, p.27).

¹⁵ Disponível em <https://www.lexico.pt/indole/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

A palavra civilização surgiu na França iluminista do século XVIII com um significado moral: ser civilizado era ser bom, urbano, culto e educado. Para os iluministas, a civilização era uma característica cultural que se contrapunha à ideia de barbárie, de violência, de selvageria. Além disso, ser civilizado era um ideal que todos os povos deveriam almejar, mas que poucos tinham alcançado. (SILVA, K.; SILVA, M, 2009, p. 59).

Ao trabalhar com o conceito de civilização, nesse trecho de sua obra, Gehm complementa e reforça a ideia de Astolfo na introdução do volume, de caráter a ser atingido. Coloca os indígenas como seres não civilizados, ou seja, sujeitos violentos, causadores de episódios de violência que precisavam receber a luz da “civilidade”. Aliás, essa intenção é corroborada pelos qualitativos apresentados pela autora para os grupos indígenas durante o texto: “selvícolas ferozes, Tupis sanguinários” (GEHM, 1982, p.24). Desse modo, fortalece o imaginário de ferocidade dos nativos, enfatizando que o ideal seja silenciar tal grupo, não mostrando-os como participantes do processo de desenvolvimento do território de Passo Fundo. Entretanto, encerra as colocações acerca das Missões Jesuíticas com uma listagem de palavras indígenas incorporadas ao nosso vocabulário: denominações de ruas, da região, adjetivos, entre outros. Importante ressaltar que as denominações de ruas de origem indígena irão se alterar com o passar do tempo para nomenclatura que homenageia personagens políticos, fatos históricos (MACHADO; MIRANDA, 2013).

A autora segue com apontamentos já feitos nos volumes anteriores até a sessão intitulada “Modismos”, na qual irá afirmar que “Os costumes campeiros eram os predominantes, figurando como elementos necessários, verdadeiros Reis das Coxilhas- o domador e o tropeiro.” (GEHM, 1983, p.62). Tais elementos se somando a determinados elementos indígenas, afro-brasileiros e elementos trazidos por imigrantes, irão ser incorporados ao Tradicionalismo Gaúcho. Estamos tratando genericamente desse assunto neste tópico, afinal o intuito aqui é observar o que a autora assinala em sua obra, mas sabemos que o Tradicionalismo Gaúcho merece uma análise especial por seus detalhamentos, construções, apropriações. Neste momento, estabelecemos que Delma Rosendo Gehm assinala a importância dos costumes campeiros no cotidiano passo-fundense. Além disso, é no terceiro volume que a autora pontua mais fortemente a figura do tropeiro que passava pelo território de Passo Fundo com sua tropa de gado em direção à feira de Sorocaba- São Paulo. O tropeiro será sujeito importante para o desenvolvimento da cidade, pois será por conta da passagem dos mesmos que estabelecimentos comerciais como os famosos

“secos e molhados”, pousadas iniciariam suas atividades na então vila. Entretanto, não podemos esquecer que a economia tropeira foi responsável pelo extermínio das populações indígenas da região. Os Tropeiros vinham de todas as partes, pegavam o gado na fronteira e os vendiam no estado de São Paulo. Assim, a autora pontua que diversos indivíduos passavam por aqui, com os mais variados traços psicológicos, dos mais calmos aos mais agressivos, fazendo com que “criassem o mito de homem valente” (GEHM, 1983, p. 65). Por óbvio, é preciso confrontar mais dados, mas é possível que se tenha apropriado desse mito para o sujeito passo-fundense, tendo em vista, como mencionado anteriormente na análise do segundo volume, que o povo de Passo Fundo é altivo e sempre esteve envolvido em lutas, batalhas, conflitos.

Outro ponto importante a ser destacado neste volume é que a autora reconhecerá “[...] que o preto muito cooperou na formação passo-fundense” (GEHM, 1983, p.67). E Gehm vai além dizendo que

[...] Passo Fundo deve aos escravos sua própria salvação, quando as hordas de Marau pretendiam destruir o povoado. É que a gente branca era ainda pequena em número, e que, sendo engrossada pelos escravos que afluíam de todas as partes, para a frente da Igreja- causaram seria impressão aos índios, fazendo-os desistir do ataque (GEHM, 1983, p. 70).

Percebe-se, portanto, a inclusão do negro como sujeito construtor da cidade, fato que nas outras edições não ocorrera. Ao contrário disso, a polarização e tensão político-partidária foi mencionada como campo de disputas e combates, tendo no espaço urbano palco para tais embates na busca pelos laços de pertencimento por meio do imaginário.

A autora detalha novamente a tensão entre o velho e o novo, o antigo e o moderno, o passado e o presente, pois elabora uma lista das edificações construídas no Boqueirão, zona de início do povoado, bem como das primeiras edificações que estão sendo construídas a leste da principal Avenida da Cidade, espaço que estava se desenvolvendo na primeira década de 1900. Além disso, é em 1909 que se inicia a construção do novo prédio prefetural, que foi inaugurado em 25 de julho de 1911. Na noite de inauguração, segundo Delma Rosendo Gehm, “O Intendente Cel. Gervásio Lucas Annes, usando da palavra, afirmou que Passo Fundo despertava para uma nova era do progresso e cultura (novas escolas eram criadas pelo Município).” (GEHM, 1983, p.154). Verifica-se novamente o imaginário progressista representado,

neste momento, pelo novo prédio da Intendência, bem como pelas escolas que vinham sendo instaladas no município.

Em relação à religiosidade, Gehm pontua rituais católicos, os quais sejam: missas, festas de Padroeiros, Procissões. Relaciona, por algumas vezes, sujeitos adeptos da Maçonaria, mas sem detalhar rituais. Ponto que merece destaque é a Festa em Honra a São Miguel que iniciou quando dois ex-escravos encontraram e doaram a imagem para a comunidade.

Encerra o volume III com a biografia de alguns militares, com o histórico do Comando Militar sediado em Passo Fundo e da relação dos membros pertencentes ao Poder Executivo de Passo Fundo. Ressalta-se que o estereótipo do Militar que luta, conquista em favor de seu território está intimamente ligado ao cotidiano do passo-fundense. É possível que isso ocorra em razão da própria historiografia analisada e pelo fato de a cidade ser sede do quartel do Comando Militar Regional e ser tida como referência.

Portanto, no terceiro volume tem-se uma cidade construída pela elite econômica/intelectual/política, mas que admite o auxílio de outros grupos como os indígenas e os negros. Por óbvio que negros e índios aparecem ainda relegados ao ínfimo reconhecimento, pois de fato contribuíram e muito para o desenvolvimento da cidade. Tem-se um campo de forças que atua fortemente, neste volume, no que diz respeito ao antagonismo antigo X moderno. Como o moderno vai ocupando o espaço urbano em detrimento do antigo, tendo essa ação o significado de progresso, ou seja, a “[...] partir da década de 1920, à parte leste da cidade expandiu-se, dando a ideia de um Passo Fundo novo, ficando o chamado ‘Boqueirão’, como cidade antiga”. (GEHM, 1982, p.184)

Além disso, as tensões político-partidárias entre Federalistas X Republicanos também são pontuadas no volume e caracterização, como visto na análise do segundo volume, a construção de monumentos no território passo-fundense com a finalidade de legitimação e sustentação de laços de pertencimento.

A leitura da obra da autora Delma Rosendo Gehm, em seus três volumes, permite dizer que, de acordo com ela, a cidade de Passo Fundo reconhece como sujeitos atuantes em seu processo de construção, ou seja, da cidade como artefato, indivíduos de maioria do sexo masculino pertencentes a uma elite que dispõe de situação econômica e intelectual abastadas, sendo protagonistas, na maioria das vezes, na esfera política do município. Deixando relegada à condição de coadjuvantes

vencidos aos indígenas e negros, sendo que apenas no 3º volume é destinada uma frase a fim de ressaltar a importância de tais etnias na formação da população passo-fundense. Campo de tensão constante, a cidade vai refletir os embates, conflitos ocorridos “olho no olho”. Por meio de símbolos que serão dispostos pelo espaço urbano, alguns grupos legitimam seu poder em detrimento do silenciamento de outros. Assim, as representações sociais se firmaram e alimentaram o imaginário urbano de Passo Fundo. Precisamos nos perguntar: a quem essas representações interessam? Ou a quem os monumentos urbanos representam? Eles me representam?

3.6 DAS BRUMAS DO PASSADO PARA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM E IMAGINÁRIO DE PASSO- FUNDENSE

No artigo, “Antologia do município de Passo Fundo: A cidade e a região durante os séculos XVII, XVIII e XIX”, os historiadores Eduardo Roberto Jordão Knack e Alessandro Batistella (2007), referindo-se aos povos originários, afirmam que “[...] o norte, predominavam os caingangues - do tronco cultural Jê e são “[...] costumeiramente identificados como caçadores- coletores-horticultores, viviam entre as matas de araucária como semi-sedentários” (BATISTELLA; KNACK, 2007, p.32). Viviam, portanto, em constante mobilidade pelo território, sendo que quando se estabeleciam “[...] suas aldeias eram formadas, durante muito tempo, por casas subterrâneas, em formato singular. Mais tarde, essas moradias foram substituídas por toldos” (BATISTELLA; KNACK, 2007, p.32).

Os caingangues eram conhecidos pelos Guaranis, com quem estavam em constante conflito, como caáguas (“homens do mato”), e como “moradores do mato” pelas demais etnias. Os europeus os chamavam de “botocudos”, devido aos batoques de madeira que usavam nos lábios ou de “coroados”, pois o corte de cabelo deles parecia com uma coroa.

Em relação à conquista europeia de tais territórios os autores pontuam que

[...] deu origem ao genocídio de centenas de indivíduos pertencentes a esses grupos indígenas; por outro, teve início uma imensa miscigenação e transformações socioculturais importantes, com a influência cultural mútua, as aculturações forçadas e espontâneas, bem como as intensas alterações dos costumes tradicionais das diversas comunidades indígenas locais, num processo gradual de europeização (KERN apud BATISTELLA; KNACK, 2007, p. 10).

Pode-se citar acerca de tais “aculturações forçadas e espontâneas”, a presença dos jesuítas no território sulino e, neste caso, o território do que atualmente é o município de Passo Fundo. Os Jesuítas Portugueses se concentravam no litoral e os Espanhóis adentraram ao interior. Segundo o historiador Mário Maestri (2010), em seu livro “Breve História do Rio Grande do Sul: a ocupação do território”:

[...] as Missões jesuíticas da América Meridional serviram como uma espécie de escudo contra a expansão lusitana em direção à estratégica foz do Rio da Prata e, sobretudo, às cobiçadas minas de pratas andinas (MAESTRI, 2010, p.10).

No território de Passo Fundo, estava a redução de “Santa Teresa de los Pinhales” (D’AVILA, 1996) pertencente à grande província do Tape. Localizada em território de passagem, a redução foi alvo de bandeirantes, que no ano de 1637 foi atacada pela bandeira de André Fernandes, sendo que parte dos indígenas foram enviados para serem escravizados em São Paulo, e os demais permaneceram no atual arraial bandeirante.

O território era passagem estratégica para a região de São Paulo. Assim, a partir do século XVII tomou corpo a atividade do tropeirismo, ou seja, de transporte de mulas, vendidos na feira de Sorocaba, principalmente para a região das Minas Gerais para o transporte de cargas (MAESTRI, 2010).

Assim, devido à sua posição estratégica e fertilidade da terra teve início a solicitação de sesmarias para o apossamento individual. “Em 1827/1828, o miliciano Manoel José das Neves, ou Cabo Neves, obtém quatro léguas quadradas de campo no local que atualmente localiza-se a cidade de Passo Fundo” (RUCKERT, 1997, p. 59/60).

No ano de 1833, o Capitão Joaquim Fagundes dos Reis foi designado para ser o inspetor do 4º Quarteirão de Cruz Alta. Nessa mesma década, o território que passou a se chamar Passo Fundo é elevado a distrito de Cruz Alta. Na década de 1840, foi levado à condição de freguesia e, no ano de 1857 se emancipa e passa a ser considerado Município (D’AVILA, 1996). O progresso, desejado pela elite local que comanda o processo de urbanização, ganha impulso em 1891 quando:

A instalação da estrada de ferro, associada a política de desenvolvimento regional do Partido Republicano, promoveu as primeiras grandes transformações urbanas em Passo Fundo, redirecionando o crescimento da cidade. O início do século XX trouxe o “progresso” para a cidade, perceptível no espaço urbano através da construção de novos prédios, pela iluminação, calçamento e embelezamento de praças, pela instalação de indústrias ao longo dos trilhos e pelo impulso que a vida social recebeu com os hotéis e clubes que surgem com as portas de 1900. A partir desse momento o espaço urbano é redefinido na cidade, a busca pela industrialização e da modernização urbana (entendida como construções verticais, iluminação, calçamento, entre outros elementos apontados como melhoramentos estéticos) fomenta a formação de uma cultura progressista que ainda é marcante na definição de políticas públicas em Passo Fundo. Com a indústria, primeiramente as madeireiras e moinhos ao longo dos trilhos, depois as indústrias de insumos agrícolas e a construção civil, grupos de trabalhadores começam a formar bairros e ocupar os espaços da cidade, sinalizando a entrada de novos sujeitos que também não encontraram destaque nas páginas da historiografia local até pouco tempo. (KNACK, 2012, p.273).

Nos anos que se seguem, o espaço urbano será idealizado a fim de legitimar a cidade como polo do desenvolvimento regional e cidade símbolo do moderno. A própria construção do prédio da Intendência Municipal, de 1909 a 1911, seguirá essa lógica de afirmação de centro regional.

Em 1957, ano de comemoração ao centenário de emancipação de Passo Fundo, a festa preparada pelo poder público municipal buscou legitimar o imaginário progressista

O imaginário capital do planalto em sua essência é progressista, legitima um projeto político e econômico com base no desenvolvimento da agroindústria e na modernização do espaço urbano como vetores para o progresso municipal. Esse imaginário permeia o Brasil na década de 1950, mas em Passo Fundo não bastava apenas o crescimento para o futuro, era necessário afirmar a cidade como líder da região. Os sujeitos envolvidos nas comissões organizadoras dos festejos não criaram esse imaginário. Como passo-fundenses, são herdeiros dessas ideias e imagens de progresso, bem como da vontade, da missão de transformar a cidade em uma liderança regional - eles estavam mergulhados nesse rio que é o imaginário. Coube a eles, durante o centenário, buscar instrumentos para concretizar esse objetivo (KNACK, 2016, p.17).

Nesse sentido, pode-se concluir que a historiografia da cidade, que embasará as legitimações propostas pelo poder público municipal, exclui sujeitos que atuaram no processo de seu desenvolvimento. “Além dos nativos e dos caboclos, os grupos que descendem dos escravos são pouco mencionados nas páginas da historiografia local. Quando citados, aparecem como complemento da história da ação “civilizatória” dos europeus e seus descendentes.” (KNACK, 2012, p.272).

No caso de Passo Fundo, o estudo desenvolvido por Batistella e Baccin (2016) – História, Memória e Representações - é importante para se verificar o que está além do material. A obra aborda os monumentos que compõem o espaço urbano, contrapondo-o com a sua significação, com os motivos para que foram construídos. Assim, vão pontuando as imagens construídas da/pela cidade e, os imaginários que vão sendo legitimados por essas imagens. Nesse sentido, acerca dos monumentos afirmam que

[...] os diversos monumentos em Passo Fundo evidenciam os usos políticos da memória, que são um campo de tensões, conflitos e disputas permanentes entre processos históricos e atores sociais distintos que intervêm, conforme os seus interesses, para a formação e consolidação de uma memória e uma história oficial. (BATISTELLA; BACCIN, 2016, p. 200).

Deve-se ter como norte que a memória “[...] é negociada, dinâmica, presentista, enfrenta os dilemas e intencionalidade do que esquecer e lembrar” (TEDESCO, 2016, p. 12). É necessário perceber que a memória consagrada pelos detentores do poder impõe silêncios e ausências, excluindo sujeitos, cujas memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), podem emergir e contestar a memória oficial. Há, portanto, uma disputa pelo poder simbólico urbano, em favor de uma construção de história e, conseqüentemente, de uma identidade oficial. O poder simbólico atua invisivelmente e pode ser entendido também

[...] como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, pp.14-15).

Os símbolos¹⁶ desempenham, portanto, o papel de legitimar, evidenciar sujeitos, grupos, excluir e muitas vezes eliminar; criam e propagam uma determinada memória, uma história única, tida como verdadeiras referentes a pessoa ou lugar, como é o caso de nosso estudo. No que concerne a este trabalho, interessa analisá-las criticamente, observando como esses autores contribuíram para a construção de

¹⁶ “Os símbolos podem ser considerados derivados dos signos, quer dizer, do conjunto de elementos conhecíveis e repertoriáveis, mas que, ao mesmo tempo, se propõem como fantasmas do significado que retém uma parte do objeto que designam” (PESAVENTO, 1995, p. 21).

imagens e imaginários urbanos, quais sujeitos tiveram voz e quais foram silenciados, quais grupos protagonizaram o processo de constituição de Passo Fundo. É exemplo disso, o trecho escrito, por Oliveira, considerado o “Pai da História” da cidade.

Foram os jesuítas os primeiros civilizadores da região Missioneira do Estado do Rio Grande do Sul, na qual está situado o município de Passo Fundo. Aí, estabeleceram eles, no século XVII, as Missões Orientais do Uruguai¹⁷ arrancando das trevas do barbarismo os indígenas e convertendo o território em Província¹⁸ da Companhia de Jesus. Homens dotados de vasto saber e inquebrantável tenacidade de caráter, oriunda, sem dúvida, do intenso fervor religioso que os dominava, não tardou que seus ingentes e abnegados esforços, vencendo as imensas dificuldades de tamanha empresa, transformassem o bárbaro país (entenda-se território missioneiro) em um centro de adiantada civilização e importantíssima atividade econômica, fazendo-lhe sorrir a esperança de vir a representar proeminente papel na evolução do Novo Mundo (OLIVEIRA, 1990b, p. 61).

Percebe-se que os indígenas, primeiros habitantes do território, são apresentados como bárbaros, desprovidos de conhecimento, os quais foram arrancados da selvageria pelo esforço e devoção religiosa de jesuítas, representantes da “adiantada civilização”, identificada exclusivamente com a cultura europeia. Civilizar o território, com o estabelecimento de núcleo urbano e de atividade econômica, significava justamente eliminar o elemento bárbaro – o indígena – tanto no plano físico quanto simbólico. Há, portanto, um apagamento da memória dos primeiros habitantes do território de Passo Fundo, operada pela historiografia, e que foi sendo legitimado pela política simbólica do município. Em Passo Fundo, não existe nenhum monumento no espaço urbano dedicado aos indígenas que habitavam o território

[...] os povos originários, sobretudo os Kaingangos - os primeiros habitantes da região- foram deliberadamente excluídos da história oficial e até hoje são vitimados por uma silenciosa “violência simbólica”, sobretudo porque são excluídos do direito à memória e tem a sua cultura vista por uma sociedade etnocêntrica como “inferior”, “atrasada” e “selvagem”. (BATISTELLA; BACCIN, 2016, p. 105).

¹⁷ Nome de origem guarani de significado impreciso “rio dos caracóis” e “água profunda”, primeiramente designou o rio e depois, a região.”

¹⁸ O estabelecimento da Província jesuítica do Paraguai data de 1607, mas as missões somente começaram a ser instaladas a partir de 1609. A área ocupada pelas missões, junto aos guaranis expandiu-se, inicialmente, rumo ao Guairá (no Paraná), Itatim (no Mato Grosso) e Tape (no Rio Grande do Sul).

Efetivamente os signos e símbolos que compõem o cenário urbano participam do processo que legitima determinadas imagens da cidade, as quais alimentam imaginários que vão sendo difundidos ao longo tempo, norteando e reiterando identidades excludentes, concebida no singular. Para Pesavento, a identidade

[...] como representação social, formula uma maneira de ser que é inventada ou importada, mas é assumida e consentida, o que implica sempre sedução e convencimento. É uma forma imaginária de conceber-se a si próprio que conforta, dá segurança, marca presença no espaço e no tempo (PESAVENTO, 1999, p. 125).

Assim, ao longo de seu processo de desenvolvimento, Passo Fundo delineou imagens que sustentam o imaginário da cidade civilizada, do progresso. Ao longo do tempo, diferentes imagens atualizam o imaginário urbano, que sustenta a identidade da cidade do progresso. Dessa maneira, tem-se inicialmente a “Passo Fundo das Missões”, identificada com os Jesuítas que se instalam no território, onde hoje se localiza o município, a redução de Santa Tereza; após, verifica-se a “Passo Fundo: caminho das Tropas”, uma vez que era por esse território que passavam as tropas de gado que seriam vendidas na feira de Sorocaba- SP. Mais adiante, a cidade é uma das escolhidas, devido à localização estratégica, para receber a “[...] Estrada de Ferro Santa Maria a Marcelino Ramos- Tronco Norte, compreendendo 355 km entre Santa Maria e Passo Fundo, no ano de 1889” (WICKERT, 2011, p. 49). Neste momento, a cidade se apresenta como polo regional, por onde escoava boa parte dos produtos do Estado. A chegada do Trem de Ferro trouxe consigo uma renovação da estrutura urbana; vida social passa a se desenvolver, nas proximidades da estação de embarque e desembarque, a GARE da Viação Férrea (WICKERT, 2011). Ao longo do século XX, novas atividades foram sendo desenvolvidas e, o poder público concentrará suas energias em transformar Passo Fundo em “Capital do Planalto”, pois

A legitimação dessa identidade (vinculada a elites econômicas e políticas) ocorreria através da construção de edificações modernas, verticais, da remodelação da área central e da instalação de indústrias no município. Uma das consequências foi a eliminação de diferentes espaços urbanos na área central, que representavam grupos sociais que não condiziam com essa identidade ou que não conseguiram manter suas propriedades nessa área devido a intensa valorização imobiliária do centro (idem, p.14).

Na década de 1980, uma nova imagem foi incorporada e legitimada pelo slogan: “Passo Fundo Tchê! A cidade mais gaúcha do Rio Grande do Sul” (Figura 13).

Figura 13 - Logo “Passo Fundo Tchê! A cidade mais gaúcha do Rio Grande do Sul”- 1987



Fonte: Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo.

Esse slogan foi proposto pelo publicitário Walmor Palma, sob a alegação de que Passo Fundo precisava de uma identidade, a exemplos de outras cidades do Rio Grande do Sul, como Garibaldi, Taquara, Flores da Cunha, associadas às suas respectivas belezas naturais (MONTEIRO, 2009). Dessa forma,

Com o apoio da Câmara da Indústria, Comércio, Agropecuária e Serviços de Passo Fundo (CICASP), o slogan criado por Walmor Palma tornou-se um projeto turístico, apresentado à Câmara Municipal de Vereadores, sendo aprovado e sancionado pelo poder Executivo (Lei 1992, de 28 de novembro de 1980) (BATISTELLA; BACIN, 2016, p.74).

Nesse sentido, a Secretaria Municipal de Turismo, Desporto e Cultura passou a organizar eventos tradicionalistas na cidade, que eram realizados no Parque Turístico da Roselândia e visavam impulsionar o turismo tradicionalista na cidade (Figuras 14 e 15).

Figura 14 - Complexo Turístico da Roselândia- Primeiro Pórtico de entrada



Fonte: Disponível em <https://diariodamanha.com/noticias/monumentos-marcam-a-historia-gaucha-em-passo-fundo/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

Figura 15 - Complexo Turístico da Roselândia - Segundo Pórtico de entrada



Fonte: Disponível em <http://www.pmpf.rs.gov.br/secao.php?t=11&p=497>. Acesso em 13 de março de 2021.

As distintas imagens urbanas, que haviam sido constituídas ao longo da existência da cidade, confluíram, nesse momento, para reforçar a identificação de Passo Fundo com o gauchismo. De grande eficácia simbólica, a associação da cidade à identidade regional contou com ampla aceitação da população, pois o gauchismo havia assumido, nos anos de 1980:

[...] a posição de cultura de massa, fortemente palanqueado na indústria cultural- todos os seus adereços já se haviam convertido em mercadorias e seus militantes ocupavam significativamente as grades das programações das rádios e das emissoras de TV[...] (GOLIN, 2011, p. 164).

Concorreram para legitimar esse imaginário, no rastro do Movimento Tradicionalista Gaúcho, publicações da Academia Passo-Fundense de Letras, publicações de memorialistas e escritores, discursos dos representantes do poder público e a instalação de símbolos gauchescos pela cidade. É exemplo a Lei que instituiu a cuia como símbolo oficial municipal, no ano de 1995. O modelo de cuia oficial da cidade remete ao monumento da Praça Marechal Floriano (Figura 16), presente do Governador de São Paulo no ano de 1957, por ocasião do primeiro Centenário de Passo Fundo. (BATISTELLA; BACCIN, 2016).

Importante destacar que o acolhimento do gauchismo nos anos de 1980 coincide com as comemorações do sesquicentenário da Revolução Farroupilha:

Durante o início da década de 1980, o Rio Grande do Sul vivia um clima de intenso ufanismo, em virtude das comemorações do sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Inclusive, a partir de 1983, o governo estadual empreendeu uma série de iniciativas oficiais em comemoração à data. (BATISTELLA; BACCIN, 2016, p. 76).

Figura 16- Monumento da Cuia na Praça Marechal Floriano



Fonte: Disponível em <http://www.pmpf.rs.gov.br/secao.php?t=11&p=488>. Acesso em: 13 mar. de 2021.

Uma das ações organizadas pela Comissão Municipal do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha¹⁹ foi a inauguração de placas panegíricas como a que rememora a passagem de Bento Gonçalves, Giuseppe e Anitta Garibaldi por Passo

¹⁹ Membros da elite Política e Cultural da cidade integraram a Comissão Municipal do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, em Passo Fundo (BATISTELLA; BACCIN, 2016).

Fundo, no ano de 1841. E a que assinala que Cabo Neves esteve ao lado Império, durante o conflito. As duas estão instaladas na Praça Tamandaré.

A cidade passou a ter também uma música símbolo²⁰, “Gaúcho de Passo Fundo” de autoria de Vítor Mateus Teixeira (1927-1985), o Teixeirinha. Além da música, a estátua em homenagem ao músico foi inaugurada na Avenida Brasil, em frente ao prédio do MHR. Natural da cidade de Rolante, na época de seu nascimento, distrito de Santo Antonio da Patrulha, Teixeirinha ganhou projeção nacional no ano de 1960, com “ [...] seu disco *Gaúcho coração do Rio Grande* [...] em virtude do sucesso *Coração de Luto*. Nesse mesmo disco também havia outro sucesso de sua autoria: *Gaúcho de Passo Fundo*, que propagandeou o nome da cidade para todo o país.” (BATISTELLA, BACCIN, 2016, p. 79) Desse modo, alguns setores do MTG buscam associar a imagem de Teixeirinha ao Tradicionalismo. Mas “[...] ao analisar vida e obra do artista, percebe-se que o cantor esteve relativamente distante do tradicionalismo. Inclusive, na década de 1970[...] era visto pelo MTG não como um cantor tradicionalista, mas regionalista.” (BATISTELLA; BACCIN, 2016, p. 81).

Figura 17- Monumento do Teixeirinha



Fonte: Disponível em: <http://www.pmpf.rs.gov.br/seciao.php?t=11&p=748>. Acesso em: 13 mar. 2021.

²⁰ Lei 3892, de 12 de abril de 2002.

Outro monumento que busca legitimar a identidade de “cidade mais gaúcha” é o que homenageia o Grupo Cavaleiros do Mercosul²¹. Inaugurada em janeiro de 2000, a estátua de um homem pilchado montado em seu cavalo (Figura 18) faz alusão ao grupo mencionado acima, no Largo de mesmo nome. O Projeto de construção do monumento foi apresentado pelo vereador Edson Nunes, em 1999 e sancionado pela Lei nº 3.457, de 23 de dezembro de 1999 pelo Prefeito Júlio Teixeira. (BATISTELLA, BACIN, 2016, p. 82).

Figura 18 - Monumento ao Cavaleiro



Disponível em <http://www.pmpf.rs.gov.br/secao.php?t=11&p=748>. Acesso em: 13 mar. 2021.

Outras imagens urbanas se sobrepuseram e mesmo concorreram com a associação de Passo Fundo ao tradicionalismo gaúcho em momento posterior. O projeto de Lei nº 11.264, de 2 de janeiro de 2006 sancionado pelo Presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, concedeu a Passo Fundo o título de “Capital Nacional da Literatura”. Tal título, se deve ao fato de ser realizada na cidade a Jornada Nacional de Literatura, evento de grande importância literária. Somado a isso, em 23 de janeiro de 2008, a Lei nº 4477, mudou o símbolo da cidade: sai a cuia e entra em cena o livro. “A partir de então, o slogan “Passo Fundo Tchê: a cidade mais gaúcha do Rio Grande

²¹ Grupo de pessoas que se reúnem para realizar cavalgadas. A primeira cavalgada foi de Passo Fundo a Buenos Aires, na Argentina. A segunda foi de Passo Fundo a São Paulo. A terceira de Passo Fundo a São Borja e São Tomé, na Argentina. (BATISTELLA; BACIN, 2016).

do Sul” passou a ser substituída por outro slogan: “Passo Fundo, capital nacional da Literatura””. (BATISTELLA; BACIN, 2016, p. 174).

Figura 19 - Largo da Literatura vendo o monumento Árvore das Letras



Fonte: Disponível em <http://www.pmpf.rs.gov.br/secao.php?t=11&p=912>. Acesso em: 13 mar. 2021.

Os demais monumentos edificadas pela cidade, fazem referência à participação de grupos sociais no processo de desenvolvimento da cidade. Os Tropeiros, os Vicentinos, os afro-descendentes, os imigrantes judeus e italianos contam, atualmente, com monumentos que reforçam sua presença no espaço e imaginário de Passo Fundo. As homenagens seguem com os monumentos aos ferroviários, aos metalúrgicos, aos eventos históricos e, claro, indivíduos que pertencem a elite política, econômica e intelectual de Passo Fundo, sendo que três monumentos se referem a Professores e Professoras.

Percebeu-se que nesses processos mais recentes, Passo Fundo se associou a identidades plurais, em conformidade à diversidade social e étnica da cidade. Novos signos e monumentos materializados no espaço urbano, se somam aos antigos, como forma de legitimar as diversas imagens que, por sua vez, alimentam o imaginário de uma população, em um processo que significação e ressignificação contínua no tempo. O imaginário se constrói dia a dia, não é estanque, fixo, mas dinâmico e vivo.

O ponto em comum entre todas as alternâncias de signos e imagens que alimentam a identidade oficial da cidade é o “imaginário progressista” (KNACK, 2011,

p. 27), ou seja, a necessidade de Passo Fundo se afirmar como modelo de progresso, de desenvolvimento.

Figura 20- Túneis da Literatura e monumentos das letras espalhados por diversos pontos da cidade



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Progresso e desenvolvimento como uma neurose coletiva, atingem a sociedade passo-fundense há praticamente um século. Possivelmente uma mescla de influências, estando de um lado os governos estaduais positivistas e de outro a cultura estadunidense que coloca o carro e o arranha céu como figuras centrais da cidade moderna. Passo Fundo chega ao século XXI mutilada pela perda irreparável de dezenas de edificações históricas e conjuntos urbanos, demolidos de acordo com esse conceito de substituir para evoluir (FRANDOLOSO; BATISTELLA, 2011, p. 80).

Desse modo, é importante compreender como o MHR foi comunicando as alternâncias das imagens e o imaginário urbano, assim como verificar de que maneira a historiografia de Oliveira e Gehm embasam esse imaginário e as formulações apresentadas nas narrativas do museu.

*CAPÍTULO 4 - NARRATIVAS EXPOSITIVAS E
HISTORIOGRAFIA DE PASSO FUNDO: ENCONTROS
OU DESENCONTROS?*



Fonte: Acervo digital MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
 Em cofre não se guarda coisa alguma.
 Em cofre perde-se a coisa à vista.
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la,
 mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Antônio Cícero

Expor um objeto é destrancá-lo do cofre do tempo. É colocá-lo para ser a ponte entre as indagações do presente e do passado. Nesse sentido, quando expostos diferentes objetos, iconografias comporão uma narrativa expositiva que nunca será neutra, pois carregará sempre sentidos, ideias de quem a elaborou. Assim, neste terceiro capítulo será apresentado o universo expositivo do Museu Histórico Regional de Passo Fundo (MHR), especificamente as temáticas expositivas abordadas pela instituição. Duas exposições são analisadas mais profundamente com o intuito de verificar em que medida elas se conformam ou rompem com visões da cidade consagradas pela historiografia de Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Delma Rosendo Gehm.

4.1 EM CARTAZ: AS EXPOSIÇÕES DO MHR!

No museu, principalmente no museu histórico que superou a função de repositório e dispensador de paradigmas visuais, a inteligibilidade que a História produzir será sempre provisória e incompleta, destinada a ser refeita. Daí, porém, sua fertilidade. Por isso tudo, talvez o museu histórico já esteja maduro para fazer aquilo que só o museu pode fazer bem, com competência e por vocação (ainda não atualizada): explorar, não sínteses históricas sensoriais, mas a transformação dos objetos em documentos históricos. Em vez de teatro, laboratório, com tudo aquilo de criador que essa ideia contém. (MENESES, 1994, p. 34).

As exposições são um dos braços de uma instituição museal. O braço mais conhecido pelo público, talvez, pois é por meio deste “produto museal” que os laços entre museu e comunidade são estreitados. A exposição, “[...] na linha aqui desenvolvida, pressupõe a articulação de enunciados sobre certos problemas humanos, desenvolvidos com o suporte das coisas materiais” (MENESES, 1994, p. 29).

O Museu Histórico Regional apresentou inúmeras exposições, intra e extramuros, desde 1996, ano de sua reinauguração. No formato intramuros, até março de 2020, o MHR apresentou 156 exposições. Importante observar que a pandemia do

Corona Vírus obrigou o fechamento do museu, por esse motivo nossa contabilização de exposições parou no referido mês e ano.

Diversas foram as temáticas abordadas nas mostras, das quais podem citar-se: grupos indígenas e sua cultura, aspectos do universo feminino, as lutas armadas ocorridas no Estado do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, em Passo Fundo, os conflitos nacionais, espaço urbano e arquitetura, Patrimônio material e imaterial de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul, o futebol na cidade, instituições com sede na cidade, o desenvolvimento dos meios de comunicação no município, entre tantos outros assuntos. Tais mostras movimentaram um número significativo de visitantes, somando 195.326 visitantes, tanto de moradores de Passo Fundo quanto de pessoas de outras cidades. Deve-se assinalar que foram computadas aqui apenas as exposições realizadas dentro da sede do MHR, assim o número de pessoas que visitaram as exposições do museu de Passo Fundo é bem maior, pois tem-se as mostras realizadas fora do prédio, inclusive em outras cidades. Ainda, ressalta-se que estão incluídos nesse número expressivo de visitantes as pessoas que visitam a instituição mais de uma vez, revelando assim que o museu também cumpre com a função de “fidelizar” seu visitante.

Figura 21- Visitantes na exposição “Mulheres Pioneiras” no ano de 1997



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

A partir do ano de 1996, com a reestruturação e reorganização do Museu Histórico- Cultural, que passa a se chamar Museu Histórico Regional, a instituição adotou uma programação na qual apresenta uma exposição de longa duração e uma

ou duas (dependendo da expografia que será apresentada) exposições de curta duração e temáticas.

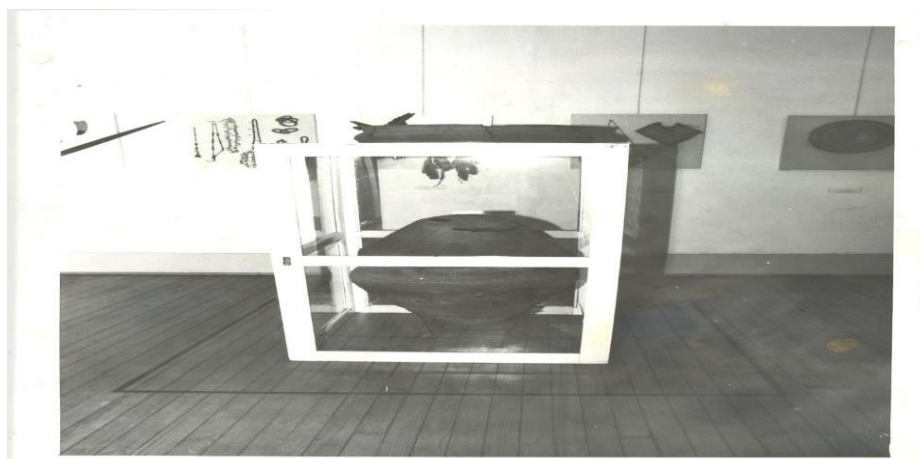
A primeira exposição de longa duração (Figura 22), depois da reinauguração, abordou a temática da Arqueologia regional, tendo a urna funerária encontrada na divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, como objeto central. Além disso, artefatos de pedra lascada e polida, bem como cestarias feitas por indígenas da região, faziam parte da mostra.

Figura 22 - Exposição de longa duração do MHR em 1996



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Figura 23- Exposição de longa duração do MHR em 1996



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

A mostra recebeu acréscimo de acervo e até mesmo alteração de alguns artefatos no decorrer dos dez anos que ficou em cartaz. De 1996 a 2020 foram

realizadas duas exposições de longa duração e cento e cinquenta e seis exposições de curta duração e temáticas (Anexo 1).

A atual exposição de longa duração foi aberta ao público em 2016 e continua em cartaz até o momento (março de 2021), apresentando a coleção de Bonecas do Festival de Folclore de Passo Fundo²². Entretanto, no mesmo ano promove a exposição “Vestígios Arqueológicos” (Figuras 24 e 25) que recebeu o maior número de visitantes de todas as exposições de curta duração realizadas pela instituição: 6.721.

Figura 24- Visitantes na Exposição “Vestígios Arqueológicos” em 2016



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

²² O Festival de Folclore é um evento realizado a cada dois anos na cidade, sendo que os grupos participantes, deixam como lembrança um casal de bonecos vestidos com as roupas típicas da Cidade, Estado ou País que representam. Assim, é essa coleção de presentes que passará a ser exposta no MHR, configurando na nova exposição de longa duração da instituição. Disponível em <http://www.cioff.org/events-festival.cfm/en/4650/Brazil> XIV_Festival_Int._de_Folclore_de_Passo_Fundo_. Acesso em: 13 dez. 2020.

Figura 25- Visitantes na Exposição “Vestígios Arqueológicos” em 2016



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

4.2 EXPOSIÇÕES SELECIONADAS PARA ANÁLISE

Diante do número extenso de exposições e da variedade de temáticas abordadas sobre Passo Fundo, da região e do país, foi preciso fazer uma seleção para que se pudesse analisar os encontros e desencontros das narrativas expositivas em relação à historiografia da cidade, escrita por Oliveira e Gehm.

Segundo Ramos,

“[...] um museu é um espaço que vive da imagem, sendo um construtor de imaginários [...] constituído por uma diversidade de objetos oriundos da sociedade mais representativos da memória e da história de seus países, os objetos são recriados nos museus que ao (re) arranjá-los lhes darão, também, forma e sentido”. (RAMOS, 2013, p.17).

Desse modo, sendo as exposições a forma mais comum de comunicação do museu com a sua comunidade, procurou-se compreender o discurso mediado pelos objetos, assim como as imagens e os imaginários, reiterados pela visualidade expositiva. Buscou-se reconhecer, ainda, o sentido identitário presente no discurso expositivo, compreendendo que “[...] no caso da identidade, e particularmente da identidade nacional, constrói-se uma comunidade simbólica de sentido que cria a

sensação de pertencimento” (PESAVENTO, 1999, p.123). Os museus organizam as narrativas expositivas em torno do objetivo de criar e, sobretudo, de difundir e legitimar a unidade identitária de grupos e coletividades, sejam nacionais ou locais.

Nesse sentido, optou-se por selecionar duas exposições que contemplam de forma mais adequada as categorias analíticas que foram estabelecidas para o estudo. São elas o “Município, História(as) e Patrimônio(os)” e “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político”, exibidas em 2004 e 2018, respectivamente. Ambas as exposições têm a ambição de narrar a história de Passo Fundo em um sentido global, ou seja, apresentam recortes temporais maiores, sem subdivisões temporais ou temáticas. As categorias analíticas, novamente, seguem as dimensões propostas por Meneses (2003), as quais colocam a cidade como artefato, campo de forças e representação social. Entretanto, para uma análise mais satisfatória desenvolveram-se subtemas dentro de tais dimensões, sendo que eles foram estruturados observando as temáticas apresentadas pelas exposições do MHR. Assim, organizaram-se as seguintes subcategorias:

Quadro 5 - Subcategorias de análise

Fonte: a autora (2021).

CIDADE COMO ARTEFATO	CIDADE COMO CAMPO DE FORÇAS	CIDADE COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL
Configuração Urbana	Embates/ Revoluções Vencedores X Vencidos	Mito Fundador Protagonistas Excluídos

A documentação analisada faz parte do arquivo administrativo do MHR e apresenta certas limitações. Sabe-se que ainda não há uma preocupação efetiva acerca da história da instituição museal, ou seja, ainda é bastante difícil conseguir armazenar, indexar, arquivar documentos que contam o processo de desenvolvimento de uma exposição. Nesse sentido, ao trabalhar com exposições de anos anteriores, nos quais a tecnologia ainda não apresentava a potencialidade de armazenamento que se tem hoje, e que muitas vezes, não está acessível a todas as instituições, se percebe lacunas de informações possivelmente decorrentes da falta de registros escritos de processos expositivos ou de documentos que se perderam, não foram arquivados. O fato é que se precisa pensar e agir com mais atenção a esse aspecto, uma vez que é a história institucional que está em jogo.

No caso do MHR, não há um critério estabelecido sobre o que e como arquivar as informações acerca das exposições. Inicialmente, em 1996, eram organizadas pastas suspensas com todo o material utilizado para a pesquisa, seleção de acervo e montagem das exposições. Anos depois, se passou a organizar pastas digitais, além das pastas físicas. Entretanto, diversos materiais utilizados foram se perdendo e algumas pastas digitais foram apagadas, quando na troca de computadores, se fez a transferência de arquivos para outras máquinas.

Nesse sentido, pesquisou-se todo o material disponível no museu a fim de verificar as fontes disponíveis para a pesquisa. As exposições que tinham apenas as pastas físicas foram scaneadas, facilitando o trabalho. Entretanto, as fontes utilizadas não permitem verificar dinâmicas da relação visitante e exposição, sobretudo a mediação, desenvolvida por educadores do museu.

Desse modo, ao selecionar as duas exposições para análise, contou-se com os referidos documentos:

Quadro 6 - Documentos para análise

DOCUMENTOS DE ANÁLISE DAS EXPOSIÇÕES	
Município, História(s) e Patrimônio	<ul style="list-style-type: none"> - Texto sobre cidade e História; - Roteiro excursão patrimônio edificado; - Organograma Municípios que se emanciparam de Passo Fundo; - Release para imprensa; - Texto monitoria para exposições; - Convite; - Projeto da exposição; - Etiquetas e Fotografias expostas; - Relação de acervo exposto; - Fotografia expografia; - Fotos excursão patrimônio edificado.
Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político	<ul style="list-style-type: none"> - Projeto apresentando a Caixa Econômica Federal; - Vídeo Grupos sociais que contribuíram para o desenvolvimento de Passo Fundo, veiculada no primeiro módulo da exposição; - Fotografias das expedições pelo trajeto do rio; - Pesquisa Histórica da exposição; - Cartaz de abertura; - Questionário aplicado aos Ribeirinhos; - Fotografias da sala expositiva, bem como de visitas.

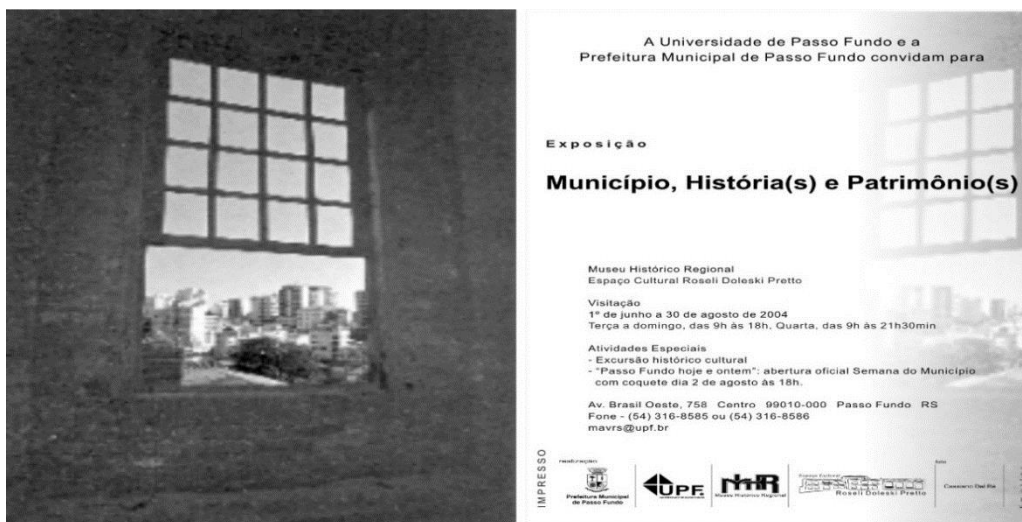
Fonte: a autora (2021)

Ao estudar os referidos documentos pode-se verificar o contexto em que a exposição foi pensada, bem como as referências utilizadas e qual acervo foi utilizado para comunicar a narrativa expositiva.

4.2.1 Município, História(as) e Patrimônio(os)

O convite da exposição (Figura 26) “Município, História(as) e Patrimônio(os)” de 2004 adiantava que seria um momento de olhar para além da janela de casa. A imagem de uma janela e em segundo plano os prédios de Passo Fundo, indicavam a reflexão acerca da situação do patrimônio edificado da cidade.

Figura 26 - Convite da Exposição “Município, História(as) e Patrimônio(os)”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

A exposição “**Município, História(as) e Patrimônio(os)**” foi apresentada no MHR de 01/06/2004 a 01/08/2004 e recebeu 1.806 visitantes. Ainda, teve como atividades especiais: Excursão histórico-cultural, abertura da mostra “Passo Fundo hoje e ontem”²³ e Palestra sobre “Guarda e Conservação de Documentação e/ou objetos de Memória”. A exposição foi elaborada e montada pela equipe do Museu Histórico Regional, ou seja, a Professora de História responsável pelo setor Educativo do Museu, estagiários acadêmicos do Curso de Graduação em História, Museóloga

²³ A exposição “Passo Fundo Ontem e Hoje” teve várias edições e contava com a participação de diversos fotógrafos da cidade, que recebiam imagens de tempos passados de um determinado ponto da cidade e deveriam fotografar o mesmo local na atualidade. Desse modo, a exposição consistia em apresentar o processo de transformações da cidade a partir da contraposição de fotografias.

da instituição, além dos funcionários e estagiários que atuavam na construção dos materiais referente à identidade visual da exposição. Desse modo, a mostra era resultado de esforços coletivos, desde a pesquisa histórica até sua montagem, somado a produção de convites, texto de abertura, divulgação na imprensa.

A pesquisa histórica da exposição contempla os seguintes períodos da história de Passo Fundo:

[...]1857 a 1900, dentro deste período daremos destaque a emancipação do município até a instalação da estrada de ferro, procurando demonstrar as transformações nas ruas, calçadas e áreas coletivas da população da cidade, como praças, igrejas e cemitério, com a chegada do trem, os rumos do desenvolvimento urbano de Passo Fundo ganham novas direções, novos referenciais para um crescimento social, cultural, econômico e político; 1900 a 1954, durante estas décadas, o espaço urbano municipal, regional e nacional, passa a sofrer significativas mudanças que influenciam, inclusive, em uma reorganização dentro do seu próprio espaço nos limites da cidade, a estrada de ferro perde sua prioridade para as autoestradas, as construções verticais começam a predominar e passam a fazer parte do cotidiano dos munícipes; 1954 a 1990, Passo Fundo torna-se um pólo regional nas áreas de educação, saúde e prestação de serviços, o seu processo histórico aponta elementos para este desenvolvimento, entre as construções/edificações do município, algumas refletem claramente esse processo, como a construção de hospitais, centros de educação e mudanças nos prédios que abrigam setores administrativos da cidade (MHR, 2004, p.2).

Tendo esse recorte temporal, a narrativa expositiva buscou

Contextualizar o processo histórico constitutivo do município de Passo Fundo identificando a configuração da cidade num espaço urbano desenhado pela arquitetura de prédios, ruas e praças, entre outros lugares de memória como elementos de identificação no e do patrimônio histórico-cultural dos grupos sociais que atuaram e atuam na construção e/ou transformação do ambiente sob um processo desenfreado de “modernização” e refletir à significação e a importância das políticas públicas de preservação e da educação patrimonial (MHR, 2004, p. 1).

Desse modo, para alcançar seu objetivo, pode-se afirmar, com base nas fotografias, pesquisa e texto de monitoria, que a expografia trabalhou com três módulos coincidentes com a periodização proposta pelo texto da pesquisa histórica: 1857 a 1900 que assinala a emancipação do município até a inauguração da estrada de ferro; 1900 a 1954 com a reorganização do espaço urbano e verticalização da cidade; e 1954 a 1990 período que marca a transformação de Passo Fundo em polo regional em saúde, educação e prestação de serviços.

Figura 27 - Aspecto da sala expositiva de “Município, História(as) e Patrimônio(os)”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

As fotografias que compõem a exposição e que aparecem na Figura 35 (observando os displays da esquerda para a direita, de cima para baixo) fazem referência a:

Quadro 7 - Display - legenda das figuras

Display	Legenda	Módulo expositivo/ Período representado
1º	[...] Vista da área central da cidade por volta de 1914 e Rua do Comércio em 1915, atual Av. Brasil. Destacam-se aspectos da iluminação (MHR, 2004);	1857 a 1900
2º	[...] Vista da Av. Brasil na década de 30, destacando-se o prédio de Gabriel Bastos que se localiza na Av. Brasil esquina com Rua 15 de Novembro e Foto atual do prédio de Gabriel Bastos (MHR, 2004);	1857-1900
3º	[...] O prédio foi construído entre 1883 a 1889, servindo como sede do Clube Dramático Passo - Fundense. Abrigou também uma escola e o Poder Judiciário entre 1929 e 1933. Depois foi a sede do Legislativo e da Câmara Municipal. Depois de 1989 abriga o Teatro Municipal Múcio de Castro, hoje parte do Espaço	1900-1954

	Cultural Roseli Doleski Pretto e inaugurado em 1911 para abrigar a Intendência Municipal, em 1930 torna-se Prefeitura Municipal. Em 1976 o prédio passa a abrigar o Museu Histórico Cultural, em 1996, o Museu Histórico Regional e o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, em 2004 passou a fazer parte do Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto (MHR, 2004);	
4º	[...] Construído em 1915 na Avenida Brasil, o prédio abrigava o “Clube Pinheiro Machado” (Instituição Político-Partidária Republicana). Alguns anos depois, passou a abrigar a Biblioteca Pública Municipal e o Instituto Histórico e Geográfico. Em 1960 recebe a Academia Passo-Fundense de Letras. Passou a fazer parte do espaço Cultural Roseli Doleski Pretto – 2004. (MHR, 2004).	1900-1954

Fonte: a autora (2021).

Figura 28 - Aspecto da sala expositiva de “Município, História(as) e Patrimônio(os)”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Novamente, da esquerda para direita, de cima para baixo, demonstram-se as fotografias expostas na sequência da sala:

Quadro 8 - Displays e legendas das figuras

Display	Legenda	Módulo expositivo/ Período representado
1º	[...] O prédio foi construído entre 1883 a 1889, servindo como sede do Clube Dramático Passo - Fundense. Abrigou também uma escola e o Poder Judiciário entre 1929 e 1933. Depois foi a sede do Legislativo e da Câmara Municipal. Depois de 1989 abriga o Teatro Municipal Múcio de Castro, hoje parte do Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto e inaugurado em 1911 para abrigar a Intendência Municipal, em 1930 torna-se Prefeitura Municipal. Em 1976 o prédio passa a abrigar o Museu Histórico Cultural, em 1996, o Museu Histórico	1900-1954

	Regional e o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, em 2004 passou a fazer parte do Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto (MHR, 2004);	
2º	[...] Construído em 1915 na Avenida Brasil, o prédio abrigava o “Clube Pinheiro Machado” (Instituição Político-Partidária Republicana). Alguns anos depois, passou a abrigar a Biblioteca Pública Municipal e o Instituto Histórico e Geográfico. Em 1960 recebe a Academia Passo-Fundense de Letras. Passou a fazer parte do espaço Cultural Roseli Doleski Pretto – 2004 (MHR, 2004);	1900 a 1954
3º	[...] Igreja da Nossa Senhora da Conceição. Aspectos da Igreja Nossa Senhora da Conceição em 1984. A 1º de janeiro de 1893, foi lançada a pedra fundamental da atual igreja Nossa Senhora da Conceição em terreno doado pelo Sr. Ramon Rico. A igreja localiza-se em frente à praça Tamandaré e Igreja Metodista. Prédio construído em 1918, mas a comunidade Metodista já se encontrava no município alguns anos antes, sendo realizado o primeiro culto em 1912. Uma das influências mais significativas da Igreja Metodista na cidade foi certamente o auxílio na fundação do Instituto Educacional. (MHR, 2004);	1900 a 1954
4º	[...] Hotel Internacional era parada de trem, atual Av. 7 de Setembro com a Av. Brasil. Relacionados de acordo com a numeração: 1) Conti (carroceiro), 2) Manuel Caminha, 3) João Issler, 4) Antonio Loureiro (Barão), 5) Silveira (esposo de Picucha Pinto Lima), 6) Fernando Goelzer, 7) Paulinho Costa. Ano 1900 e antiga Viação Férrea, localizada na Rua General Neto. Portão de entrada. Foto Moderna. Ano 1930. (MHR, 2004);	1900 a 1954
5º	Esquina da Rua Moron com a Bento Gonçalves. À direita, vista parcial do Banco da Província (hoje Banco Itaú). Ano 1928 e Banco Itaú, década de 90. (MHR, 2004).	1900 a 1954

Fonte: a autora (2021).

No centro da sala expositiva, a maquete de um prédio contrasta com as fotografias de edificações antigas, evidenciando a contraposição entre o antigo e o moderno que a exposição se propõe a discutir, pois conforme citado no texto de monitoria da exposição as “[...] edificações acompanham o desenvolvimento da cidade em suas esferas políticas, econômicas, sociais e culturais”. Ainda, o texto da pesquisa histórica da exposição aponta uma citação de Gehm para sustentar a referida contraposição:

1900-1955

A partir da década de 1920, a parte leste da cidade expandiu-se, dando a idéia de um Passo Fundo novo, ficando o chamado ‘Boqueirão’, como cidade antiga. (**Passo Fundo Através do Tempo**.v.3, p.184).

Esta citação retirada do livro da historiadora Delma Rosendo Gehm, caracteriza o desenvolvimento urbano de Passo Fundo no início do século XX (MHR, 2004, p.3).

Figura 29- Aspecto da sala expositiva de “Município, História(as) e Patrimônio(os)”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Nesta imagem da sala expositiva, pode-se verificar os objetos tridimensionais que foram expostos. A descrição será feita de cima para baixo, da esquerda para a direita: Mapa 1º PDDU de 1953 e Mapa do atual (2004) PDDU com caderno de proposta do PDDU, que pertencem aos módulos 1900 a 1954 e 1954 a 1990, respectivamente. Na vitrine a seguir apresenta-se:

Quadro 9 - Vitrine

Objeto	Módulo expositivo/ Período representado
Lanterna da estação ferroviária	1857 a 1900
Campainha de mesa do Conselho Municipal de Passo Fundo Datação: 1963	1954 a 1990
Máquina de calcular	1900 a 1954
Estojo Médico-Hospitalar	1954 a 1990
Lousa	1900 a 1954
Rádio Invictus Datação: 1954	1900 a 1954
Lamparina a querosene	1857 a 1900
Isolador de luz elétrica	1900 a 1954

Fonte: a autora (2021).

Notadamente, as Políticas Públicas acerca do Patrimônio de Passo Fundo, no contexto em que a exposição e as ações complementares decorrentes dela são preparadas e apresentadas para a comunidade, buscam salvaguardar edificações que demonstram o progresso, o desenvolvimento da cidade. Nesse sentido, caso analise-se o processo de tombamento dos prédios, cujas fotografias compõem a narrativa expositiva, se perceberá que a maioria já eram bens tombados pelo poder público municipal.

Importante ressaltar que

[...] a problemática gira em torno das condições do patrimônio histórico-cultural do município de Passo Fundo, refletindo sobre sua importância para a preservação de elementos de identificação à identidade(s) da cidade e de seus habitantes, das políticas públicas e iniciativas privadas ao reconhecimento e à preservação do patrimônio, da educação patrimonial, consequentemente, à necessidade de conscientização da sociedade sobre as transformações ocorridas no decorrer do processo histórico e os seus agentes das mudanças do espaço vivido nas: edificações, ruas, calçadas, hábitos, tradições, praças, entre outros espaços de memória. (MHR, 2004, p. 3).

A atividade “Excursão histórico-cultural” oferecia em complemento à exposição, a oportunidade de o visitante conhecer *in loco* o patrimônio edificado, possibilitando o conhecimento das “[...] condições do patrimônio histórico-cultural do município de Passo Fundo[...]” (MHR, 2004, p.1) no que tange a conservação da estrutura física do bem patrimonial. A excursão ocorria após a visita à exposição, com o seguinte roteiro: saída do Museu Histórico Regional, Chafariz da Mãe Preta, Casa Barão, Instituto Educacional de Passo Fundo, Praça da Mãe, Casa Gabriel Bastos, Praça Tamandaré e Igreja Matriz, Hospital São Vicente de Paulo, Prédio Doce Mania (antigo Hotel Internacional), Antigo Hotel Avenida, Igreja Metodista, Banco Itaú (Antigo Banco da Província), Turis Hotel, Clube Caixerai, Praça Marechal Floriano, Catedral, Gare da viação férrea, Antigo Hotel Glória e Hotel Nacional, Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves e Praça Tochetto, Ponte sobre o Rio Passo Fundo, Hospital da Cidade, Busto de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Casa das Irmãs Dipp, retornando ao MHR, ponto de partida da excursão (Figura 30) (MHR, 2004).

Figura 30 - Trajeto da Excursão Histórico Cultural em Passo Fundo



Fonte: Arquiteto Ivan C. Grando; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Ao proporcionar um contato direto com o patrimônio *in situ*, a atividade tinha o mérito de sensibilizar o visitante da exposição, potencializando processos de aprendizagem da história da cidade e de preservação patrimonial. É necessário salientar, no entanto, que a despeito dessa ação educativa e de outras desenvolvidas pelo Museu, os bens visitados terão sempre ressonância²⁴ restrita, pois constituem referências da memória de determinados grupos sociais. E ainda que tenham essa pretensão, esses bens não são representativos de uma história local que diz respeito a todos.

Eram objetivos específicos da exposição:

- 4.2.1. Identificar o patrimônio histórico-cultural, e através dele, no espaço urbano da cidade de Passo Fundo, o processo histórico constitutivo do município e da diversidade sociocultural dos grupos que o constituíram e constituem;
- 4.2.2. Reconhecer a(s) identidade(s) dos grupos sociais como agentes da construção e/ou transformação do ambiente sociocultural da cidade;
- 4.2.3. Identificar e divulgar as políticas públicas e as iniciativas privadas de preservação do patrimônio histórico-cultural, frente à desenfreada modernização do espaço urbano em Passo Fundo;

²⁴ "Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante." (GREENBLATT, 1991, p. 42-56).

4.2.4. Oferecer à comunidade uma exposição histórica que demonstre e elucide o processo histórico da cidade de Passo Fundo através do patrimônio histórico-cultural;

4.2.5. Planejar e propor um roteiro de excursão monitorada no espaço urbano da cidade de Passo Fundo, visando o reconhecimento do patrimônio histórico-cultural, o processo de formação da cidade pelos deslocamentos espaciais e as transformações da arquitetura urbana;

4.2.6. Oferecer à comunidade passo-fundense e regional sessão de slides, videodocumentário relativos à história e ao patrimônio histórico-cultural da cidade de Passo Fundo;

4.2.7. Promover campanhas de doação e/ou empréstimos de objetos de memória referentes ao município de Passo Fundo; bem como palestras sobre “Guarda e Conservação de Documentação e/ou Objetos de memória”. (MHR, 2004, p.3).

Percebe-se que se pretendia “contar” a história da cidade por meio dos bens patrimoniais edificados, conforme expresso nos objetivos 4.2.1 e 4.2.5. Desse modo, possibilitar uma consciência crítica acerca de sua preservação (objetivo 4.2.3), além de verificar as representações de tais edificações em relação à(s) identidade(s) e a quais grupos sociais estão ligadas (objetivo 4.2.4.).

Somado a isso, se verifica a intenção da exposição de mostrar as ações dos “[...] grupos sociais que atuaram e atuam na construção e/ou transformação do ambiente [...]” (MHR,2004). Mas, analisando o texto de monitoria, bem como o roteiro da “Excursão histórico-cultural”, se nota que apenas um dos monumentos mencionados referem-se aos negros e aos indígenas. O monumento “Chafariz da Mãe Preta” faz referência à lenda da Mãe, tanto indígena, quanto negra, que fica inconsolável após seu filho fugir. Mariana recebe a visita do Menino Jesus dizendo que seu filho já está junto ao Pai. Assim, a mãe pede que de suas lágrimas brote uma fonte de água e, quem dela beber nunca saia da cidade. Os demais monumentos e edificações apresentadas, tanto na exposição, quanto na excursão apresentam personagens de uma elite política e econômica de Passo Fundo, colocando-os como agentes transformadores da cidade.

No primeiro módulo expositivo, 1857 a 1900, a cidade é apresentada “ [...] sem desenvolvimento próspero, devido ao isolamento de Passo Fundo em relação a outras regiões” (MHR, 2004, p.1). Somado a isso, a Revolução Federalista que perdurou de 1893 a 1895, tendo diversos embates em Passo Fundo e contingente importante de soldados na guerra, contribuiu, segundo a pesquisa da exposição, para essa dificuldade, nesse período, de crescimento da cidade. As fotografias expostas que se referem a esse período, mostram um núcleo urbano pequeno, com poucas casas de comércio, indústrias em número diminuto, arruamento sem calçamento, localizado na

região do Boqueirão, área localizada no início do perímetro da cidade, por onde chegavam as tropas (Figuras 31 e 32). (MHR, 2004, p.1).

Figura 31 - Vista da área central da cidade por volta de 1914



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Figura 32- Rua do Comércio em 1915, atual Av. Brasil. Aspectos da iluminação



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

O texto de monitoria sugere que seja

[...] possível iniciar a narrativa histórica com as fotos da rua do Comércio e do Boqueirão, pois através delas a imaginação do visitante é remetida ao período histórico de Passo Fundo antes mesmo de sua emancipação, ainda

em estado de vila, mesmo que as fotos tenham datas de 1900 a 1914. A monitoria neste momento inicial traz à lembrança do tempo em que Passo Fundo era basicamente uma “terra de passagem”, com pouco desenvolvimento urbano, contando com apenas poucas vendas de comércio e indústrias (quase nenhuma). Pequenos detalhes devem ser mencionados, como os lampiões que serviam de luminárias na rua do comércio, sendo muito pouco iluminada, em torno de 20 lampiões. Provavelmente, onde encontramos hoje o centro da cidade, não havia calçamento e a atual Avenida Brasil era puro barro, com animais de carga andando por suas ruas (MHR, 2004, p.6).

Para retratar esse período de Passo Fundo, a exposição utilizou fotografias datadas da década de 1900, posteriores, portanto, ao período de 1857 a 1900 do módulo expositivo. Além das fotografias anteriores conduzem a narrativa expositiva, a apresentação das fotografias da Casa Gabriel Bastos (Figura 33). Segundo a pesquisa histórica e texto de monitoria, a Casa Gabriel Bastos foi

construída em 1880, na Avenida Brasil esquina com a 15 de Novembro. Gabriel Bastos instalou-se na cidade em 1885, ocupando a casa como residência para ele e sua família, e fazendo funcionar um estabelecimento comercial, de acordo com Delma Rosendo Gehm, uma farmácia. (MHR, 2004, p.1).

Figura 33- Vista da Avenida Brasil, na década de 1930 e Casa Gabriel Bastos





Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Além de servir como residência para a família Bastos e casa comercial, a edificação foi a sede do primeiro Banco de Passo Fundo. A instituição foi fundada em 1927 com a nomenclatura de Banco Popular. Entretanto, após a exposição de 2004, o prédio foi derrubado.

A verticalização do centro também é um referencial de identidade, mais forte do que o próprio patrimônio histórico, e mais lucrativo. A Casa Gabriel Bastos não era legalmente tombada. A lei aprovada pelo Executivo Municipal “declara bem integrante do patrimônio histórico-cultural do município, para fins de tombamento, o imóvel onde funcionou o banco Popular, localizado na avenida Brasil nº 695, esquina com a rua XV de Novembro.”²⁵. Isso facilitou a venda e derrubada da edificação para a construção de mais um arranha-céu (KNACK, 2012, p. 25-26).

Em relação aos objetos tridimensionais desse módulo da exposição, há a lanterna da estação ferroviária (Figura 34) em alusão ao papel importante da ferrovia para o desenvolvimento da cidade, bem como a participação dos ferroviários no funcionamento da via férrea. Importante ressaltar que a vitrine não ficava próxima ao display. Aliás, a expografia apresenta a separação entre fotografias e objetos, não estando no mesmo campo visual.

²⁵ Lei nº 3.911, de 10 de junho de 2002. (Câmara de Vereadores de Passo Fundo.)

Figura 34- Lanterna ferroviária era usada para sinalizar as paradas dos trens na estação ferroviária



Fonte: Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

O módulo seguinte, 1900 a 1954, como já mencionado, trata da reconfiguração urbana a partir da instalação da estrada de ferro e de como foi se dando o processo de desenvolvimento de Passo Fundo. Temos esse processo de desenvolvimento da cidade representado pelas fotografias das edificações construídas nesse período. Mas, tais prédios além de demonstrarem “[...] a expansão urbana da cidade, representam seu desenvolvimento nas esferas políticas, sociais, econômicas e culturais.” (MHR, 2004, p.3).

A narrativa segue expondo a edificação que atualmente abriga o Teatro Municipal Múcio de Castro e a fotografia da década de 1910 do prédio da Intendência Municipal (Figura 35). As legendas das fotografias na exposição assinalam que

O prédio foi construído entre 1883 e 1889, servindo como sede do Clube Dramático Passo - Fundense. Abrigou também uma escola e o Poder Judiciário entre 1929 a 1933. Depois foi a sede do Legislativo e da Câmara Municipal. Depois de 1989 abriga o Teatro Municipal Múcio de Castro, hoje parte do Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto. [...] Inaugurado em 1911 para abrigar a Intendência Municipal, em 1930 torna-se Prefeitura Municipal. Em 1976 o prédio passa a abrigar o Museu Histórico Cultural, em 1996 o Museu Histórico Regional e o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, em 2004 passou a fazer parte do Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto (MHR, 2004, p.4).

Importante pontuar que mesmo tendo o período de construção da edificação na década de 1880, período que corresponde ao módulo 1 da exposição, o texto de monitoria aponta

Algumas das mais sofisticadas construções da cidade no início do século XX eram os prédios da Intendência Municipal, o prédio do poder Judiciário e o prédio que abrigava o Clube Pinheiro Machado uma instituição de cunho político que reunia algumas das autoridades da época; estes são os prédios atuais do Centro Cultural Roseli Doleski Preto. Estas construções datam do início de 1900, mas seus significados político e econômico ainda estão ligados a meados da década de 1890. Além de estarem situados as margens de um ponto importante da antiga Rua do Comércio, seus próprios nomes já falam por eles, como “Intendência Municipal”, ou “Clube Pinheiro Machado”, o prédio do atual teatro Múcio de Castro começou a ser construído em 1883. (MHR, 2004, p.7).

Figura 35- Prédios que atualmente abrigam o Teatro Múcio de Castro e os Museus Histórico Regional e de Artes Visuais Ruth Schneider



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

A narrativa expositiva segue, conforme trecho do texto de monitoria acima, com o prédio que atualmente abriga a Academia Passo-fundense de Letras (Figura 36).

Figura 36 - Prédio que atualmente abriga a Academia Passo-fundense de Letras



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Essas edificações representam a movimentação de novas ideias, “[...] pois com a circulação de pessoas no município, circulavam também as informações, as ideias, dando uma vida cultural mais ampla na cidade [...]” (MHR, 2004, p. 10/11). “A cultura será um dos setores que será beneficiado com as instituições” (MHR, 2004, p. 11).

Os objetos tridimensionais que representam esse período materializam a modernização do espaço urbano, para além das edificações, como o isolador de luz elétrica. Ainda, a lousa que representa a educação que começava a despontar na cidade como um dos serviços essenciais. Prova disso, seria a inauguração da primeira escola pública em 1911, o Colégio Elementar, que na década de 1920 recebera recursos estaduais para construção de nova sede. Atualmente, se chama Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves, sendo uma das maiores escolas de Passo Fundo. Além disso, outras instituições de ensino foram inauguradas nas primeiras décadas de 1900: “Escola Nossa Senhora da Conceição”, atualmente Colégio Marista

Conceição e “Instituto Ginásial”, atualmente Instituto Educacional. Em relação a essas instituições na expografia, não temos fotografias da sala expositiva que contemplam as mesmas. Entretanto, por serem citadas na pesquisa histórica, texto de monitoria, relação de objetos expostos se pode supor que estavam também representadas na sala expositiva por fotografias.

Figura 37- Campainha de mesa, isolador de luz elétrica e lousa



Fonte: Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

O Colégio Conceição e o Instituto Educacional, que na exposição estavam representados por fotografias, são representantes de ideias que seguem uma determinada confissão religiosa. Em relação à influência da Igreja Nossa Senhora da Conceição Aparecida (Figura 38) “[...] na sociedade passo fundense sempre foi grande, através da orientação religiosa, esteve presente na construção do hospital São Vicente de Paulo e no colégio marista Conceição.” (MHR, 2004, p. 9). Assim, o Colégio Conceição é regido e administrado por líderes da religião católica e o Instituto Educacional pelos representantes da religião metodista, sendo que os dois grupos são bastante atuantes nas questões políticas que envolvem Passo Fundo. Vale ressaltar que a imponente sede do Instituto Ginásial, na época, foi construída no Boqueirão, pois antes funcionava atrás da Igreja Metodista (idem, p.8).

Apesar de construído no Boqueirão, o desenvolvimento da educação em Passo Fundo também está atrelado ao significado histórico do trem, pois este setor ampliou-se apenas depois de lançadas as bases para um efetivo avanço econômico. A escola “Nossa Senhora da Conceição” (futuro Conceição), construída na rua Teixeira Soares, em 1928, é outro exemplo dos avanços na área da educação no município, pois é do Consorcio Universitário Católico (a faculdade de filosofia, nas dependências da escola), e da Sociedade Pró Universitária, que a Universidade de Passo Fundo se origina. (MHR, 2004, p.8).

Figura 38 - Igreja Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Figura 39 – Avenida Brasil em frente à Igreja Metodista



Fonte: Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Na sequência expositiva, as fotografias do Hotel Internacional (Figura 40) e da Gare da Viação Férrea (figura 41) reforçam a ideia de que a instalação da estrada de ferro, em 1898, inicia o processo de desenvolvimento de Passo Fundo, pois

Ainda dentro das transformações sócio-políticas e econômicas de Passo Fundo neste singular momento da história ocorrido em função da Viação Férrea, podemos destacar um forte desenvolvimento comercial [...] entre outras alterações, podemos citar a construção de hotéis, novas casa comercias e até a instalação de um banco, devido ao avanço econômico do período (MHR, 2004, p.10-11).

Figura 40- Hotel Internacional



Fonte: Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Figura 41- Gare da Via Férrea



Fonte: Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

A própria GARE da viação férrea passará por alterações, sendo ampliada

De início, a estação ficava isolada em um largo espaço, na sua frente estava o velho cemitério público (demolido pouco depois e os restos mortais foram transferidos para o atual cemitério da Vera Cruz, este começou a servir em 1902) e a igreja matriz, local da atual catedral (MHR, 2004, p. 10-11).

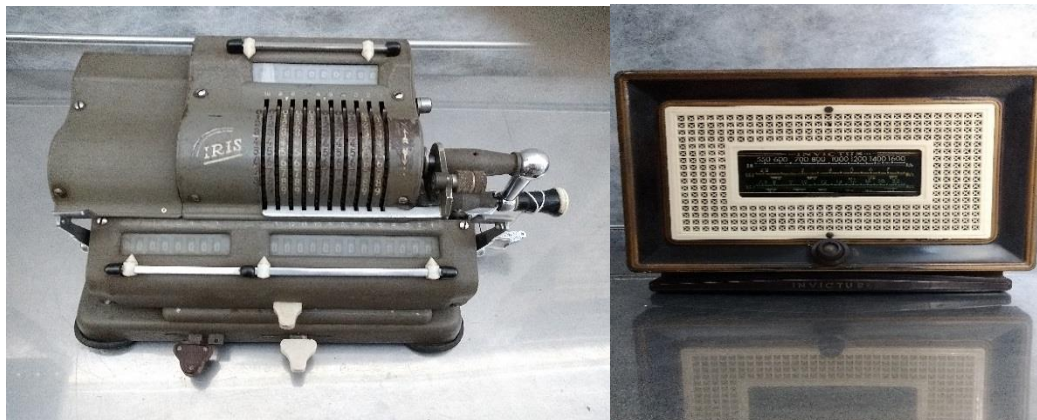
Nesse sentido, a exposição apresenta uma reconfiguração do espaço urbano, uma vez que se transfere o cemitério público municipal de local, para se permitir a ampliação e modernização da estação ferroviária. Além disso,

[...] em 1912, o Banco da Província do Rio Grande do Sul S/A, instala-se em Passo Fundo, na AV. Brasil (na época rua do Comercio), esquina com a rua 10 de abril. Com a economia em constante crescimento, em 1922, o Banco da Província constrói uma sede própria [...] (MHR, 2004, p.4).

Com a mudança de sede, novamente o eixo de desenvolvimento da cidade se muda do Boqueirão para as imediações da estrada de ferro, uma vez que a mesma se localiza na Rua Moron, distante três quadras da Gare.

Os objetos que se somam às fotografias na materialização desse período são o estojo de primeiros socorros, máquina de calcular, rádio invictus (Figura 42) e Mapa do 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de 1953, Mapa do atual (2004) PDDU e o caderno com a proposta do PDDU.

Figura 42- Máquina de calcular e rádio invictus



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

É necessário pontuar que quatro fotografias são mencionadas no texto de monitoria, na relação de acervo exposto, nas legendas colocadas na exposição, mas não aparecem junto às disponíveis na sala de exposição. Provavelmente, não foram feitas fotos do ângulo da sala, no qual estavam expostas.

Ao aplicar-se as dimensões de análise (MENESES, 2003) na documentação a que se teve acesso, se percebe que a cidade-artefato é construída, principalmente, pela instalação da estrada de ferro. Segundo texto do Museu:

Seria um argumento precipitado afirmar que a causa deste desenvolvimento foi unicamente o advento da estrada de ferro no município, obviamente outros fatores devem ser levados em consideração. Sugerimos a chegada do trem apenas como uma referência de um processo mais amplo, abrindo as portas da cidade a um avanço em toda a sua estrutura (MHR, 2004, p. 5).

Desse modo, a chegada do trem à cidade apresenta-se como um dos fatores estruturantes do desenvolvimento e de reconfiguração urbana. Os atores envolvidos nesse processo de instalação da ferrovia, particularmente engenheiros e políticos, são identificados como protagonistas dessa história, e algumas ruas da cidade serão renomeadas para homenageá-los. A partir da construção da via férrea, identificada como uma das molas propulsoras do desenvolvimento econômico e urbano, uma gama de atividades prosperara, fazendo despontar uma elite protagonista da vida econômica, política e cultural da cidade. Esse protagonismo foi reiterado pelas edificações escolhidas para representarem o referido desenvolvimento na exposição.

Assim, adentra-se para a segunda categoria que contempla a cidade como campo de forças (MENESES, 2003). No rol dos protagonistas do desenvolvimento da

cidade, a exposição se silencia em relação aos trabalhadores que atuaram na sua construção, que se dedicaram cotidianamente a erguer edificações e à viação férrea. Lembrando que, como mencionado, é possível que a mediação possa ter dado conta de grupos excluídos, embora não haja documentação a esse respeito.

Também a contraposição entre o antigo e o moderno tematiza a cidade como campo de força na exposição. A cidade precisa se modernizar para se tornar a “Capital do Planalto Médio”, e para isso se reconfigura, destrói e constrói prédios, adota arquiteturas em voga, deixando o antigo para trás.

Dessa forma, tem-se a representação social de uma cidade que busca o desenvolvimento e o progresso a partir, mas não somente, da instalação da estrada de ferro. O eixo de urbanidade que ficava à região do Boqueirão, passa para as imediações da via férrea. Com a circulação de pessoas, novas ideias começam a ser difundidas e diversos setores passam a ser fomentados, como a inauguração do Clube Dramático e do Instituto Histórico que terão suas sedes nas edificações presentes na exposição.

4.2.2 “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político”

A exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político” ficaria, inicialmente, em cartaz de 10 de agosto a 16 de dezembro de 2018, mas teve seu encerramento adiado, ficando aberta ao público até março de 2019. Era parte de um projeto que desenvolveu exposições em torno do Rio Passo Fundo, em três instituições museais: Museu Histórico Regional, Museu de Artes Visuais Ruth Schneider e Museu Zoobotânico Augusto Ruschi (MUZAR).

Com as três exposições, “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político”, “Só mais um”, “Sons do mundo”, com curadoria de Ivana Rocha Tissot e “Percurso poético do rio: terras, cores e nuances” com curadoria de Maria Lucina Busato Bueno se procurou sensibilizar os visitantes sobre a importância de preservação do Rio Passo Fundo, bem como do meio ambiente. As exposições foram realizadas no Campus I da Universidade de Passo Fundo, uma vez que o MHR e o MAVRS compartilham um prédio que à época estava fechado para reforma da parte elétrica.

A elaboração e montagem das exposições, inclusive a apresentada pelo MHR, contou com a participação de estagiários da graduação em História, Ciências Biológicas, Jornalismo, Artes Visuais, além de duas museólogas, uma bióloga e uma Professora do curso de Artes Visuais que se responsabilizaram pela pesquisa histórica, divulgação, produção de materiais de divulgação, seleção de acervo exposto, segundo apontado pelo Projeto da Exposição.

No Museu Zoobotânico Augusto Ruschi da UPF foi apresentada a exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental” cujo propósito era o de evidenciar as transformações que o Rio sofreu e provocou no meio, bem como a importância de preservação deste bem. A exposição possibilitou a compreensão de como o Rio Passo Fundo foi personagem no desenvolvimento da cidade, dando voz aos diferentes grupos sociais que participaram do processo de constituição do município, levando em consideração a interação que tiveram com o rio.

Durante o período em que esteve aberta ao público, a exposição recebeu 5.054 visitantes com procedência, em sua maioria de Passo Fundo e região, conforme aponta relatório anual da instituição. Importante ressaltar que as exposições fazem parte de um projeto que foi contemplado no edital do Programa de apoio ao Patrimônio Cultural Brasileiro da Caixa Econômica Federal, recebendo o valor de R\$ 430.000,00 para a concretização do mesmo.

Figura 43- Cartaz de abertura da exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político”



Fonte: Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Um projeto inovador que contou com as parcerias da Fundação Universidade de Passo Fundo, Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Passo Fundo, Fórum da Agenda 21 local e Projeto Navegar (uma ação desenvolvida pelo Grupo Sentinela dos Pampas e Instituto Estadual Cecy Leite Costa).

Embora o projeto expositivo tenha se subdividido em três instituições, este estudo se concentra na análise da proposta apresentada no MHR, uma vez que a referida instituição é o objeto de estudo deste trabalho. Nesse sentido, de acordo com o Projeto inscrito no edital, a exposição no Museu Histórico Regional

[...] abordará o contexto histórico e social de todo o percurso do Rio Passo Fundo até a foz do Rio Uruguai, mapeando o circuito do patrimônio histórico-cultural, focalizando os personagens (indígenas, espanhóis, tropeiros, milicianos, escravos e imigrantes) que de alguma forma construíram suas histórias nas margens dos 30 municípios abrangidos pela Bacia Hidrográfica (MHR, 2016, p. 1).

Analisando a expografia se verifica que o MHR conseguiu materializar alguns aspectos a que se propôs. O início do percurso expositivo se dava com a exibição de do vídeo Grupos sociais que contribuíram para o desenvolvimento de Passo Fundo (Figura 44), no qual o caboclo, a indígena e o tropeiro se apresentavam para o público. Vale lembrar que no projeto inicial eram mencionados como grupos sociais a serem evidenciados como construtores de suas histórias junto ao Rio Passo Fundo, os “[...] indígenas, espanhóis, tropeiros, milicianos, escravos e imigrantes [...]” (MHR, 2016, p.4). Na animação, os sujeitos que são mostrados aos visitantes são o caboclo, a indígena Kaingang e o tropeiro que fazem referência aos demais grupos sociais mencionados no projeto, conforme observa-se na fala do caboclo dizendo que “[...] Apesar de alguns imigrantes nos tratarem como “inferiores”, quando chegaram na região, eles viram que nossas formas de cultivo funcionavam bem e passaram a utilizá-las” (GRUPOS, 2018). A personagem Kring representa a etnia indígena Kaingang e, diz que,

[...] certo dia começaram a chegar homens brancos, nos disseram que eram imigrantes, que vinham além do mar. O Governo passou a demarcar nossas terras, nos disseram onde da terra devíamos ficar e onde eles deveriam plantar. Fomos aldeados, tivemos que mudar nossos hábitos, antes vivíamos da pesca, da caça e da coleta. Depois tivemos que trabalhar na agricultura e vivermos de forma sedentária, disseram até que tipo de religião devíamos seguir. (GRUPOS, 2018)

Figura 44- Exibição vídeo Grupos sociais que contribuíram para o desenvolvimento de Passo Fundo na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Desse modo, embora a referida exposição tenha dado enfoque aos grupos silenciados nas obras de Oliveira e Gehm, deve-se atentar para o fato de que Passo Fundo foi construída a partir da expropriação de tais grupos. Assim, a proposta de vídeo com três representantes de grupos conflitantes dialogando, mesmo alguns personagens tecendo críticas à outros, amortece o contexto de extrema violência que indígenas e caboclos sofreram, em parte, pelos tropeiros.

Na sequência do roteiro expositivo, os visitantes eram encaminhados para a maquete (Figura 45) que representava “[...] o percurso do Rio Passo Fundo até a foz do Rio Uruguai [...]” (MHR, 2016, p.5).

Figura 45 - Maquete do percurso do rio na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Após a mediação em torno da maquete, mostrando as regiões em que cada grupo social se estabeleceu e se relacionou com o Rio Passo Fundo, os visitantes eram direcionados para computadores que reproduziam entrevistas (Figura 46) com moradores ribeirinhos. Tais imagens e áudios foram captados no início do projeto na etapa intitulada “Expedições de Inventário” que tinha por objetivo mapear a “[...] vivência através do contato direto com as comunidades ribeirinhas, para a troca de informações e inventário de patrimônios culturais e naturais [...]” (MHR, 2016,p.4).

Figura 46- Reprodução das entrevistas com a comunidade ribeirinha na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

A finalização do percurso expositivo no MHR era a apresentação de fotografias do Rio Passo Fundo ao longo do tempo (Figuras 47 e 48). Tais documentos evidenciavam como o ser humano foi interagindo com o Rio. Além disso, foram expostas fotografias das expedições realizadas aos municípios banhados pela Bacia Hidrográfica do Rio Passo Fundo, bem como demais etapas do projeto.

Figura 47- Sala “Memórias são gotas do tempo” na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Figura 48- Sala “Memórias são gotas do tempo” na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político”



Fonte: Autor desconhecido; Acervo MHR; - Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade Passo Fundo.

Ao deslocar a perspectiva do olhar da Ferrovia para o Rio, a exposição de 2018, diferentemente daquela de 2004, traz à cena grupos sociais e étnicos comumente silenciados na história de Passo Fundo. A cidade como artefato e como campo de forças. Por meio de fotografias e animação, indígenas, caboclos, tropeiros são representados como construtores da história da cidade. Entretanto, a mostra ameniza a relação de conflitos dos referidos grupos, passando a ideia de aceitação da submissão de determinados grupos em relação a outros.

Alguns grupos, como afrodescendentes e imigrantes europeus, embora não apareçam no vídeo, são mencionados nos diálogos dos três personagens – a indígena, o caboclo e o tropeiro. Vale destacar ainda a presença de uma mulher – a

indígena – representante comumente esquecida nas narrativas expositivas e historiográficas da cidade. Portanto, Passo Fundo é construída a muitas mãos, diversos sujeitos construirão a cidade. Sujeitos esses que são indígenas, caboclos, tropeiros, afrodescendentes e imigrantes.

Assim, tem-se uma exposição que coloca o processo de desenvolvimento da cidade ao redor e possibilitado pelo Rio Passo Fundo. Os agentes que moveram a máquina do tempo e, conseqüentemente, da História, não são apenas os brancos, letrados, civilizados, mas os grupos sociais que ficam tradicionalmente à margem das versões da historiografia da primeira fase de autores. O reconhecimento e inserção desses grupos marginalizados na narrativa expositiva é de extrema importância, pois possibilita a visualização geral dos construtores da cidade. Entretanto, a exposição opta por uma narrativa que apresenta relações sociais harmoniosas, e não explora os conflitos entre esses atores e a violência à qual grupos marginalizados foram submetidos. Essa nova perspectiva da dimensão material da cidade, envolvendo novos atores tencionam, obviamente, o seu campo de forças. Os embates se darão entre esses grupos que lutam para defender seus territórios. Ainda, o conflito entre o antigo e o moderno está presente na exposição, em relação à aplicação de técnicas para a exploração humana do território. Isso é importante, devido à temática central da exposição ser um recurso natural: o Rio Passo Fundo. Essa tensão, entre indígenas e imigrantes, é melhor percebida, conforme fala de Krig no vídeo que abre a exposição.

[...] Certo dia começaram a chegar homens brancos, nos disseram que eram imigrantes, que vinham além do mar. O governo passou a demarcar nossas terras, disseram onde da terra devíamos ficar e onde eles deveriam ficar. Fomos aldeados, tivemos que mudar nossos hábitos, antes vivíamos da pesca, da caça e da coleta. Depois tivemos que trabalhar na agricultura e vivermos de forma sedentária, disseram até que tipo de religião devíamos seguir [...] (GRUPOS, 2018).

Na perspectiva da representação social, a exposição apresenta a imagem de uma cidade de passagem. Caminho utilizado pelos Tropeiros em direção a Sorocaba-SP, era parada de pouso, por ter um rio que fornecia água para animais e condutores. O Rio é abordado como personagem principal da construção não apenas da cidade mas da região. Há uma inovação da abordagem analítica, tanto por associar o

patrimônio ambiental e natural ao urbano, quanto por ampliar a representatividade dos atores sociais, fato extremamente importante para a relação museu e comunidade.

Entretanto, se fazem necessárias algumas ressalvas. Ao difundir um imaginário de terra de passagem, a narrativa deixa de lado o fato de que o início do núcleo urbano se dá distante do rio, uma vez que Cabo Neves instala sua fazenda pastoril e escravocrata, na região que atualmente abriga a Praça Tamandaré, ou seja, distante aproximadamente dois km do rio. Somado a isso, a inserção dos grupos sociais invisibilizados pela historiografia de Passo Fundo da primeira fase de autores, é importante, mas deveria ter sido abordada com maior criticidade pela exposição, considerando que a cidade é também um campo de forças, lugar de tensões, conflitos e mesmo violência.

4.3 ESPELHAR OU PENSAR: AS EXPOSIÇÕES CONFRONTADAS COM A HISTORIOGRAFIA

A exposição é uma das formas mais comuns de comunicação do acervo de um museu, sendo que a

[...] exposição verdadeiramente histórica é aquela em que a comunicação dos documentos, por sua seleção e agenciamento, permite encaminhar inferências sobre o passado- ou melhor, sobre a dinâmica- da sociedade, sob aspectos delimitados, que conviria bem definir, a partir de problemas históricos (MENESES, 1994, p. 39).

Ao estudar as exposições “Município, História(as) e Patrimônio(os)” de 2004 e “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político” de 2018 buscou-se observar se são narrativas que ofereceram ao público visitante uma problemática histórica, possibilitando questionamentos e a construção de uma consciência crítica acerca do processo de desenvolvimento da sociedade. Uma narrativa expositiva que estimula questionamentos permite ao visitante tornar-se protagonista dos conhecimentos mediados pela exposição, em substituição ao modelo clássico de um receptor passivo de mensagens expositivas caracterizadas pela doutrinação. Desse modo, o conjunto de documentos expostos permitem a fluidez de entendimentos, não sendo estanque e alienador.

A exposição “Município, História(as) e Patrimônio(os)” apresenta como temática as condições do patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo, bem como as políticas públicas e iniciativas privadas que visavam à preservação do mesmo e a importância de preservação de tais patrimônios por representarem aspectos identitários da cidade e dos munícipes. A exposição elege o patrimônio e busca abordá-lo em seus diferentes aspectos. Ademais, uma das atividades complementares à exposição, a Excursão Histórico-Cultural coloca os visitantes defronte à edificação em seu contexto original, permitindo uma interação direta entre o público e o bem cultural.

Na exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político” a temática abordada é a interação dos diferentes grupos sociais com o Rio Passo Fundo e de como essa relação possibilitou o desenvolvimento do município e região. Elegendo o patrimônio ambiental como protagonista da exposição, se tem uma perspectiva inovadora para análise e discussão da identidade da cidade, além de possibilitar a visibilidade de grupos sociais anteriormente silenciados.

Se as indagações partem do presente são as fontes produzidas no passado que irão contextualizar a narrativa. Assim, é importante se confrontar a narrativa expositiva com a historiografia de Passo Fundo, produzida em sua primeira fase, buscando reconhecer convergências e diferenças na abordagem.

A obra de Antonino Xavier e Oliveira, como mencionado no capítulo 2, coloca o “homem civilizado branco” (colonizadores, jesuítas, imigrantes, enfim sujeitos pertencentes a uma elite econômica, política e intelectual) como responsáveis pelo processo de desenvolvimento da cidade. Ainda, enfatiza que os Jesuítas foram os responsáveis pela salvação de indígenas que cometiam atrocidades no território (OLIVEIRA, 1990a). Na exposição de 2004 todas as fotografias expostas, de residências ou instituições, fazem referência a homens brancos civilizados, sejam imigrantes, políticos, religiosos, militares, entre outros, como nos casos das fotos da “[...] Vista da Av. Brasil na década de 30, destacando-se o prédio de Gabriel Bastos que localiza-se na Av. Brasil esquina com rua 15 de Novembro e Foto atual do prédio de Gabriel Bastos” (MHR, 2004, p.03), no segundo display. O texto conduz uma leitura da imagem que privilegia a residência de Gabriel Bastos, homem integrante da elite política e econômica de Passo Fundo, que participou ativamente da política da cidade, foi Intendente, Conselheiro Municipal e fundou o primeiro banco de Passo Fundo, o Banco Popular.

Entretanto, a casa foi derrubada anos após a apresentação da exposição no MHR.

Em KNACK, 2011, foi demonstrado que muitos bens patrimoniais de Passo Fundo enfrentam descaso e abandono, inclusive o próprio patrimônio histórico-arquitetônico que remete às experiências das elites políticas locais, como o caso da derrubada da Casa Gabriel Bastos (prócer do PRR passo-fundense), edificação que era indicada para ser tombada como patrimônio municipal, para dar lugar a mais um arranha-céu. (KNACK, 2016, p.387).

Assim, embora fosse uma edificação que carregava os sentidos de uma materialidade acerca da política e economia da cidade e de representação de uma figura “ilustre”, não foi preservada pelo poder público, uma vez que não foi efetivado o processo de tombamento, tendo sido derrubada para que um prédio fosse construído em seu lugar. Desse modo, se verifica que a cidade está em constante reconfiguração e que edificações históricas são preteridas pelos “arranha-céus”, ao prédio de diversos andares.

No caso das fotografias do sétimo display, que mostram a “Esquina da rua Moron com a Bento Gonçalves, à direita, tem-se a vista parcial do Banco da Província 1928 e Banco Itaú, na década de 90” (MHR, 2004, p.3), novamente se tem uma referência à memória econômica da cidade. Entretanto, o prédio permanece preservado, na área central de Passo Fundo abrigando, ainda, uma instituição bancária.

Ao expor a lanterna utilizada para a sinalização na via férrea se insere os operários, ainda que timidamente, na narrativa expositiva. Já a máquina de calcular e a lousa, também funcionam como representativos do universo material de grupos dominantes, uma vez que referenciam os serviços a que poucos tinham acesso: casas bancárias e educação. Além disso, está intrínseco na exibição desses objetos a imagem de que Passo Fundo vai se tornando, cada vez mais, uma cidade referência na prestação de serviços, principalmente na área da educação, se afirmando como a “Capital do Planalto Médio”.

Entretanto, é necessário observar que as exposições sempre se complementam com ações educativas, uma vez que o público, em sua maioria, ainda encontra barreiras para compreender a exposição como uma convenção visual. Afinal, a exposição tem o caráter de uma “[...] convenção visual, organização de objetos para produção de sentido” (MENESES, 1994, p. 22). Não é raro que a mediação com o público busque suprir lacunas, estabelecer questionamentos que a própria narrativa

expositiva não apresenta. Dessa forma, é possível que no caso dessa exposição, a mediação tenha abordado atores invisibilizados na história narrada da cidade, bem como oportunizado a troca de conhecimentos com o visitante. A Excursão Histórico-Cultural, ação complementar à exposição, pode ter sido uma experiência que possibilitou ampliar as abordagens da exposição. Mas é preciso salientar que a própria exposição é uma mediação, sendo assim autossuficiente. Dessa forma, o que está exposto, da forma como está exposto precisa mediar a mensagem à qual se propõe.

Confrontando os módulos iniciais das expografias, tanto da exposição de 2004 quanto a de 2018, com a historiografia de Oliveira e de Gehm pode-se perceber que existe um questionamento acerca de quais grupos sociais participaram do processo de desenvolvimento da cidade. Na animação da exposição de 2018 há uma diversidade de atores históricos, que são abordados como protagonistas de tal processo e como tal inseridos em uma trama de relações conflituosas, sobretudo quando se trata, do imigrante em relação ao caboclo ou do indígena em relação ao Jesuíta. Fato esse que contraria a historiografia, pois as matas do que atualmente é Passo Fundo eram, segundo Oliveira, “[...] infestadas de índios bravios e traiçoeiros.”, sendo necessário civilizá-los ou mesmo exterminá-los. Na visão do autor, os Jesuítas seriam “[...] os civilizadores de seus aborígenes.” (OLIVEIRA, 1990a, p. 68). Gehm segue a mesma linha em seus dois primeiros volumes colocando os indígenas em lugar de submissão aos homens brancos que “[...] trouxeram a civilização e as luzes do cristianismo às tribos selvagens.” (GEHM, 1978, p. 9).

A expografia da exposição de 2004 foi elaborada tendo por base o desenvolvimento da cidade compreendido pela chave do “progresso”, como processo evolutivo, no qual cada etapa representa um avanço em relação à anterior. Ao iniciar o percurso com duas fotografias da cidade da década de 1910 já se pode perceber o processo de desenvolvimento de Passo Fundo, uma vez que a primeira fotografia apresenta uma cidade ainda sem luz elétrica e, na sequência, a imagem de uma Avenida do Comércio, atual Avenida Brasil, já com postes de iluminação elétrica na via pública.

Eram os lampiões que estavam desaparecendo e a luz elétrica começava a iluminar, trazendo bem-estar a uma população que crescia avançando para a nascente. Nessa mesma época eram construídos mais dois transformadores e neles instalados o controle elétrico da cidade[...] A cidade crescia e a energia elétrica, já na década de 1930, era insuficiente[...]o progresso desafiará. (GEHM, 1982, p. 147).

O progresso representado pela chegada da eletricidade na cidade vai ser materializado com a exposição do isolador de luz, que integra o acervo do MHR. Por meio do acervo, a exposição vai contando como a chegada da iluminação elétrica possibilitou que a cidade fosse trilhando o caminho do moderno, uma vez que “[...] o objeto aparece fundamentalmente como suporte de significações que a própria exposição propõe” (MENESES, 1994, p.24).

Aliás, as fotografias das edificações também dão conta de que a arquitetura dos prédios seguiu a tendência em voga no momento em que eram construídas, representando assim a necessidade de compor visualmente o poder e a grandeza do município. Necessário atentar que “[...] a arquitetura impõe, geralmente com fachadas e volumes, sua presença em um espaço público, a uma comunidade que não escolheu se quer ou não apreciá-la” (FIORE, 2005). Pontua ainda que tais edificações acabam por serem “objetos arquitetônicos” e que o lugar em que foram construídos interferem diretamente na sua imagem e no seu entorno, bem como ocorre também o movimento contrário de influência (FIORE, 2005). Desse modo, tem-se na exposição prédios que versam sobre o desenvolvimento da área central da cidade, sendo a Avenida Brasil (antiga Rua das Tropas e do Comércio) espinha dorsal do núcleo urbano, conforme pontua Oliveira, autor utilizado neste estudo para analisar as exposições:

A principal rua, que é a do Comércio, conta para mais de 150 prédios, formando uma bonita avenida de 54 metros de largura média, arborizada em grande extensão com dois renques de plátanos, cinamomos, erva-mate e outras árvores. Essa rua tem um desenvolvimento de cerca de 1.500 metros (OLIVEIRA, 1990b, p 102).

Outro marco que aponta o progresso da cidade é a instalação da estrada de ferro em 1898. Na exposição “Município, Histórias e Patrimônio” será materializada pelas fotografias da Estação Férrea da Gare e do Hotel Internacional construído junto à mesma, demonstrando como diferentes atividades econômicas surgiram em Passo Fundo em decorrência da chegada do trem.

Somado às fotografias, a sinaleira da Viação férrea também materializa esse imaginário progressista na exposição. Esse imaginário progressista, representado pela estrada de ferro, luz elétrica e desenvolvimento de novas atividades econômicas na cidade, está expresso nos escritos de Gehm, para quem a ferrovia “[...] foi um

acontecimento por deveras auspicioso, pois dava à cidade foro de civilização e progresso” (GEHM, 1978, p. 61). Ainda assinala que

Com a chegada da estrada de ferro, em 1898, o progresso se acentuou. O serviço telegráfico foi instituído em 1889, o telefone em 1909, o serviço de eletricidade, ou seja, força e luz em 1913. O fornecimento de água, por meio de poços semi-surgentes, foi desenvolvido no decênio de 1930-1938 e o de captação fluvial, em 1950, ano esse que teve início a construção da rede de esgotos. O calçamento das ruas e praças, iniciado no período administrativo de 1924, pelo então Intendente Armando Araújo Annes, tem continuado em ritmo acelerado em face do progresso sócio-econômico do Município, tendo o mesmo Intendente, no período de 1949-1952 [...] iniciado a pavimentação asfáltica (GEHM, 1982, p. 23).

Em relação à inauguração da estrada de ferro, Oliveira assinala:

A inauguração da linha em Passo Fundo, constituiu acontecimento inolvidável, sendo motivo de grandes expansões de júbilo, nela tomando parte, vindos pelo trem inaugural, representantes e empreiteiros da Companhia Construtora, altos funcionários e visitantes afluídos de vários pontos, e seguindo-se lauto banquete, servido no depósito de locomotivas e no qual se fizeram ouvir oradores quer da cidade, quer dentre aqueles (OLIVEIRA, 1990b, p.325-326).

A exposição apresenta a estrada de ferro como um dos fatores principais para o processo de desenvolvimento de Passo Fundo, responsável pela reorganização do espaço urbano da cidade.

Conseqüentemente, em ambas as obras historiográficas analisadas, os protagonistas da construção desta “cidade artefato” são identificados com os responsáveis pela implantação da ferrovia. Oliveira reserva espaço na obra “Terra dos Pinheirões”, de 1927, para homenagem a “Dr. Marcelino Ramos da Silva, Engenheiro chefe da comissão de estudos definitivos da estrada de ferro de São Paulo ao Rio Grande.” (OLIVEIRA, 1990b, p. 175). A fotografia do Engenheiro é publicada em meia página, tendo destaque em relação aos outros três homens que participam da seção intitulada “Os que cooperaram para o conhecimento da Terra e seu passado” (OLIVEIRA, 1990b, p.175).

É necessária uma nova estrutura física para abrigar a sede do poder executivo, novamente atrelando a construção ao progresso da cidade. A Intendência Municipal na data de

[...] 25 de julho de 1911 era festivamente inaugurada com foguetórios, hasteamento do Pavilhão Nacional e do Estado, presença das escolas da

época (Colégio Elementar recentemente instalado), figuras de projeção do Partido Republicano e Federalista, Juízes e povo em geral. O Intendente, Cel. Gervásio Lucas Annes, usando da palavra, afirmou que Passo Fundo despertava para uma nova era do progresso e cultura (novas escolas eram criadas pelo município) (GEHM, 1982, p. 53-154).

A narrativa expositiva segue o mesmo roteiro evidenciado pelo trecho acima. Juntamente com a fotografia do prédio da Intendência Municipal, tem-se a fotografia do prédio que

[...] foi construído entre 1883 a 1889, servindo como sede do Clube Dramático Passo - Fundense. Abrigou também uma escola e o Poder Judiciário entre 1929 a 1933. Depois foi a sede do Legislativo e da Câmara Municipal. Depois de 1989 abriga o Teatro Municipal Múcio de Castro, hoje parte do Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto. (MHR, 2004, p. 5).

Na sequência, a imagem do prédio que foi

Construído em 1915 na Avenida Brasil, o prédio abrigava o “Clube Pinheiro Machado” (Instituição Político-Partidária Republicana). Alguns anos depois, passou a abrigar a Biblioteca Pública Municipal e o Instituto Histórico e Geográfico. Em 1960 recebe a Academia Passo-Fundense de Letras. Passou a fazer parte do espaço Cultural Roseli Doleski Pretto – 2004 (MHR, 2004, p. 6).

As edificações representam a circulação de novas ideias e como essas transformavam Passo Fundo, também em um centro cultural. Além disso, as inaugurações do Colégio Nossa Senhora da Conceição e Instituto Gynasial, materializados na exposição por imagens de suas sedes e pela lousa, utilizada para anotações (uma vez que não se tinha caderno) vão ao encontro da afirmação do Intendente Gervásio, citado acima por Gehm, na qual coloca progresso e cultura lado a lado.

São exibidas ainda duas fotografias dos templos religiosos das confissões que são responsáveis pelo Colégio Nossa Senhora da Conceição e Instituto Gynasial: a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, da religião Católica e a Igreja Metodista, templo da religião de mesmo nome, respectivamente.

As fotografias de hotéis, indústrias, bancos e hospitais, bem como a máquina de calcular, o estojo médico são representativos de como a cidade vai alcançando esse patamar de capital regional por meio da prestação de serviços. O progresso, potencializado pela instalação da estrada de ferro, vai se consolidando e credenciando

Passo Fundo para tal título. Claro, outros fatores também concorreram para a formação do imaginário Passo-fundense em torno da “Capital do Planalto Médio”²⁶.

Na exposição sobre o Rio Passo Fundo, o desenvolvimento da cidade é percebido a partir das margens do rio. É analisada pela ótica da relação do ser humano com o rio, dos grupos sociais com o recurso natural, a importância do mesmo para o desenvolvimento da cidade.

Uma nova abordagem rompe com o discurso do progresso. De igual maneira, nas duas exposições, tem-se o sujeito defronte ao Patrimônio. Mas a novidade se refere à tipologia de Patrimônio a ser analisada: o Rio que dá nome à cidade de Passo Fundo. Importante salientar que a exposição teve como fonte primária, entrevistas dos moradores ribeirinhos (MHR, 2016), ou seja, se busca pesquisar a relação sujeito histórico e Patrimônio, ouvindo e colocando a centralidade da narrativa de grupos que possuem uma relação íntima com o rio, com o Patrimônio explorado na exposição. Assim, é na própria comunidade que o museu vai buscar subsídios para a elaboração da exposição, relação essencial para os museus não fetichizados²⁷. Além disso, na expografia, essa parcela da comunidade que subsidiou a pesquisa expositiva se faz presente, uma vez que os vídeos das entrevistas estão disponíveis para acesso dos visitantes juntamente com fotografias feitas durante o processo de coleta de informações.

Aliás, a participação da comunidade nas exposições do MHR é recorrente. Sempre houve um movimento de busca de empréstimo de acervo, de coleta de informações para a pesquisa e montagem expositiva. A exposição “Além das quatro linhas”, realizada em 2011, contou com um grande número de empréstimo de acervo da comunidade, conforme documentos dos arquivos da referida exposição (MHR, 2011). A temática da exposição era de como questões políticas (partidos políticos), sociais se refletiam nas disputas dentro do campo de jogo de futebol – as quatro linhas. Foram realizadas diversas entrevistas com ex-jogadores dos diferentes times da cidade, narradores, torcedores e entusiastas do futebol do município, dando voz à comunidade, que colabora na produção da exposição.

²⁶ Para maiores esclarecimentos ver KNACK, Eduardo R.J. Passo Fundo e a construção do imaginário de capital do planalto: comemoração, memória, visualidade e políticas. PPGH- PUC, RS.

²⁷ Do conceito de objeto fetiche que, conseqüentemente, “produz” o museu fetichizado, Meneses (1997) aponta que “a fetichização tem que ser entendida como deslocamento de atributos do nível das relações entre os homens, apresentando-os como derivados dos objetos, autonomamente, portanto naturalmente. (MENESES, 1994, p. 26-27).

A exposição de 2018, tinha como objetivo pesquisar o

[...] contexto histórico e social de todo o percurso do Rio Passo Fundo até a foz no Rio Uruguai, mapeando o circuito do patrimônio histórico-cultural, focalizando os personagens (indígenas, espanhóis, tropeiros, milicianos, escravos e imigrantes) que de alguma forma construíram suas histórias nas margens dos 30 municípios, abrangidos pela Bacia Hidrográfica (MHR, 2018, p. 1).

Nesse sentido, o módulo inicial da exposição, a apresentação do vídeo com a indígena Kring, o Caboclo João e o tropeiro Inácio se contrapõem à historiografia de Oliveira e Gehm, uma vez que nelas esses grupos ficam à margem do processo de desenvolvimento de Passo Fundo. Acerca dos indígenas, Oliveira pontua que “[...] terríveis Coroados, cuja cólera seria fatal ao branco audacioso que nele fosse domiciliar-se, atendendo-se à guerra sem tréguas que lastrava entre as duas raças.” (OLIVEIRA, 1990b, p. 74). Gehm reforça a imagem de que os grupos indígenas seriam a ameaça aos “brancos civilizados” assinalando que “Periodicamente, esses índios, punham o povoado em sobressalto, atacando em rumos diferentes, abatendo escravos, animais, devastando roças e depredando o que viam pela frente”. (GEHM, 1978, p. 16).

O texto da pesquisa para a exposição cita que

Com a criação do aldeamento Nonoai em especial na década de 1850, o território do indígena Kaingang²⁸ sofre profundas transformações com a chegada do colono europeu e com ação dos fazendeiros e estanceiros, que vão constantemente gerar conflito pelas disputas das terras indígenas. O Kaingang, então, foi retirado do seu espaço que era antes sua sobrevivência baseados na pesca na caça e na coleta, no momento em que são aldeados sua sobrevivência se restringe a agricultura que exige uma vida sedentária. Nos aldeamentos, o Kaingang seguiu regras de convivência estipuladas por um diretor que, entre outras coisas, determinou o tipo de plantio e a religião a ser seguida, o que acabou gerando novos conflitos, pois o Kaingang estava perdendo seu espaço e sua cultura com a chegada dos emigrantes (MHR, 2016, p.20).

Com a sua fala na animação, Kring coloca os indígenas como protagonistas, como construtores dessa cidade-artefato. Desse modo, se tem a oposição ao imaginário construído, em relação aos grupos indígenas na historiografia analisada

²⁸ “A denominação Kaingang foi dada a partir do século XX para identificar toda população indígena do sul do Brasil que não fosse Tupi-Guarani, entre os séculos XVI a XVIII eram denominados de guaianá e no século XIX eram conhecidos como Coroados.” (MHR, 2016, p.20).

por esse estudo: de ferozes, hostis, cólera (OLIVEIRA, 1990), a partícipes do processo de desenvolvimento da cidade.

Os caboclos também serão colocados como sujeitos na construção de Passo Fundo pela exposição, uma vez que “Não há menção aos escravos e caboclos, elementos excluídos ou marginalizados nas páginas da história municipal” (KNACK, 2016, p. 257). João, o caboclo, se apresenta no vídeo com a seguinte fala:

[...] sou um caboclo, um camponês nacional. Já vi muito dessa terra, cuidei de gados nas grandes estâncias, troquei experiências com os povos indígenas e aprendi com seus hábitos. Já me alistei como soldado em tropas e comercializei desde mulas e cavalos até gado vacum. Nós, caboclos, sempre tivemos uma vida à margem da sociedade, servindo de mão-de-obra a fazendeiros, ervateiros e madeireiros. Apesar de alguns imigrantes nos tratarem como “inferiores”, quando chegaram na região, eles viram que nossas formas de cultivo funcionavam bem e passaram a utilizá-las. (GRUPOS, 2018).

Segundo Rückert, os caboclos já figuravam nas matas e ervais desde os séculos XVII e XVIII e

Com atividades extrativistas nômades junto aos ervais, raramente se fixam, deslocando-se sistematicamente em busca de novos ervais. Como os milicianos ocupam grandes extensões de campo, os caboclos permanecem excluídos do acesso à terra (RÜCKERT, 1997, p. 28).

Eliminados da historiografia de Oliveira e Gehm, esses atores são lembrados na exposição do MHR. A interação de João, personagem do vídeo, e o texto de pesquisa expositiva deixam claro que havia um embate entre caboclos e imigrantes pelo território, pela posse e utilização das terras.

Esses contatos tinham como uma de suas principais marcas a forma conflituosa com que se desenvolviam, pois uma de suas bases de realização eram os preconceitos que esses grupos guardavam entre si. Tornando-se por vezes símbolo verbal de “inferioridade cultural”, chegando mesmo a ser insulto na boca do teuto-brasileiro. “Caboclo” é o homem que não trabalha, que é analfabeto e cachaceiro. Em algumas regiões, o caboclo é chamado Schlammburger, quer dizer, alguém que habita um “castelo de lama”. (BOUJADI, 2016, p.18).

Entretanto, na exposição, os imigrantes apenas são citados na fala de João, bem como o caboclo não é apresentado como termo pejorativo. O texto de pesquisa da exposição, menciona que

O “caboclo”, do ponto de vista racial, já foi descrito como formado por pessoas que não são negras, brancas ou índias, mas mestiças. Do ponto de vista econômico, em sua maioria, os estudos produzidos indicam que se trata de lavradores pobres que praticam um tipo específico de agricultura voltado à subsistência, os quais, no sul do Brasil, entraram em contato direto com as frentes de colonização imigrante. Todavia, do ponto de vista cultural, a indicação é a de que eles guardavam formas próprias de se relacionar com o mundo natural, com a religião e com a sociedade mais ampla da qual participam. (BOUJADI, 2016, p.16).

O último integrante na animação era o tropeiro Inácio que representa um grupo que, como os demais, auxiliou no desenvolvimento de Passo Fundo. Os tropeiros passavam pelo município com destino a Sorocaba, conduzindo tropas muares para a comercialização. No vídeo, Inácio se apresentava como

[...] tropeiro, uma espécie de comerciante viajante. Andei por grande parte desse Brasil. Conduzi tropas de mulas, de gados e de cavalos, que levava para vender em grandes feiras. Desbravei muitas terras, e ao final de cada dia, acampava nessas localidades. Com isso surgiram vários povoados que se tornaram municípios. É o caso de Passo Fundo. Esta região fazia parte do “Caminho da Vacaria”, rota utilizada por nós [...] (GRUPOS, 2018).

De fato a animação possibilita a participação de representantes dos referidos grupos invisibilizados pela historiografia de Oliveira e Gehm. Mas o que devemos atentar é que a interação desses grupos não ocorreu de forma harmoniosa, como o vídeo propõe.

A pesquisa que serviu de embasamento para a montagem e mediação da exposição, apresenta o município como importante via de comunicação entre o sul e São Paulo, ou seja,

[...] Esta região fazia parte do “Caminho da Vacaria”, rota clássica utilizada pelos tropeiros. O povoado começou nas primeiras décadas do século XIX, quando os colonizadores penetraram a região e os tropeiros, vindos da fronteira sul, passaram a fazer pousada obrigatória no “passo fundo”, como medida de segurança. A região era ocupada por indígenas que atacavam as tropas de mulas, principalmente no lugar denominado “Mato Castelhana” que era assim chamado por ser muito denso. Os tropeiros preferiam cruzar a zona do matagal, durante o dia e por isto pernoitavam no “passo fundo” (assim denominado por se localizar na baixada de duas colinas). (MHR, 2016, p.2).

Desse modo, a exposição segue representando, com a maquete do percurso do rio (MHR, 2016), o espaço de interação entre sujeitos e meio ambiente. Aliás, Oliveira assinala que o progresso de Passo Fundo se dá devido a soma da instalação da estrada de ferro e de seus recursos naturais

Dispondo de recursos naturais tão amplos e tendo, ainda, para recomendá-lo, a salubridade notável do seu clima e a pureza das suas águas, de certo que, com os trilhos de aço que o vinculam a grandes mercados e a grandes portos, permitindo a expansão do seu comércio apoiada na operosidade de sua lavoura e indústria, reúne ele todos os requisitos, todas as possibilidades para o esplendoroso porvir que lhe desejamos. (OLIVEIRA, 1990a, p.221).

Pontua que o

Território de imensas riquezas naturais, todo homem diligente possui nele um vasto campo sempre aberto à sua atividade, à sua iniciativa, já explorando a mata na extração de madeiras e de um sem número de produtos vegetais de imediata colocação no mercado como a erva-mate, cascas para curtume, lenha para as numerosas fábricas, etc., já revolvendo o solo em busca da pedra ágata e cristais de rocha, que são abundantíssimos, ou, enfim, empreendendo qualquer especulação das que um meio tão rico pode proporcionar a sua diligência. Nele só não tem ocupação quem não pode ou não quer trabalhar, porque meios, como se vê, não faltam, antes sobram. (OLIVEIRA, 1990a, p. 81).

No módulo ao lado da maquete, computadores e fones de ouvido permitiam que os visitantes assistissem às entrevistas com os ribeirinhos. Desse modo, a exposição vai mostrando uma cidade construída por diversos grupos sociais, por diversas mãos e com diversas vozes. Além disso, algumas fotografias do processo de elaboração e montagem da exposição foram expostas, novamente materializando a presença da comunidade na expografia da mostra.

A narrativa expositiva é finalizada com o módulo “Memórias são gotas do Tempo”, no qual fotografias do Rio Passo Fundo, bem como de sujeitos interagindo com o mesmo, que datam das décadas iniciais do século XX, são apresentadas aos visitantes. Compondo a narrativa, fotografias mais recentes do Rio encerram a exposição, evidenciando as mudanças que foram ocorrendo no seu entorno, assim como as alterações possibilitadas pelo recurso natural, protagonista principal da exposição.

As duas exposições parecem se completar, uma vez que a historiografia de Oliveira e Gehm coloca o progresso da cidade alicerçada em dois fatores principais: a localização geográfica de Passo Fundo e seus recursos naturais e a instalação da estrada de ferro. Assim, a exposição de 2004 contempla o progresso através da configuração urbana provocada pela estrada de ferro e a segunda (2018) aborda o

desenvolvimento do município a partir de uma nova perspectiva de análise: um recurso natural da cidade e região, o Rio Passo Fundo.

A historiografia de Oliveira e Gehm serve de base para as pesquisas das exposições, como se observa nas referências bibliográficas dos documentos acessados para este estudo. Entretanto, elas não são seguidas como um manual ou fonte de verdade absoluta, uma vez que foram utilizados também estudos da “historiografia recente e crítica” (KNACK, 2016, p. 163). Assim, tem-se momentos de divergência e convergência entre a historiografia de Oliveira e Gehm e da narrativa apresentada pelas exposições.

Aspecto fundamental de divergência é o de inserir os grupos excluídos por Oliveira e Gehm nas narrativas expositivas, possibilitando uma compreensão mais ampla da participação desses sujeitos no processo de constituição da cidade. Afinal, uma cidade é construída por todos que naquele território estão e estiveram.

Ao analisar-se as duas obras historiográficas percebe-se um ponto em comum entre as mesmas: o fio condutor da narrativa é o progresso da cidade. Fatos são descritos, personagens são lembrados por terem promovido o progresso de Passo Fundo. Entretanto,

A obra de Xavier e Oliveira foi oficializada como “a” história. Sua percepção sobre o passado, presente e futuro (categorias, como já apontado, indissociáveis do trabalho do historiador), com a permanência de alguns elementos que marcavam seu pensamento expresso na obra Terra dos Pinheiraes de 1927 possibilitou o entrecruzamento de dois regimes de historicidade: um condizente com a percepção de passado necessária às expectativas futuras (progressista, com sua ênfase no futuro) que pairavam em torno das comemorações e marcavam o imaginário social da época (presente, sobretudo, nos discursos políticos), e outro marcado pelo saudosismo, pelo respeito e admiração do passado (presente especialmente nas obras históricas). Isso não significa, necessariamente, uma tensão, um conflito de interesses e visões. Xavier e Oliveira não era contrário ao progresso, mas observava com nostalgia suas consequências [...] (KNACK, 2016, p. 152).

Quando se analisam os atores promotores do desenvolvimento da cidade, tem-se na exposição de 2004 uma convergência com Oliveira e Gehm, uma vez que as edificações representadas na mostra representam a elite política, econômica e intelectual de Passo Fundo. Além disso, o progresso evidenciado na narrativa expositiva compartilha das ideias dos autores estudados. Entretanto, é necessário salientar que o objeto da exposição de 2004 era o patrimônio edificado, a sensibilização da comunidade frente à derrubada do mesmo, entendendo o processo

de modernização urbana de Passo Fundo, sendo a instalação da via férrea um marco para a cidade. Nesse sentido, o recorte do tema guia para uma seleção de vestígios pertencentes a elites econômica e política.

Na exposição de 2018, a divergência entre historiografia e narrativa ocorre justamente por serem apresentados como protagonistas desse processo de desenvolvimentos grupos sociais esquecidos ou estereotipados pela historiografia de Gehm e Oliveira. Assim, a narrativa expositiva de 2004 apresenta maior convergência com as produções historiográficas analisadas por apresentar um discurso de progresso. Esse progresso será possibilitado por eventos articulados e executados por atores dos grupos hegemônicos, a exemplo da instalação da estrada de ferro. A narrativa expositiva de 2018 possibilita que diferentes protagonistas do desenvolvimento da cidade apareçam no cenário de sua construção, além de nova perspectiva de abordagem: patrimônio ambiental e natural.

CONCLUSÃO

O Museu Histórico Regional de Passo Fundo, ao longo de suas quatro décadas de existência, se constituiu em importante espaço de salvaguarda de objetos, que materializam aspectos da história da cidade. A sua reorganização no ano de 1996, com alteração do nome de Museu Histórico-Cultural para Museu Histórico Regional, possibilitou, além da troca da nomenclatura, a adoção de um novo conceito de museu alterando assim o sistema de trabalho da instituição. Dessa forma, o MHR passou a comunicar seu acervo com exposições temáticas de longa e curta duração e desenvolveu ações de educação para o patrimônio, contribuindo para a construção de consciência histórica e patrimonial da comunidade. Ainda, a composição de quadro funcional com museóloga, professor e acadêmicos dos Cursos de História, de Jornalismo e de Design Gráfico permitiu que o MHR implantasse e desenvolvesse atividades de salvaguarda e comunicação do patrimônio à comunidade local. Entretanto, com a diminuição do quadro de profissionais que, atualmente, conta apenas com uma funcionária e dois estagiários, além da indefinição acerca da renovação do convênio entre Universidade e Prefeitura de Passo Fundo se tem o comprometimento do trabalho desenvolvido na/ pela instituição. Importante ressaltar que a pandemia de COVID 19 obrigou a todos a fazer readaptações, mas de forma alguma pode ser utilizada como justificativa de sucateamento ou até mesmo fechamento de museus.

É possível concluir que a relação entre a historiografia de Oliveira e Gehm e as narrativas expositivas, questão que orientou a pesquisa, é de encontros e desencontros. Ao se analisar os documentos do MHR se percebeu que, na maioria das exposições, as obras desses autores constam como fonte consultada. Entretanto, as perspectivas dos autores são, muitas vezes, problematizadas com aporte de outras abordagens, outros autores, enfim, escritas da história de Passo Fundo produzidas no âmbito acadêmico, apoiadas em conceitos e metodologias que têm possibilitado emergir passados silenciados, dando visibilidade a grupos tradicionalmente marginalizados. Alguns temas privilegiados pelas exposições realizadas a partir de 1996 colocam no centro das discussões problematizações que divergem da historiografia produzida por Oliveira e Gehm, a exemplo do papel da mulher na

sociedade passo-fundense e a participação de grupos indígenas e afro-brasileiros no desenvolvimento do território.

No caso específico da análise deste estudo, as exposições “Município, História(s) e Patrimônio” e “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político” também revelam esses encontros e desencontros com a historiografia de Oliveira e Gehm. Enquanto a primeira adota o discurso que associa a trajetória arquitetônica da cidade à ideia de sucessão de estágios em direção ao progresso, perspectiva presente nas obras de ambos os autores estudados, a segunda exposição aborda a cronologia e a linearidade do tempo do progresso e busca colocar na interação dos diferentes grupos sociais que habitaram a região com o Rio Passo Fundo a centralidade das discussões. Ainda, assinala como protagonistas do desenvolvimento do território sujeitos pertencentes a grupos sociais silenciados e estigmatizados pelas obras analisadas.

Somado a isso, analisar as obras da historiografia e as narrativas expositivas com as lentes de Meneses (2003) permitiu observar que museu e cidade são dinâmicos. A todo instante, a brisa do tempo afaga nosso rosto e o tic-tac do relógio assobia em nosso ouvido nos mostrando que o tempo não para. Assim é dentro de uma instituição museal também. A cada barulho do pincel tirando a poeira do objeto, a cada abertura dos traineis é uma volta ao passado, mas tendo a certeza de que se continua seguindo em direção ao futuro. Meneses permite observar que muitas mãos são responsáveis pela construção do espaço urbano e que nada é posto nele sem que haja intenções e representações.

É preciso levar em consideração também algumas questões que perpassam a lacuna temporal entre a exposição de 2004 e de 2018. É um espaço de tempo que compreende quatorze anos, ao longo dos quais ocorrem algumas transformações, principalmente, em relação a produção historiográfica de Passo Fundo e da estruturação física do MHR.

A primeira alteração no decorrer dos quatorze anos entre a apresentação da exposição “Município, história(s) e patrimônio(s)”, de 2004, e “Rio Passo Fundo: patrimônio histórico-cultural, econômico e político”, de 2018, refere-se à produção historiográfica da cidade que ainda é tímida na primeira década de 2000. Embora comecem a surgir dissertações oriundas do Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, o número de publicações - artigos, livros, capítulos de pesquisas acadêmicas – eram ainda escassas. A exposição de 2018, que traz o

Rio Passo Fundo como tema, apresenta um arcabouço teórico mais robusto, apoiado em bibliografia concernente a diferentes temas da história da cidade, assim como em um espectro mais amplo de fontes de pesquisa.

O fato da exposição de 2018 ter sido financiada por um edital da Caixa Econômica Federal também configura importante diferenciação em relação à outra exposição analisada. Como mencionado, o MHR não dispõe de orçamento próprio. Em 2004 os recursos financeiros disponíveis, além de reduzidos, eram repassados para serem utilizados pelo MHR e pelo MAVRS. Com o aporte do edital de 2018 foi possível contratar mais profissionais para trabalhar na pesquisa e na elaboração e montagem da exposição.

Importante salientar que o MHR pareceu sempre ser tratado como um ônus, um projeto que figurava em segundo plano, se comparado ao Museu de Artes Visuais Ruth Schneider. Foi preciso, por exemplo, encampar a ideia de organização do Museu Histórico que tinha sede física, no ano de 1996, para se assegurar um local para a instalação do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider. A não inserção do Museu Histórico Regional nem no organograma da Universidade de Passo Fundo nem da Prefeitura Municipal, e por consequência a inexistência de dotação orçamentária específica para o MHR, evidencia o quanto a instituição sempre foi vista à sombra do MAVRS pelas mantenedoras. Neste cenário, a dedicação e profissionalismo de funcionários(as) e estagiários(as) foram decisivos para manter o Museu Histórico Regional atuante, seja na gestão de seu acervo, na realização de exposições ou na ampliação de ações para a educação para o patrimônio. Vale notar que a participação em editais do IBRAM e da Prefeitura de Passo Fundo vem assegurando a realização de projetos importantes para o Museu, a exemplo da mobiliário para reserva técnica, exposições itinerantes, oficinas de educação patrimonial.

É preciso destacar ainda que o Museu Histórico Regional se configura em importante laboratório de aprendizagem para acadêmicos do curso de Graduação em História, Jornalismo, fato que contribui também para manter a vitalidade da instituição. Diversos estagiários e estagiárias que passaram pelo MHR tem o interesse de seus temas de pesquisa iniciados no período em que estavam como colaboradores do MHR. Muitas dessas pesquisas expositivas resultaram em trabalhos apresentados em

seminários, congressos, mostras de iniciação científica²⁹. São muitos os exemplos de acadêmicos(as) que estagiariam na instituição e deram continuidade à produção de conhecimento a partir de temas pesquisados durante o estágio. Nesse sentido, é possível afirmar que a parceria do Museu com a Universidade enseja uma produção historiográfica da cidade renovada, que abre novos horizontes interpretativos.

O Museu Histórico Regional é um espaço repleto de possibilidades de pesquisa. A análise comparativa entre narrativas expositivas e historiografia da cidade da primeira fase, certamente, não se esgota no exercício feito por essa dissertação. Há um campo fértil para discussões e de construção do conhecimento a ser trilhado, quando confrontadas a escrita da história e as narrativas expositivas no MHR. Basta lembrar a produção extensa de exposições temáticas, que são leituras do passado da cidade feitas pelo MHR. A título de exemplos, citam-se: “O que é o Gaúcho?”, “Encontro das Culturas que formaram a região”, “I mostra de memória Imaterial: religiosidade”, “Memória e Patrimônio Imaterial- Cultura Afro em Passo Fundo” e “Capítulos da História de Passo Fundo: Parte 1- A ocupação do território- Personagens ocultos e oficiais”.

O acervo do Museu, por sua vez, permite e carece de indagações de aspectos acerca da sociabilidade, das relações de poder, de sujeitos ainda invisibilizados pelas produções historiográficas e pela própria dinâmica museal. A análise da relação museu X comunidade necessita de estudo mais aprofundado, que possa verificar que representação o visitante tem do museu e o que espera ou deseja dessa instituição. Somado a isso, as técnicas de conservação, preservação, catalogação também demandam pesquisas para melhor proteger e comunicar o acervo.

Nesse sentido a instituição se coloca como lugar de pensar a cidade. De analisar com criticidade os recortes da história de Passo Fundo. Mas também alterna momentos de espelhar o que está posto na trama urbana, na historiografia da cidade em sua primeira fase. São encontros e desencontros, convergências e divergências entre o pensar e espelhar. Fato que não desmerece o trabalho realizado pela

²⁹ A exposição que se analisou nesse estudo, “Município, história(s) e patrimônio(s)” despertou o interesse de pesquisa de um dos estagiários que participou de sua elaboração, Eduardo Roberto Jordão Knack. O tema foi pesquisado e resultou na dissertação de Mestrado “Modernização do espaço urbano e patrimônio histórico: Passo Fundo/RS” pelo Programa de Pós Graduação em História- UPF no ano de 2007. Ainda, atuou como Coordenador do Setor Educativo do MHR e em 2016 defendeu sua tese de Doutorado “Passo Fundo e a construção do imaginário de capital do planalto: comemoração, memória, visualidade e políticas públicas” pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

instituição, pois mostra que ela é dinâmica e está sujeita as alterações do contexto do qual está inserida.

Sem dúvida, o Museu Histórico Regional se apresenta como espaço de fundamental importância para a comunidade de Passo Fundo, seja comunicando o acervo que materializa a história da cidade e, conseqüentemente, história de cada passo-fundense, seja como laboratório para formação de diferentes profissionais e local de pesquisa para diferentes áreas de conhecimento. Desse modo, é necessário que as instituições mantenedoras atentem para a continuidade dos trabalhos do MHR, observando a definição referente ao convênio entre UPF e PMPF, a recolocação dos profissionais necessários para o bom funcionamento do museu, bem como os melhoramentos na infraestrutura do espaço. Afinal, um museu que possibilita que o munícipe conheça a sua história deve estar vivo, sempre!

REFERÊNCIAS

- AVILA, N. **O Historiador Passo-fundense Antonino Xavier**. Dissertação (Mestrado em História)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p 207.1993.
- AVILA, Ney Eduardo Possapp d'. **Passo Fundo terra de passagem**. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.
- BACZKO, B. Imaginação social. Enciclopédia Einaudi. v.5. Porto: Casa da Moeda, 1986. p. 296-332
- BATISTELLA, Alessandro; BACCIN Diego José. **História Memórias e Representações**. Passo Fundo: Saluz, 2016.
- BATISTELLA, Alessandro; KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Antologia do município de Passo Fundo: a cidade e a região durante os séculos XVII, XVIII e XIX. In: BATISTELLA, Alessandro. (org.). **Passo Fundo, sua história**. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- BOUJADI, Mariana, et al. PESQUISA HISTÓRICA DA EXPOSIÇÃO “RIO PASSO FUNDO: PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO, NATURAL, AMBIENTAL, HISTÓRICO-CULTURAL, ECONÔMICO E POLÍTICO”. [Texto não publicado]. Passo Fundo, 2016. Disponível para consulta no Setor de Arquivo e Documentação do Museu Histórico Regional de Passo Fundo-MHR.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S.A., 1989.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937** – Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 10 jan. 2020.
- CALAF, Roser; GUTIÉRREZ, Sué. La ciudad como museo: Interpretaciones para construir utopía y urbanidade. **MIDAS**, vol.4, 2014, Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/728#entries>. Acesso em: 29 set. 2019.
- CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. 2. Ed., 15 reimpressão São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CHAGAS, M.STORINO, C. MUSEU, PATRIMÔNIO E CIDADE: camadas de sentido em Paraty. Cadernos Sociomuseologia: Patrimônio, Política e Sociomuseologia, v.47, n 3, p 71-90, 2014. Disponível em <https://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/647>. Acesso em 20 de maio 2020.
- CHAMPIGNEULLE, Bernard. A “Art Nouveau”. São Paulo, Ed. São Paulo, 1976.
- DIEHL, Astor Antônio (org.) Passo Fundo uma história várias questões. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997. p.193-201.

FRANDOLOSO, Marcos Antonio Leite. O desenvolvimento da educação patrimonial e das políticas de preservação do patrimônio cultural em Passo Fundo. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). *Patrimônio, Memória e Poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo*. Passo Fundo: Méritos, 2011.

GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1978.

GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982.

GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982.

GEHM, Delma Rosendo. Museu. O NACIONAL, Passo Fundo, ano 53, 06 e 07 ago.1977, p. 9.11

GERTZ, R. E.; NEVES, A. A. B. (Coords.). *A nova historiografia alemã— Diálogos Brasil- Alemanha nas ciências humanas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Instituto Goethe, Instituto Cultural Brasileiro-Alemão, 1987.

GOLIN, Tau. Hegemonia gauchesca. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). *Patrimônio, Memória e Poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo*. Passo Fundo: Méritos, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da Perda: os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os museus e a cidade. In, ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (orgs.) **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GREENBLATT, Stephen. Resonance and wonder. In: KARP, Ivan; LAVINE, Steven L. (Ed.). **Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991. p. 42-56.

GUARESCHI, Elydo Alcides. **O processo de construção da Universidade de Passo Fundo**. Passo Fundo: UPF, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **“A memória coletiva”**. São Paulo: Vértice. 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ICOM, 1972I. MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE - ICOM, 1972. **Cadernos De Sociomuseologia**, v. 15, n. 15. Obtido de <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/335>

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do museu**. P.19-32. In: BRASIL, Ministério da Cultura, Departamento de Museus e Centros Culturais. Caderno de Diretrizes Museológicas. Brasília: 2006.

KNACK, Eduardo R. J. **Passo Fundo e a construção do imaginário de capital do planalto**: comemoração, memória, visualidade e políticas públicas. Tese Doutorado-PUCRS, 2016. 468p.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. O CENTENÁRIO DE PASSO FUNDO EM 1957 E A CONSTRUÇÃO VISUAL DA CAPITAL DO PLANALTO. In: XII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2012, Rio Grande.

LE GOFF, Jacques. “Documento /monumento”, In: **Memória-História, Enciclopédia Einaudi**, vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

MACHADO, Ironita Policarpo. CULTURA HISTORIOGRÁFICA REGIONAL E IDENTIDADE: uma possibilidade de análise (1980-1995): Passo Fundo, RS. (Mestrado em História). Passo Fundo: UPF, 2000.

MACHADO, Ironita Policarpo. MIRANDA, Fernando Borgmann Severo de. Lugar de passagem: toponímia e patrimônio. In: MACHADO, Ironita Policarpo; ZANOTTO, Gizele (Orgs). Momento Patrimônio- Vol. II. - Passo Fundo: Aldeia Sul; Berthier, 2013.

MAESTRI, Mário. Breve história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais. Passo Fundo: UPF, 2010.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v.2, n. ser, p. 9-42, jan/dez.1994.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos; CÊÇA, Guimarães. (Org.). Livro do Seminário Internacional “Museus e cidades”. Rio de Janeiro: Museu de Histórico Nacional, p. 255-281, 2003.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. 1992. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rieh/article/view/70497>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MHR. **Grupos sociais que contribuíram para o desenvolvimento de Passo Fundo**. Passo Fundo: MHR, 2018. 1 vídeo. Disponível para consulta no Setor de Arquivo e Documentação do Museu Histórico Regional de Passo Fundo-MHR.

MHR Projeto da Exposição “Município, História(s) e Patrimônio”. [Texto não publicado]. Passo Fundo, 2004. Disponível para consulta no Setor de Arquivo e Documentação do Museu Histórico Regional de Passo Fundo-MHR.

MHR Projeto da Exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político”. [Texto não publicado]. Passo Fundo, 2018. Disponível para consulta no Setor de Arquivo e Documentação do Museu Histórico Regional de Passo Fundo-MHR.

MHR Relação de Acervo exposto na Exposição “Além das 4 linhas”. [Texto não publicado]. Passo Fundo, 2010. Disponível para consulta no Setor de Arquivo e Documentação do Museu Histórico Regional de Passo Fundo-MHR.

MHR Relação de Acervo exposto na Exposição “Município, História(s) e Patrimônio”. [Texto não publicado]. Passo Fundo, 2004. Disponível para consulta no Setor de Arquivo e Documentação do Museu Histórico Regional de Passo Fundo-MHR.

MHR Relação de Acervo exposto da Exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político”. [Texto não publicado]. Passo Fundo, 2018. Disponível para consulta no Setor de Arquivo e Documentação do Museu Histórico Regional de Passo Fundo-MHR.

MHR Texto de Monitoria da Exposição “Município, História(s) e Patrimônio”. [Texto não publicado]. Passo Fundo, 2004. Disponível para consulta no Setor de Arquivo e Documentação do Museu Histórico Regional de Passo Fundo-MHR.

MHR Texto de Monitoria da Exposição “Rio Passo Fundo: patrimônio paisagístico, natural, ambiental, histórico-cultural, econômico e político”. [Texto não publicado]. Passo Fundo, 2018. Disponível para consulta no Setor de Arquivo e Documentação do Museu Histórico Regional de Passo Fundo-MHR.

MONTEIRO, Paulo. “Passo Fundo Tchê”- um projeto que deu certo.2009. Disponível em <https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=85776>. Acesso em: 01 mar. 2021.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. PucSão Paulo, (10), dez. 1993.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Annaes do município de Passo Fundo aspecto geográfico. Vol. I. Passo Fundo: UPF, 1990a.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Annaes do município de Passo Fundo aspecto histórico. Vol. II. Passo Fundo: UPF, 1990b.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Annaes do município de Passo Fundo aspecto cultural. Vol. III. Passo Fundo: UPF, 1990c.

O NACIONAL, Passo Fundo, ano 53, 20 de jul. 1977, p. 1.

O NACIONAL, Passo Fundo, ano 53, 31 de ago. de 1977, p.5.

PASSO FUNDO. Lei 1992, de 28 de novembro de 1980 - Projeto Turístico “Passo Fundo, Tchê!”.

PASSO FUNDO. Lei nº 52/ 1977, de 06 de agosto de 1977- Cria o MHC.

PASSO FUNDO. Lei nº 12.993/2008 - Prédio que abriga os Museus Histórico Regional e de Artes Visuais Ruth Schneider passa a integrar o conjunto do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

PASSO FUNDO. Lei nº 2.608, de 25 de setembro de 1990. Determina o tombamento de prédios para integrarem o patrimônio histórico de Passo Fundo, e dá outras providências.

PASSO FUNDO. Lei nº 3.122, de 27 de Junho de 1996 - Convênio assinado entre Universidade de Passo Fundo e Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

PASSO FUNDO. Lei nº 4.097 de 24 de dezembro de 2003 - Cria o Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto.

PASSO FUNDO. Primeiro aditivo ao convênio firmado entre o município de Passo Fundo e a Fundação Universidade de Passo Fundo, referendado pela lei nº 3122 de 27 de junho de 1996.

PESAVENTO, Sandra J. A cor da alma: ambivalências e ambigüidades da identidade nacional. Ensaio FEE, Porto Alegre, v.20, n.1, p.123-133,1999.

PESAVENTO, Sandra J. CIDADE, ESPAÇO E TEMPO: REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA E O PATRIMÔNIO URBANO. Cadernos do LEPAARQ, Pelotas, v. II, nº4, Editora da UFPEL. Ago/Dez. 2005.

PESAVENTO, Sandra J. Cultura e representações: uma trajetória. Revista Anos 90. Porto Alegre, UFRGS, v. 13, n. 23-24, 2006.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMIAN, Krzystof. Coleção. In: GIL, Fernando. Memória-História. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86. (Enciclopédia Einaudi, v. 1)

QUEIROZ, Luciana S. Um museu da cidade: imaginário, debate museológico e o caso de Juiz de Fora, 2013. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2013.

RANGEL, Marcio Ferreira. A cidade, o museu e a coleção. Liinc em Revista, v.7, n.1, março 2011, p. 301 – 310, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ibict.br/liinc>. Acesso em: 29 set. 2019.

RÜCKERT, A. A. A trajetória da terra: ocupação e colonização do centro-norte do Rio Grande do Sul (1827- 1931). Passo Fundo: Ed. UPF, 1997.

SANTARÉM, Argeu. O Foca. O Nacional, Passo Fundo, ano 53, 06 e 07 ago. 1977, p. 10.

SBEGHEN, Mariane Loch. Instituições Museológicas, Instituições da Memória: história, papel e impactos dos museus passo-fundenses, 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2001.

SCORTEGAGNA, Carmen C. et al. Museu Histórico de Passo Fundo. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Desenho e Plástica)- Instituto de Artes, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 271 p, 1976.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos, 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

SOUSA, Natália Maia. MEMÓRIAS DA CIDADE: REPRESENTAÇÕES DE FORTALEZA NO MUSEU DO CEARÁ, 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

TEDESCO, José Carlos. Memória política e política da memória: os poderes da lembrança. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). Patrimônio, Memória e Poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo. Passo Fundo: Méritos, 2011.

TOMASINI, Luciane Campana. UM MUSEU, PARA QUÊ(M)? 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2019.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. Relatório de Atividades. Passo Fundo, 1996 a 2019.

UZEDA, Helena Cunha de. Os museus de cidades e o processo de interpretação da memória dos centros urbanos. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio -Unirio | MAST – vol.9, n., 2016.

VIDEA, João. Fatos e Boatos. O Nacional, Passo Fundo, ano 53, 19 jul. 1977. Coluna Fatos e Boatos, p. 10.

WICKERT, Ana Paula. Patrimônio ferroviário em Passo Fundo:do apogeu ao abandono. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). Patrimônio, Memória e Poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo. Passo Fundo: Méritos, 2011.

ANEXO 1 - EXPOSIÇÕES PROMOVIDAS PELO MUSEU MHR

	Período	Exposição	Visitantes
1	18/05/1996 a 05/08/1996	Exposição de abertura com apresentação do acervo do MHR	4.078
2	06/08/1996 a 21/10/1996	Exposição “A história no papel” – comemorativa a semana do município no MHR	3.419
3	22/10/1996 a 31/12/1996	Exposição acervo – novas doações no MHR	1.314
4	05/08/1997 a 05/10/1997	Passo Fundo - Perfil Arquitetônico - Passado e presente no MHR	2.593
5	08/04/1997 a 04/05/1997	Índio – Artesanato e modo de vida no MHR	2.184
6	06/05/1997 a 29/06/1997	A Época do Rádio no MHR	1.361
7	01/07/1997 a 03/08/1997	Armas – Instrumentos de Guerra e Paz no MHR	869
8	07/10/1997 a 30/11/1997	Músicas - Marcas na região no MHR	793
9	04/03/1997 a 06/04/1997	Mulheres Pioneiras no MHR	582
10	02/02/1997 a 15/03/1998	Numismática e Moedas Brasileiras no MHR	1.559
11	04/08/1998 a	Resgate de documentos da Região	2.647

	13/09/1998		
12	06/10/1998 a 13/12/1998	Czamanski – 61 anos de história na arte da fotografia	1.496
13	17/03/1998 a 19/05/1998	Passo Fundo – A iluminação e a CEEE	1.684
14	20/05/1998 a 29/06/1998	100 Anos da Ferrovia em Passo Fundo	960
15	30/06/1998 a 02/08/1998	Baús, dispensas e porões – Acervo MHR	654
16	14/12/1998 a	Brinquedos de nossos avós	
17	16/03/1999 a 19/05/1999	Cultura Indígena	2.541
18	03/08/1999 a 03/10/1999	Homem das Tintas Homem das Letras – Tarso de Castro	1.708
19	11/05/1999 a 26/06/1999	Trabalho Ontem e Hoje	1.069
20	01/12/1999 a	O que é o Gaúcho?	1239
21	05/10/1999 a 28/11/1999	Dá Várzea ao Vermelhão da Serra - O Futebol em Passo Fundo	1.103
22	15/07/1999 a 01/08/1999	Exposição Fotojornalística	472
23	09/11/1999 a	162 Anos da Brigada Militar	261

	21/11/1999		
24	14/03/2000 a 13/05/2000	O Cinema em Passo Fundo	4.093
25	04/04/2000 a 28/05/2000	Há quinhentos anos eles já estavam aqui	3.740
26	16/05/2000 a 06/08/2000	A medicina tradicional na região	1.678
27	08/08/2000 a 17/09/2000	Encontro de culturas que formaram a região	1.359
28	20/09/2000 a 05/11/2000	Passo fundo sobre rodas - a história	1.071
29	08/11/2000 a 17/12/2000	Couro, calçado e história	662
30	19/12/2000 a 11/03/2001	Passo Fundo – Panorama Histórico	924
31	08/05/2001 a 08/07/2001	Mostra índio Kaingang – Aspectos gerais da sua cultura	2.589
32	27/08/2001 a 03/09/2001	9º Jornada Nacional de Literatura - Prensa de Gutenberg: Réplica do séc. XVII; Vida e Obra de Gutenberg; Evolução da Escrita	2.048
33	12/09/2001 a 11/11/2001	Por uma identidade ecologicamente consciente	1.746
34	08/05/2001 a 08/07/2001	Telefonia antiga do RS	1.408

35	31/07/2001 a 19/08/2001	Aspectos da Cultura de Nossa Região	1.133
36	13/03/2001 a 06/05/2001	Mostra: Patrimônio Arquitetônico e Urbano	938
37	06/11/2001 a 06/01/2002	Desenvolvimento periférico no contexto urbano de Passo Fundo	752
38	18/09/2001 a 30/09/2001	Árvores Genealógicas	517
39	11/07/2001 a 30/07/2001	História de Pescador	330
40	02/04/2002 a 05/05/2002	Guarani e Kaingang: nosso povo esquecido...	2.079
41	02/10/2002 a 01/12/2002	Ciclo da Vida - Rituais de Passagem (Parceria com o Museu Municipal e Caxias do Sul/RS)	1.175
42	30/07/2002 a 29/09/2002	2ª Guerra Mundial: A participação dos pracinhas passofundenses	1.157
43	05/03/2002 a 31/03/2002	Os Gaúchos na república: vencedores e vencidos (Parceria com o Museu Júlio de Castilhos de POA)	799
44	07/05/2002 a 16/06/2002	Coleções	683
45	18/06/2002 a 28/07/2002	Do conservatório a FAC: 50 Anos de História da Música e da Plástica	495

46	08/01/2002 a 04/03/2002	Passo Fundo resgate do cotidiano	370
47	03/12/2002 a 31/12/2002	Arte e Brincar: o criativo universo das brincadeiras infantis	193
48	15/04/2003 a 26/05/2003	“O Nativo: estética e inclusão social” Apoio: FUNAI	1.245
49	18/03/2003 a 08/06/2003	“Pica-paus e Maragatos: uma expressiva forma de poder” Apoio: Acervo Particular Prof. Ricardo José Gomes Henriques	1.659
50	16/09/2003 a 02/11/2003	“Que nação é essa?”	849
51	10/06/2003 a 03/08/2003	“Anos JK” Apoio: Museu da República do Rio de Janeiro	913
52	01/01/2003 a 16/03/2003	Arte de Brincar: o criativo universo das brincadeiras infantis	860
53	04/11/2003 a 31/12/2003	“História ilustrada da cultura Africana e Afro-Brasileira” Organizado pelo Instituto Monteiro Lobato de São Paulo. Apoio: Jornada Nacional da Literatura	859
54	25/08/2003 a 14/09/2003	Exposições da 10ª Jornada Nacional de Literatura: “Biblioteca Folklórica Y Mitológica Consejería de cultura...” Apoio: Universidade de Extremadura Espanha	849
55	05/08/2003 a 21/08/2003	“Campanha doação de fotos: 146 anos de Passo Fundo”. Apoio: Prefeitura Mun. De Passo Fundo – Setur Comunidade passofundense	690

56	01/06/2004 a 03/10/2004	*"Getúlio Vargas: 50 anos" – Memória Regional - Apoio: Museu Olívio Otto de Carazinho	5.102
57	02/08/2004 a 17/10/2004	Passo Fundo Hoje e Ontem: Exposição Fotográfica – Apoio de fotógrafos, arquitetos e jornalistas	3.902
58	05/10/2004 a 21/12/2004	Mundo do Trabalho: História Regional	2.004
59	01/06/2004 a 01/08/2004	Município, História e Patrimônio	1.806
60	16/03/2004 a 30/05/2004	"O Golpe Militar d 1964" – 40 anos	1.782
61	16/03/2004 a 30/05/2004	1988: Constituição e Participação Popular - Exposição itinerante do Museu de República do Ministério da Cultura – Rio de Janeiro/RJ	1.782
62	07/01/2004 a 14/03/2004	Museu, Acervo e História – Acervo do MHR	321
63	21/08/2005 a 30/10/2005	11ª Jornada Nacional de Literatura - Cesar Santos: Fragmentos da história de um pioneiro	2.678
64	22/03/2005 a 12/06/2005	Nativo: Estética e inclusão social	1.839
65	14/06/2005 a 31/07/2005	Imigração Italiana 130 anos	1.166
66	01/08/2005 a 14/08/2005	Passo fundo Hoje e Ontem: Exposição Fotográfica II	1.138

67	03/11/2005 a 23/12/2005	Passo Fundo Hoje e Ontem: Exposição Fotográfica II	861
68	13/01/2005 a 20/03/2005	Museu, Acervo e História II	602
69	14/03/2006 a 30/07/2006	Fragments da música em Passo Fundo: Espaços e formas de produção e consumo	2.370
70	01/08/2006 a 08/10/2006	Passo Fundo Hoje e Ontem: Exposição Fotográfica III Edição	1.735
71	10/10/2006 a 23/12/2006	Objetos de Curiosidade (Objetos, fotografias e jornais)	1.243
72	06/01/2006 a 12/03/2006	Passo Fundo Hoje e Ontem: Exposição Fotográfica II	570
73	10/04/2007 a 30/09/2007	Passo Fundo das Flores aos Trigais	3.525
74	31/07/2007 a 30/09/2007	Passo Fundo Hoje e Ontem: Exposição Fotográfica IV Edição	1.349
75	17/04/2007 a 06/06/2007	Nativo: artesanato e inclusão social	1.134
76	06/01/2007 a 09/04/2007	Objetos e Curiosidade	997
77	12/06/2007 a 29/07/2007	60 anos da vida pública de Leonel Brizola	875

78	02/10/2007 a 02/12/2007	A História de Passo Fundo no olhar de Deoclides Czamanski	823
79	04/12/2007 a 16/03/2008	Quem guarda tem – fragmentos da memória	1.589
80	01/04/2008 a 11/05/2008	História, Memórias e Vicência do Servidor Público Municipal	2.462
81	05/08/2008 a 05/10/2008	Passo Fundo Ontem e Hoje	1.670
82	08/10/2008 a 16/11/2008	Homenagem 90 anos do HSVP	951
83	02/07/2008 a 03/08/2008	UPF 40 anos de História	773
84	13/05/2008 a 29/06/2008	Revelando os Museus de Passo Fundo	739
85	18/11/2008 a 10/12/2008	Instrumentos Musicais	109
86	22/04/2009 a 07/06/2009	Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo	1.174
87	08/06/2009 a 26/07/2009	Revolução Federalista	996
88	18/03/2009 a 19/04/2009	Arquitetura Urbana de Passo Fundo Maquetes	836

89	05/11/2009 a 30/12/2009	Bicentenário de Louis Braille e Dez Anos da APACE	796
90	08/01/2009 a 15/03/2009	Memórias...	420
91	04/08/2009 a 13/09/2009	Passo Fundo Hoje e Ontem	381
92	15/09/2009 a 03/11/2009	Quem não se comunica...	341
93	23/07/2010 a 05/09/2010	Passo Fundo Uma História Várias Questões	1.213
94	05/03/2010 a 02/05/2010	80 Anos da Coluna Prestes	1.075
95	06/05/2010 a 11/07/2010	História e Memória 40 Anos de Graduação e Dez Anos de Pós-graduação em História UPF	917
96	28/10/2010 a 30/01/2011	Além das 4 Linhas	740
97	08/09/2010 a 24/10/2010	A Constituinte na Imprensa	551
98	07/01/2010 a 28/02/2010	Um Olhar Sobre o Acervo	346
99	05/08/2011 a 31/12/2011	Há 100 Anos	2.145

100	10/05/2011 a 31/07/2011	I Mostra de Memória Imaterial: religiosidade	1.373
101	01/02/2011 a 17/04/2011	Acervo e História	949
102	19/04/2011 a 31/07/2011	6º Prêmio New Holland de Fotojornalismo	233
103	04/12/2012 a 24/02/2013	“MHR 35 anos: função social do Museu”	1.840
104	06/06/2012 a 14/08/2012	“Raízes Palestinas: História através da arte”	1.356
105	08/03/2012 a 03/06/2012	“Passos de Papel”	1.016
106	05/01/2012 a 08/04/2012	“História de Passo Fundo”	770
107	16/08/2012 a 16/09/2012	“Cultura e Folclore”	677
108	05/01/2012 a 04/03/2012	“Revisando o Acervo- Profissões”	488
109	01/08/2013 a 15/12/2013	Revisando o Acervo – Passo Fundo e suas histórias	2.778
110	05/07/2013 a 01/09/2013	UPF – 45 anos transformando a cidade (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de Filosofia, Faculdade de Artes e Comunicação, Faculdade de Agronomia, Faculdade de Direito,	995

		Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis, Faculdade de Odontologia)	
111	13/09/2013 a 27/11/2013	Brincando com o tempo: Crianças de ontem	926
112	11/11/2013 a 15/12/2013	Memória e Patrimônio Imaterial Cultura Afro em Passo Fundo	888
113	08/03/2013 a 04/06/2013	Êg Rá Nossas Marcas – Atividade integrante da “Semana Municipal da mulher de Passo Fundo”	839
114	29/01/2013 a 07/04/2013	Audiovisual no Brasil	220
115	06/08/2014 a 26/10/2014	Rede de Memórias	1.893
116	06/08/2014 a 11/10/2014	IHPF E AHR: Espaço de Memória	1.749
117	07/05/2014 a 27/07/2014	12ª Semana de Museus – Museus: coleções criam conexões – A era do rádio e suas conexões	1.270
118	07/05/2014 a 27/07/2014	12ª Semana de Museus – Museus: coleções criam conexões – a Coleção de Norberto Dias Loch	1.270
119	21/03/2014 a 25/05/2014	Mídia e Ditadura e Ditadura na Mídia	954
120	30/05/2014 a 03/08/2014	Mídia: Copa do Mundo e Futebol em Passo Fundo	909
121	02/01/2014 a	Revisitando o acervo: Passo Fundo e suas Histórias – 2ª Parte	643

	16/03/2014		
122	21/10/2014 a 17/11/2014	Sala Interativa: QR CODE no MHR	308
123	03/11/2014 a 16/11/2014	Cotidiano e Vida Doméstica (Exposição montada por Acadêmicos do Curso de História da UPF)	160
124	25/11/2014 a 25/03/2015	Meios de Comunicação e Tecnologia: uma viagem no tempo	144
125	31/03/2015 a 14/06/2015	Sagrado: a arte e o artesanato indígena, um culto a natureza	1307
126	14/04/2015 a 08/11/2015	Capítulos da História de Passo Fundo: Parte 1- A ocupação do território- Personagens ocultos e oficiais.	5.141
127	18/06/2015 a 30/07/2015	Tesouros da Reserva: diversidade de acervo	1.084
128	04/08/2015 a 27/09/2015	“Olhares” Três Gerações: Deoclides, Ronaldo e Rafael Czamanski	1.619
129	02/10/2015 a 17/12/2015	A 2ª Guerra Mundial, o Brasil e os reflexos na região	1.558
130	11/11/2015 a 22/11 2015	Hoje é Dia de Rock Bebe	435
131	26/11/2015 a 18/12/2015	Hoje ainda é Dia de Rock Bebe	488
132	22/03/2016 a 17/07/2016	Vestígios Arqueológicos- sala pequena	3.145
133	22/03/2016 a 21/11/2016	Vestígios Arqueológicos	6.721

134	21/07/2016 a 06/11/2015	Capítulos da História de Passo Fundo: Parte II- A Revolução Federalista (1893-1895) na região	2.993
135	26/09/2016 a 28/10/2016	Onde a Esperança se refugiou	934
136	09/11/2016 a 24/11/2016	Centenário de Passo Fundo	514
137	02/12/2016 a 05/03/2017	100 anos de Samba e outros Carnavais	611
138	02/12/2016 a 05/03/2017	Centenário do Clube Visconde do Rio Banco	611
139	Exposição Longa Duração	Bonecas do Festival de Folclore	7.243
140	17/03/2017 a 30/09/2017	40 anos de história: do MHC ao MHR	2.493
141	04/10/2017 a 31/10/2017	Comercial Zaffari, 60 anos de história	558
142	03/11/2017 16/12/2017	Gravuristas Gaúchos e o regionalismo	569
143	14/11/2017 a 16/12/2017	Lendas e folclore na gravura gaúcha- Coleção Paulo Dala Corte	417
144	09/01/2018 a 24/07/2018	Entre Focos e Revelações: breve histórico dos processos fotográficos	1.916
145	24/07/2018 a 04/09/2018	26 anos de Festival de Folclore	1.211
146	24/07/2018 a 13/11/2018	História e Patrimônio na cidade de Passo Fundo	1.472

147	26/09/2018 a 14/12/2018	Visões do feminino: uma história sobre a saúde da mulher em Passo Fundo	656
148	19/11/2018 a 04/12/2018	Mostra Centenário itinerante Hospital São Vicente de Paulo	217
149	26/09/2018 a 06/02/2019	Visões do feminino: uma história sobre a saúde da mulher em Passo Fundo	881
150	01/08/2019 a 16/09/2019	Casamento: tradição e simbologia em Passo Fundo e região	1109
151	18/09/2019 a 11/10/2019	“Tomas um chimarrão”	314
152	18/10/2019 a 23/11/2019	“90 anos EENAV”	817
153	26/11/2019 a 20/12/2019	O Legado de Djanira Ribeiro	174
154	01/08/2019 a 20/12/2019	A música que toca	2.596
155	02/01/2019 a 20/12/2019	Bonecas do Festival do Folclore- longa duração	2.867
156	10/03/2020 a	Centenário do Instituto Educacional Interrompida pela pandemia	